

**ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LINGUÍSTICA**

TEREZA MARACAIPE BARBOZA

**LÍNGUA GUAJAJARA: UM ESTUDO DOS FENÔMENOS LINGUÍSTICOS
INDUZIDOS PELO CONTATO COM O PORTUGUÊS**

**Cáceres – MT
2015**

TEREZA MARACAIPE BARBOZA

**LÍNGUA GUAJAJARA: UM ESTUDO DOS FENÔMENOS LINGUÍSTICOS
INDUZIDOS PELO CONTATO COM O PORTUGUÊS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguística, sob orientação da Professora Dr.^a Valéria Faria Cardoso-Carvalho.

**Cáceres – MT
2015**

TEREZA MARACAIPE BARBOZA

**LÍNGUA GUAJAJARA: UM ESTUDO DOS FENÔMENOS LINGUÍSTICOS
INDUZIDOS PELO CONTATO COM O PORTUGUÊS**

PROF^a. DR^a. VALÉRIA FARIA CARDOSO-CARVALHO
UNEMAT - ORIENTADORA

PROF. DR. ANGEL HUMBERTO CORBERA MORI
UNICAMP

PROF. DR. ALBANO DALLA PRIA
UNEMAT

PROF. DR. JOSÉ LEONILDO LIMA
UNEMAT (SUPLENTE)

Aprovada em ____/____/____

Ao povo Tenetehara/Guajajara, guerreiros que têm ultrapassado com veemência e resistência todas as formas de opressão para firmarem sua expansão social e cultural. (*Tereza Maracaipe Barboza*).

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, a Deus, pelo dom da vida, pelo conhecimento adquirido ao longo destes dois anos que contribuíram para aprimorar minha vida profissional e concluir mais uma etapa na minha vida acadêmica.

Aos meus pais, pelo incentivo, compreensão e acima de tudo pelos valores que sempre transmitiram como requisitos fundamentais para que eu pudesse ascender na vida.

Aos meus irmãos por torcerem pelo meu sucesso e estarem sempre dispostos a me ajudar.

Agradeço imensamente a minha professora e orientadora Valéria Faria Cardoso-Carvalho, pela colaboração na pesquisa e crítica construtiva. Sua exímia habilidade para transformar minhas linhas primitivas, frases deslocadas em sentenças compreensíveis e parágrafos significativos.

Sou especialmente grata a todos os professores do Programa Mestrado em Linguística, em especial a Neuza B. S. Zattar, Valdir Silva, Ana Maria Di Renzo, Ana Luiza Artiaga, Albano Dalla Pria, Edileusa Gimenes Moralis, Leila S. J. Bisinoto, Judite G. Albuquerque, Vera Regina M. e Silva, e Wellington P. Quintino pela fonte inesgotável de conhecimentos compartilhados durante a obtenção dos créditos.

Agradeço aos professores da banca de qualificação: Angel Humberto Corbera Mori e Albano Dalla Pria pelos apontamentos dados na pesquisa que contribuíram para um melhor aprimoramento e qualidade no trabalho.

Meu agradecimento especial também à Secretária do Programa Mestrado em Linguística, Cristiane Santana e ao assistente Júlio César pela competência dos serviços prestados e pela amizade.

Aos colegas de turma: Jucinéia, Bruna, Jane, Izaíldes, Karine, Ducinéia, Alessandra, Marli, Verônica, Amilton, Erisvânia, Euzélia, Graciene, Juliany, Cristiane, Gislaine, Enilce e Claudia, que juntos caminhamos em busca de algo em comum, o conhecimento. Agradeço em especial a Mileide Terres de Oliveira, minha amiga, que juntas dividimos o mesmo apartamento, as despesas e o mais importante compartilhamos leituras e as experiências da pesquisa indígena, sempre acrescentando algo de positivo, a você minhas lembranças inestimáveis bastante significativas.

À Secretaria de Educação do Município de João Lisboa-MA, pelo apoio em conceder-me a licença de trabalho para a qualificação no mestrado.

Agradeço a minha amiga Ana Carla Rio, por compartilhar comigo das mesmas lutas, angústias e dificuldades para chegar ao mestrado. Valeu a pena tanto a distância geográfica percorrida para cursar o mestrado, quanto a realização desse sonho, que outrora, parecia tão distante.

À Fundação de Amparo à Pesquisa de Mato Grosso (FAPEMAT/CAPES) pela concessão da bolsa de estudos para cursar o mestrado.

Ao povo Guajajara em geral, principalmente os que colaboraram na pesquisa, ensinando-me a estrutura e funcionamento da língua guajajara, são eles: Maria de Jesus Pompeu dos Santos, Maria de Lourdes Pompeu de Araujo, Abiezer Pereira Olímpio, José André Pompeu dos Santos, Deante Guajajara, Michel Yany Almeida Pompeu, Emanuela Zahy. A vocês devo hoje todo o conhecimento que tenho sobre a Linguística Indígena.

A todos aqueles que direta ou indiretamente deram uma parcela de contribuição para a conclusão deste curso.

Por fim, um agradecimento especial a todos aqueles que acreditaram na minha capacidade, um muito obrigado, pois só me estimularam a chegar até aqui.

RESUMO

Esta dissertação vinculada à linha de pesquisa “Descrição e análise de línguas: instituição e ensino” tem como objetivo principal analisar a situação de contato linguístico vivenciada pelos Guajajara, a qual tem apresentado fenômenos linguísticos induzidos pela situação de contato intenso com a língua portuguesa. A língua falada por esse povo é a língua guajajara, que pertence à família linguística Tupi-Guarani do tronco Tupi. Grande parte desses índios são proficientes também em português e a influência deste se faz presente no cotidiano dos nativos. A análise se apoia nos estudos da Linguística de Contato, que tem como precursores principais Weinreich (1953), Appel e Muysken (1987), Thomason (2001), Matras e Sakel (2007), entre outros que tratam dos fenômenos linguísticos advindos do contato entre línguas. Salientamos que a análise dos dados e a investigação de nossas hipóteses tiveram embasamento teórico linguístico numa perspectiva funcionalista encontrada nos trabalhos de Dixon (1986) e Anderson (cf. SHOPPEN, 1985), considerando métodos etnográficos e sociolinguísticos, que nos propiciaram capturar e caracterizar o repertório linguístico dos Guajajara. Os resultados obtidos na presente dissertação evidenciam diferentes graus de interferência da língua de contato (português) entre os falantes das três gerações pesquisadas. Essas diferenças foram refletidas na influência do português em vários níveis. No nível lexical, palavras de diferentes campos semânticos da língua de contato foram adotadas por todas as gerações pesquisadas. No nível semântico, palavras foram criadas a partir da relação com palavras do português e outros com processo de criação dentro da própria língua indígena, mas adotando o significado da língua de contato. Além das classes de palavras, classes gramaticais também são recorrentes na estrutura de orações em guajajara, como as conjunções, mostrando que o grau de contato entre ambas as línguas está além do nível lexical. Com isso, concluímos que os fatores externos à língua guajajara estão atuando na atual configuração da língua indígena, pois o contato com a sociedade envolvente é intenso.

Palavras-chave: Contato de línguas. Fenômenos linguísticos. Língua guajajara. Língua portuguesa.

ABSTRACT

This work linked to the line of research "Description and language analysis and teaching institution" aims to analyze the language contact situation experienced by the Guajajara, which has presented linguistic phenomena diminished by intense contact situation with the Portuguese language. The language spoken by these people is the Guajajara language, which belongs to the Tupi-Guarani language family of the Tupi stock. Most of these Indians are also proficient in Portuguese language and the influence of it is present in the native daily basis. The analysis is based on studies of Contact Linguistics, whose main precursors, Weinreich (1953), Appel and Muysken (1987), Thomason (2001), Sakel and Matras (2007), among others deal with linguistic phenomena arising from the contact between languages. We emphasize that the data analysis and research of our hypotheses had linguistic theoretical basis in a functionalist perspective found in the work of Dixon (1986) and Anderson (cf. SHOPPEN, 1985), considering ethnographic methods and sociolinguistic, which enabled us to capture and characterize the linguistic repertoire of Guajajara. The results obtained in this dissertation show different degrees of interference contact language (Portuguese) between speakers of three generations surveyed. These differences were reflected in the influence of the Portuguese on several levels. In the lexical level, words from different semantic fields of the contact language were adopted by all the surveyed generations. In the semantic level words were created from the relationship with words from Portuguese and others with the creation process within their own indigenous language, but embracing the meaning of the contact language. In addition to the classes of words, parts of speech are also applicants in the sentences of structure Guajajara as conjunctions. Showing that the contact degree between the two languages is beyond the lexical level. Thus we conclude that external factors to Guajajara language are working in the current configuration of the indigenous language, as contact with the surrounding society is intense.

Keywords: Language Contact. Linguistic phenomena. Guajajara language. Portuguese language.

LISTA DE MAPAS

Mapa 01 - Estado do Maranhão.....	19
Mapa 02 - Áreas Indígenas do Maranhão.....	28
Mapa 03 - Terra Indígena Cana Brava Guajajara.....	29
Mapa 04 - Terra Indígena Rodeador.....	30

LISTA DE SIGLAS

FUNAI: Fundação Nacional do Índio

SEDUC-MA: Secretaria de Educação do Estado do Maranhão

SIL: *Summer Institute of Linguistics*

SPI: Serviço de Proteção aos Índios

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ISA: Instituto Socioambiental

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 - Terras Indígenas do Maranhão.....	27
Quadro 02 - Tronco Tupi.....	33
Quadro 03 - Segmento fonético consonantal.....	35
Quadro 04 - Segmento fonético vocálico em Bendor-Samuel (1972).....	36
Quadro 05 - Segmento fonético vocálico em Silva (2010).....	36
Quadro 06 - Segmento fonológico consonantal.....	37
Quadro 07 - Segmento fonológico vocálico.....	37
Quadro 08 - Grafemas, fonemas, fones e alofones em guajajara.....	38
Quadro 09 - Grafemas, fonemas e fones vocálicos em guajajara.....	38
Quadro 10 - Nomes possuídos em guajajara.....	63
Quadro 11 - Pronomes possessivos em português.....	63

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 - Extratificação dos colaboradores da pesquisa.....	61
Tabela 02 - Língua guajajara falada no domicílio indígena.....	61
Tabela 03 - Pessoas indígenas que falam português no domicílio indígena.....	62
Tabela 04 - Terra Indígena Canabrava/Guajajara.....	84
Tabela 05 - Terra Indígena Rodeador.....	84

ABREVIATURAS

ADV= advérbio

ARG= argumento

CAUS= causativo

DEM= demonstrativo

DESC= descritivo

DESID= desiderativo

DESTRN= destransitivizador

FUT= futuro

INT= interrogativo

LOC= locativo

NEG= negação

NOM= nominalizador

(Pt)= partícula

PL= plural

POSP= posposição

POSS= possessivo

SG= singular

REFL= reflexivo

R= relacional

RLZ= aspecto realizado

V.d= verbo descritivo

V.t= verbo transitivo

Sumário

Resumo

Abstract

Lista de Mapas

Lista de Siglas

Lista de Quadros

Lista de tabelas

Abreviaturas

1 INTRODUÇÃO	15
2 GUAJAJARA: POVO, LÍNGUA E CULTURA.....	18
2.1 Povo Tenetehara: conhecimento etno-histórico.....	18
2.1.1 Formação das relações interétnicas: Tenetehara e jesuítas (1613- 1759).....	20
2.1.1.1 Fase da escravidão (1616-1652).....	20
2.1.1.2 Fase da servidão: (1653- 1759).....	21
2.2 Libertação e Transição - de servo a índio doméstico com a política do Diretório (1760-1840).....	22
2.3 Clientelismo e política indigenista imperial: (1840-1889).....	23
2.4 Transição republicana e Rebelião do Alto Alegre: (1890-1910).....	25
2.5 Política indigenista do século XX: SPI/FUNAI: (1910-1985).....	26
2.6 Guajajara: os Tenetehara donos do cocar.....	27
2.7 Cultura Guajajara.....	31
3 DESCRIÇÃO SUMÁRIA DA LÍNGUA GUAJAJARA.....	33
3.1 Afiliação genética guajajara.....	33
3.2 Da Fonética e fonologia guajajara.....	34
4 APORTE TEÓRICO SOBRE CONTATO DE LÍNGUAS.....	41
4.1 Contato ou conflito linguístico?.....	41
4.1.1 O contato entre os Guajajara, outras etnias e negros.....	45
4.2 As diferentes denominações e tipos de bilinguismo.....	46
4.3 Alguns fenômenos linguísticos induzidos pelo contato de línguas.....	48
4.4 Tipos de empréstimos.....	51
4.4.1 Empréstimos quanto à origem.....	52
4.4.1.2 Empréstimos lexicais.....	53
4.4.1.3 Empréstimos gramaticais.....	54

4.5 Hierarquias de empréstimos no contato de línguas.....	55
4.6 Resultado e mudança linguística advindos do contato.....	57
4.6.1 Contato que induz mudança na língua.....	57
4.6.1.1 Mistura de línguas extremas: uma tipologia das línguas de contato.....	58
4.6.1.1.1 A tipologia das rotas para a morte de língua.....	58
5 FENÔMENOS LINGUÍSTICOS EM GUAJAJARA INDUZIDOS PELO CONTATO COM O PORTUGUÊS.....	60
5.1 Distinções tipológicas entre o português e o guajajara.....	62
5.1.1 Nomes.....	63
5.1.1.2 Verbos.....	64
5.1.1.3 Advérbios.....	65
5.1.1.4 Partículas.....	66
5.1.1.5 Preposição e posposição.....	67
5.2 Empréstimos fonético-fonológicos.....	68
5.2.1 Empréstimos semânticos.....	74
5.3 Estrangeirismos de campos lexicais (sem adaptação ao guajajara).....	77
5.4 Adaptação sintática com alguns itens lexicais que compõem classes de palavras do português.....	82
5.4.1 Adaptação sintática de conjunções do português em guajajara.....	91
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	96
REFERÊNCIAS.....	99
ANEXOS.....	105

1 INTRODUÇÃO

O contato entre línguas existe desde o período da colonização, quando no Brasil diversas línguas circularam no mesmo espaço, dentre elas as línguas ameríndias, africanas e europeias. Estudos desenvolvidos por linguistas como Weinreich (1953), Appel & Muysken (1987), Thomason (2001) afirmam que o contato linguístico intenso induz mudanças no sistema linguístico das línguas.

O cenário de contato de línguas indígenas minoritárias em contato com línguas majoritárias, geralmente línguas oficiais, tem apresentado indícios de uma desvitalização das línguas minoritárias. No entanto, muitas vezes essa realidade é imperceptível pelos próprios falantes dessas línguas. No quadro das línguas indígenas do Brasil, Rodrigues (1994) apresenta uma estimativa de 1.175 línguas indígenas sendo faladas no momento da chegada dos europeus, sendo que apenas 180 dessas conseguiram sobreviver. Os dados contabilizados pelo autor revelam que o contato entre colonizadores e índios resultou drasticamente na perda das línguas dos povos indígenas. Na atualidade, a real situação das línguas indígenas no país não é diferente, tendo em vista que grande parte das línguas está ameaçada de extinção e as que ainda são faladas sofrem pressão da sociedade dominante, que é representada pelos que falam a língua majoritária, o português.

Esta dissertação tem como objetivo principal analisar a situação de contato linguístico vivenciada pelos Tenetehara, povo que compreende duas etnias, uma ao norte e outra no nordeste do país, são elas, os Tembé, no Estado do Pará e os Guajajara, no Estado do Maranhão. Nessa dissertação focamos nosso campo de estudo nos Guajajara da cidade de Barra do Corda-MA, em que os fenômenos linguísticos em guajajara induzidos pela situação de contato com a língua portuguesa são nosso objeto de estudos. Nas últimas décadas, o contato entre falantes do guajajara com a sociedade envolvente (não-índios) tem-se intensificado por diferentes influências, tais como a localização de algumas aldeias próximas à cidade, o que possibilita um deslocamento constante entre as aldeias e o centro urbano para resolver questões burocráticas relacionadas a serviços bancários, tratativas de documentação na Fundação Nacional do Índio (FUNAI), assistência à saúde e formação educacional. Outro fator é o relacionamento nada amistoso com os madeireiros que invadem as terras indígenas para o derrubamento de árvores. Todos esses fatores têm motivado os nativos a usarem o português como língua principal na cidade e seu uso tem adentrado também nas aldeias. É esta situação (em geral conflituosa) do contato entre as línguas guajajara e português que constitui a problemática de nossa pesquisa.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), os Guajajara estão estimados em 24.428 pessoas e têm 8.269 falantes, habitando em onze terras indígenas, localizadas na região central do Maranhão, sobretudo nos municípios de Barra do Corda, Grajaú e Amarante. A língua falada por esse povo é a língua guajajara. Segundo Rodrigues (1994), essa língua pertence ao Tronco Tupi, da família Tupi-Guarani. Nosso *lócus* de pesquisa está delimitado às aldeias Taboca 1, Jacu, Jiruti e Colônia. As três primeiras pertencem à Terra Indígena Rodeador e a última à Canabrava-Guajajara, todas localizadas no Município de Barra do Corda, região central do Maranhão.

Nossa pesquisa buscou suporte na área de estudos Linguística de Contato, que tem como precursores principais Weinreich (1953), Appel e Muysken (1987), Thomason (2001), os quais tratam do contato entre línguas, além das mudanças linguísticas induzidas pelo contato. No que tange ao aspecto descritivo, buscamos embasamento teórico linguístico numa perspectiva funcionalista, encontrada nos trabalhos de Dixon (1986) e Anderson (cf. SHOPPEN, 1985).

A metodologia adotada nessa pesquisa é baseada no trabalho de campo. Segundo Samarin (1967 *apud* CARDOSO, 2008) o trabalho de campo é, sobretudo, um meio de obter dados para análise de fenômenos linguísticos, que abrange considerações sobre os aspectos: comunidade – comportamento sociocultural; participantes – o(s) colaboradores(s), (falante nativo) e pesquisadores linguistas envolvidos através do contato social. Nessa perspectiva, os colaboradores que fizeram parte dessa pesquisa estão estratificados em três gerações: 1ª geração (45-70), 2ª geração (20-35), 3ª geração (8-15), sendo de ambos os sexos e todos falantes bilíngues. A última geração foi classificada na faixa-etária entre 8 e 15 anos, pelo fato de que nessa fase já têm um “domínio” da escrita, ou estão se alfabetizando.

A presente dissertação está organizada em cinco seções, sendo esta a primeira, introdutória, que faz um breve apanhado sobre o que trataremos nessa pesquisa. Na seção dois, intitulada “Guajajara: povo, língua e cultura” abordamos um pouco sobre o histórico do povo Guajajara, sua localização e aspectos culturais. Na seção três, denominada “Descrição sumária da língua guajajara” foi feita uma síntese dos aspectos gramaticais da língua, onde são focadas as propriedades da fonética/fonologia tendo como base estudos anteriores realizados sobre essa língua que serão úteis para análise dos nossos dados.

Na seção quatro, intitulada “Aporte teórico sobre contato de línguas” mobilizamos tópicos da literatura *Linguística de Contato*. Discutimos nessa seção sobre a interferência linguística, fenômenos linguísticos advindos do contato entre línguas, bilinguismo, estrangeirismos, empréstimos lexicais e gramaticais, entre outros aspectos induzidos pelo

contato entre línguas, todos esses conceitos estão fundamentados em: Weinreich (1953), Appel e Muysken (1987), Carvalho (1989), Thomason (2001), Matras e Sakel (2007) entre outros.

Na seção cinco, denominada “Fenômenos linguísticos em guajajara induzidos pelo contato com o português”, realizamos a descrição e a análise dos dados tendo como fundamento conceitos teóricos da *Linguística de Contato*, como interferência, estrangeirismos, tipos de empréstimos e mudança linguística. Todos abordados na seção quatro, intitulada “Aporte teórico sobre contato de línguas”. Por fim, após as Considerações Finais e as Referências Bibliográficas, inserimos, em Anexos, os documentos comprobatórios enviados para apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Unemat, nos quais ficaram comprovadas a aprovação: dos colaboradores da pesquisa; da FUNAI, e do Parecer favorável do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) do ainda denominado Projeto de Pesquisa, intitulado “Bilinguismo na etnia Guajajara: incorporação linguística do português na língua guajajara”.

A seção seguinte apresenta algumas considerações sobre o povo Guajajara, sua história, expansão e aspectos culturais relacionados tanto ao Maranhão, bem como no Brasil, com as políticas indigenistas implantadas que vincularam os Guajajara ao regime de escravidão e servidão e consequentemente as relações interétnicas que perduraram por séculos.

2 GUAJAJARA: POVO, LÍNGUA E CULTURA

Esta seção faz um apanhado geral dos aspectos históricos do povo Guajajara, relacionando-os aos principais acontecimentos históricos que ocorreram tanto no Estado do Maranhão, local onde esses nativos estão situados, quanto no Brasil.

2.1 Povo Tenetehara: conhecimento etno-histórico

Os Tenetehara compreendem duas etnias, as quais estão no norte e nordeste do país. São elas, os Tembé, no Estado do Pará e os Guajajara, no Estado do Maranhão. Essas duas etnias distintas, no passado constituíam um só povo, os Tenetehara, mas por razões históricas conflituais se separaram. Mas a língua falada por esses dois povos, de acordo com outros pesquisadores linguistas que estudaram a língua tenetehara, como Castro (2007) e Duarte (2007, p. 1) afirmam que a língua falada por esses indígenas é uma só, a língua tenetehara, que tem “dois dialetos, a saber: o Tembé e o Guajajara. O Tembé é falado pelos índios que vivem na fronteira entre o Pará e Maranhão, à margem paraense do rio Gurupí, e o Guajajara, pelos índios que vivem no estado do Maranhão”. O dialeto que estudaremos no presente trabalho é o guajajara.

Para os índios que se consideram *Tenetehara* essa denominação significa o indivíduo pertencente ao povo Tenetehara. Gomes (2002, p. 47) faz interpretação do termo *Tenetehara* dentro de uma perspectiva linguística¹ e diz que essa palavra tem em sua composição o “verbo /ten/ (“ser”) mais o qualificativo /ete/ (“intenso”, “verdadeiro”) e o substantivizador /har(a)/ (“aquele, o”). Quer dizer, enfim, “o ser íntegro, gente verdadeira”.

Perguntamos aos Tenetehara/Gujajara das aldeias por nós pesquisadas sobre como eles se autodenominam e a resposta foi unânime em se autoafirmarem como *Tenetehara*, que para eles é o índio verdadeiro, sem misturas. E ainda ressaltam que atualmente não tem mais tantos *Tenetehara*, porque muitos têm se misturado com o branco, virado mestiço e por isso não mais os consideram como *Tenetehara*.

Os Tembé e Guajajara se separaram por volta da terceira década do século XIX em virtude da migração dos Tenetehara para o Rio Gurupí, no Pará. Esses índios passaram a ser conhecidos como Tembé, esse termo em Tupinambá significa ‘lábio de gente’. Era comum

¹ Segundo Gomes (2002) esta interpretação foi feita com o auxílio do linguista e missionário Carl Harrison na década de 1970.

De acordo com dados do último censo (IBGE, 2010), a população maranhense está estimada em 6.569.683 habitantes. O Maranhão é considerado um estado composto por diferentes populações étnicas, fruto da grande massa de escravos indígenas e africanos nas lavouras de cana de açúcar, arroz e algodão, além dos brancos, descendentes dos portugueses que habitaram o estado à época da colonização. Os povos indígenas que viviam no Maranhão nesse período (1612) eram os Tupinambá, os Barbado, os Sakamekrã, os Amanajó, os Kriê, os Uruati, os Tremembé, os Krenkateiê, os Gauanaué, os Ganaiose, os Gamella, os Pobzé, os Kapiêkrã. Fato que sugere que os Tenetehara devem ter mantido alguma relação com essas etnias, pois a existência do povo Tenetehara é datada em torno de 400 anos e o percurso histórico que os envolve está compreendido entre 1613 a 2000, retratando desde a colonização ao desenvolvimento, que está subdividido em cinco períodos mostrando desde o princípio a relação interétnica entre os Tenetehara, outras etnias e os não-índios, conforme segue abaixo nas próximas subseções.

2.1.1 Formação das relações interétnicas: Tenetehara e jesuítas (1613-1759)

O contexto histórico do Brasil mostra-nos de modo geral, que o estabelecimento da relação dos indígenas com os não-índios deu-se com o contato dos missionários através do trabalho de catequização dos nativos. Entre os Tenetehara não foi diferente, pois é a partir do contato com os jesuítas que se estabelece o início das relações interétnicas dos Tenetehara, por volta de 1653. Essa relação foi marcada por duas fases que subjugaram os índios às situações de escravidão e servidão. (cf. 2.1.1.1 e 2.1.1.2).

2.1.1.1 Fase da escravidão (1616-1652)

Na fase de escravidão, o estado do Maranhão era dominado pelos portugueses, cuja política era implantar uma administração independente desmembrada do governo geral da Bahia. Com essa estratégia visava-se transformar as colônias de Belém e São Luís em um só estado, denominado de Maranhão e Grão-Pará. Ao constituir esse novo estado as medidas tomadas se refletiram de forma bastante negativa para os povos indígenas da região norte-nordeste, pois os interesses do estado se encaminhavam para um regime de escravidão aos nativos que passaram a servir como mão-de-obra para os portugueses.

Segundo Gomes (2002), a mão-de-obra escrava foi utilizada no Maranhão, como no restante do Brasil de duas formas. Uma era por meio de trabalho doméstico nas casas de

colonos. Os índios cozinham, limpavam e cuidavam das crianças, além de caçar, pescar e preparar farinha de mandioca. A segunda forma de trabalho consistia em usar os índios como escravos do eito, ou seja, trabalhavam na plantação de cana-de-açúcar e tabaco. Do contato intenso com não-índios resultou-se num surto de epidemias de varíola e sarampo, que vitimou vários índios, levando-os à morte.

Do primeiro contato dos Tenetehara com os não-índios temos uma clara visão de que o índio desde muito cedo era visto pelo branco como escravo que deveria servi-lo não apenas em meras tarefas domésticas, mas também em trabalhos pesados, além de confiscar dos nativos seus produtos que na época eram fonte de produção para a economia do estado. Foi nesse cenário de conflitos que se formou a sociedade maranhense, que se erguia às custas do trabalho de índios escravos que viviam assujeitados aos portugueses. Ao passo que os índios se submetiam forçosamente ao domínio dos não-índios iam perdendo cada vez mais suas raízes culturais.

2.1.1.2 Fase da servidão: (1653-1759)

Outro regime imposto pelo sistema colonial foi a servidão, que não difere muito do regime escravagista vivenciado primeiramente pelos indígenas. A ideia de fazer dos índios servos os coloca numa relação muito próxima a de escravos, pois no sistema de servidão os nativos passaram a viver em aldeias de missão, os chamados “aldeamentos” controlados pelos portugueses. Para os índios Tenetehara, o regime de servidão começa com a chegada dos jesuítas ao alto Pindaré. A política adotada pelos jesuítas era a de catequese que objetivava convencer os nativos a ter uma boa relação com as aldeias de missão implantadas pelos missionários, dessa forma não correriam o risco de servir mais uma vez aos portugueses.

Vale ressaltar que, embora o trabalho fosse pago, este era de valor muito abaixo dos serviços prestados, sendo geralmente pago como troca por algum instrumento de ferro do mundo civilizado ou outro qualquer tipo de “agrado”. Em uma situação mais subserviente, nas aldeias de missão dos jesuítas, o trabalho era controlado como se os índios fossem servos, exercendo trabalhos no extrativismo, agricultura e pecuária e nos engenhos, em troca recebiam os benefícios culturais e políticos que a missão oferecia.

A escravidão e a servidão estiveram presentes durante todo o período colonial. A presença dos jesuítas entre os Tenetehara ofereceu de certa forma uma “proteção” aos índios contra o sistema escravagista que os portugueses os obrigavam. No entanto, o regime de

servidão imposto por esses missionários camufla a visão de que se configura como forma de arregimentar a força de trabalho.

2.2 Libertação e Transição - de servo a índio doméstico com a política do Diretório (1760-1840)

Após o regime de servidão imposto pelos jesuítas aos Tenetehara, os nativos passaram a vivenciar outro sistema que mais uma vez reflete escravidão e servidão. É com a instituição da Companhia Geral do Grão Pará e Maranhão, que criou o Diretório dos índios em 1757 pelo Marquês de Pombal, que medidas tomadas pelo Diretório vão inserir os índios a um constante relacionamento interétnico com a sociedade envolvente. A partir desse período, os jesuítas, que acabaram sendo expulsos pelo Diretório, deixam de exercer controle sobre os índios e quem passa a controlá-los são os diretores.

Para os Tenetehara a expulsão dos jesuítas lhes deu sensação de liberdade do regime de servidão que eles estavam inseridos. No entanto, mais uma vez o sistema do Diretório vai submeter os nativos aos ideais dos portugueses, que entre tantos poderes, passa a ter controle total sobre as terras dos índios e no que tange aos aspectos culturais, instituiu sob força de lei a proibição do bem cultural mais identitário de um povo, o uso da língua geral pelos indígenas². E a única língua que eles deveriam falar era a língua da metrópole, o português. Após o contato com os jesuítas, as características dos índios Tenetehara passam a sofrer mudanças ao se inserir no regime do Diretório, pois os nativos começam se adaptar ao relacionamento com os colonos, contribuindo de forma obrigada para o desenvolvimento econômico do Estado do Maranhão. O controle de Pombal sobre os índios em geral, tanto do Estado do Pará quanto no Maranhão, nos dá a entender que os brancos procuravam abrir espaço para a vivência dos nativos com a sociedade urbana (luso-brasileiros), almejando com isso forçar a integração e assimilação dos Tenetehara.

Com o passar dos anos o Diretório de Pombal começa a sofrer críticas em vários pontos, entre elas, sobre os aldeamentos indígenas que eram administrados por diretores leigos, que não estavam trazendo resultados esperados, como a integração dos índios à sociedade colonial. Diante dessas críticas, em 1798, a carta régia de Dom João aboliu o Diretório e promulgou uma nova política indigenista. A política da nova legislação indígena não se difere muito daquela de Pombal, pois acaba retomando práticas antigas, como a

² Ver Colonização Linguística In: Mariane (2004).

política de assimilação dos indígenas ao modo de vida local, principalmente encarando o índio como meio de ascensão para a economia local, pois a relação comercial mantinha o índio como cliente e os grandes fazendeiros como patrão, a quem os nativos deviam cumprir ordens. Dessa forma os índios iam se adaptando aos costumes do branco.

Outra medida tomada pela nova legislação foi a extinção dos territórios das aldeias indígenas e sua colocação à venda para qualquer pessoa, estimulou a entrada de qualquer indivíduo nas aldeias para fazer negociações com os índios, determinou que qualquer índio que não tivesse nem casa, nem roça para cuidar podia ser pego por autoridade ou por particulares para trabalharem. Essa nova legislação não representou nenhum avanço para a autonomia dos índios, pois estes passaram a ser assistidos por forças políticas mais próximas (juízes de paz, vereadores, vigários das paróquias, fazendeiros, comerciantes).

Finalmente, o relacionamento entre brasileiros e índios passou a ser considerado explicitamente como algo entre “amo e servo”. Com esse espírito e, a partir de 1804, com as cartas régias que Dom João iria emitir contra índios considerados selvagens, é que vai finalizando o período histórico de relações interétnicas no Brasil regidas por Portugal. (GOMES, 2002, p. 191)

Nesse período de libertação e transição dos índios percebemos que a todo o tempo o índio esteve subjugado às políticas dos não-índios. Pois o que parecia uma libertação do sistema de escravidão dos jesuítas, os joga novamente em outro sistema de servidão, a política dos Diretórios de Pombal e logo mais a “nova” política indigenista, que mais uma vez submete os nativos a um regime de subserviência para com o branco.

2.3 Clientelismo e política indigenista imperial: (1840-1889)

O ano de 1840 é o marco do segundo relacionamento interétnico entre os Tenetehara e a sociedade maranhense. Após a proibição por força de lei (1611) da escravidão individual e da servidão coletiva, passou a predominar um novo modelo de relacionamento interétnico, denominado de patronagem ou relação patrão-cliente, ou patrão-freguês, ou ainda clientelismo social. O sistema de patronagem coloca o índio numa relação econômica de subserviência para com o patrão, um brasileiro, e o freguês é o índio que tem uma lista de deveres a cumprir junto ao seu patrão. A relação funciona assim: o patrão deve fornecer crédito ao seu freguês (índio) e o freguês tem a obrigação de produzir bens para trocar com o seu patrão, bem como comprar e vender somente do patrão. Além do índio ter que ser fiel àquele patrão, ou seja, não pode ter mais que um patrão. Em contrapartida, o patrão pode ter

várias aldeias como fregueses. Assim o relacionamento interétnico do período imperial é mediado pela economia de troca de bens e serviços. Embora nesse sistema, o índio não seja submetido forçosamente a fazer parte dele, como quando era escravo e servo, percebe-se que a patronagem carrega implicitamente certo regime de servidão, pois os índios continuaram a ser vistos como inferiores, ocupando uma escala hierárquica de poderes, onde o não-índio é o dominador e o índio o dominado.

O relacionamento interétnico no decorrer dos anos entre 1840-1889 é marcado pela presença constante de autoridades do Estado na formulação de legislações indigenistas. Desde a independência do Brasil e a inclusão do Maranhão como província do império, foram poucas as legislações voltadas para os índios, resultando, portanto, na manutenção dos termos da antiga política indigenista portuguesa: o decreto de 1798 que Dom Pedro havia promulgado contra os índios Botocudos, Coroados e outros, na primeira década do século. A finalidade real desse decreto era o de possibilitar a expansão de novas fronteiras agrícolas. A presença de índios só seria admitida enquanto “índios aldeados”, isto é, índios que tivessem um convívio pacífico com a sociedade luso-brasileira, se submetendo as regras de relacionamento dadas. Com a lei de 27 de outubro de 1831, as cartas régias que asseguravam o direito de guerrear e escravizar os índios foram anuladas e aboliu-se definitivamente a escravidão de índios no Brasil e desonerou aqueles que viviam em regime de escravidão. Posteriormente, o Ato Adicional de 12 de agosto de 1834, que implantou a regência como forma de governo no Brasil, decretou que a política de catequese e civilização a ser implantada para os povos indígenas devia ser de responsabilidade direta das províncias, por meio de seus governos e suas assembleias legislativas.

Em 12 de agosto de 1845 o imperador promulgou o decreto nº 426, que, apesar de compreender maior ação e controle político laico, ficou conhecido como Regimento das Missões, que foi resultado das discussões levantadas nas assembleias legislativas de todo o país. Esse Regime das Missões visava a integração dos índios à sociedade com propósitos de civilizá-los; para isso, foi implantado um sistema de administração chamado Diretoria dos índios. Em cada província havia uma Diretoria-Geral dos índios, a qual respondia diretamente ao presidente da província e tinha o poder para tratar diretamente com as aldeias indígenas trazidas para a sua jurisdição. Para cada uma ou mais aldeias que formavam um conjunto próximo, ele sugeria a criação de uma “diretoria parcial”. O sistema de diretorias parciais, que foi logo implantado no Maranhão, funcionava na mesma política do relacionamento patrão-freguês. A maioria dos diretores parciais se comportava como patrões dos índios, envolvidos que estavam no sistema econômico de troca local. De todo o modo, a cada medida criada para

“atender” aos índios, observamos a predominância do interesse da classe dominante em se beneficiar do índio e das políticas voltadas para os nativos.

2.4 Transição republicana e Rebelião do Alto Alegre: (1890-1910)

Com a Proclamação da República em 15 de novembro de 1889, a política indigenista imperial de colônias e diretorias parciais não foram extintas de imediato; no entanto, sua atuação foi perdendo força rapidamente e, por volta de 1893, não funcionavam mais. O período Republicano começa em meio ao surgimento dos ideais positivistas, que fez solidificar os sentimentos antirreligiosos que desencadearam na separação do Estado da Igreja Católica. Os centros positivistas se espalhavam por todo o país, inclusive em Barra do Corda. Mesmo com o predomínio positivista, a missão do Alto Alegre, dirigida pelos capuchinhos em Barra do Corda envolveu boa parte de jovens da população indígena. Sua primeira feita foi criação do Instituto Indígena, destinado ao abrigo e educação de índios da faixa etária acima de 14 anos de idade.

Os ensinamentos passados nessas missões visavam à desestruturação do modo de vida das sociedades indígenas e a prática da catequização aos índios no regime das tradições católicas, que entre seus costumes proibia a prática de casamentos bigâmicos e outras listas de restrições impostas pelo sistema das missões, que se distanciavam cada vez mais da cultura dos nativos. Mesmo com essa lista de regras disciplinares, Gomes (2002) relata que um índio Guajajara chamado João Caboré, que era casado com uma civilizada, quebrou as ordens impostas, criando uma tensão entre índios e frades. Esse índio, ao visitar uma aldeia, a Canabrava, se interessou por uma índia mais jovem e lá ficou dando sinais de abandono de sua legítima esposa. Diante de tal indisciplina os frades aplicaram castigo ao índio, prendendo-o. Mas, depois de certo tempo, ele fugiu. Esse episódio resultaria na maior revolta vivenciada pelos Guajajara, a Rebelião do Alto Alegre. Esse massacre foi a última grande rebelião indígena contra a sociedade não-indígena que submetia os índios à condição de servos. A rebelião dos Guajajara se configurou como forma de expulsar os brancos da região e não aceitar o sistema de subserviência imposto pelos capuchinhos. A revolta dos índios refletia também uma resposta à ação dos demais não-índios que estabeleceram relacionamento com eles ao longo dos séculos travando sua expansão e desenvolvimento dentro de sua própria cultura e forma de vida. Após esse confronto, a dispersão dos Guajajara foi massiva. Muitas aldeias que antes existiam se deslocaram para outros territórios.

2.5 Política indigenista do século XX: SPI/FUNAI: (1910-1985)

O quinto e último período de relação interétnica mostra como marco a criação de dois órgãos voltados para assistir aos índios. O primeiro foi o Serviço de Proteção aos Índios (doravante SPI) e a Fundação Nacional do Índio (doravante FUNAI), órgão que substituiu o SPI. O SPI foi instituído pelo Decreto 8.072 de 20 de julho de 1910. A criação desse órgão nasce da necessidade de atender em sua abrangência as causas em prol dos povos indígenas. Para o Estado brasileiro, o SPI iria compor sua política de ampliação de controle do território nacional e de abertura de novas terras, visando o crescimento agrícola. Os fundadores e organizadores do SPI almejavam estabelecer bases sólidas capazes de proteger os índios dos efeitos mais nefastos do relacionamento com os não-índios e dar-lhes apoio material para alcançarem um patamar mais alto em suas culturas. Embora, na prática, evidencie-se que nem o SPI nem a FUNAI foram capazes de retirar o índio da linha de desigualdade alimentada desde o período colonial, nem tampouco privar os índios do relacionamento com a sociedade não-indígena.

Em 15 de março de 1911, o SPI foi instalado no Maranhão, na capital São Luís. No que tange à ação do SPI no Maranhão, parte do trabalho realizado por esse órgão diz respeito à demarcação das terras dos índios, a criação de postos indígenas, o auxílio econômico e assistência à saúde, o modo de relacionamento que construiu com os índios e a mediação feita entre os nativos e a sociedade regional. Durante o ano de 1964 o SPI foi perdendo amplamente seu poder de representação junto aos índios. Assim, a FUNAI foi instituída pelo decreto-lei nº 5.371, de 5 de dezembro de 1967. O objetivo desse novo órgão não difere muito da proposta do então SPI. Cabia à FUNAI controlar o vasto território indígena, além de integrar essas populações à maioria nacional, ou seja, exterminar as etnias indígenas que haviam sobrevivido até então. Nesse sentido, o órgão, cuja finalidade era de assistir os índios, favorecendo o acesso aos direitos e manutenção da cultura, nos mostra na realidade um verdadeiro paradoxo, pois a política indigenista pregada pelo estado era de incutir nos índios os costumes do branco para se tornarem brasileiros de verdade.

Um encargo que o SPI e a FUNAI se destinaram a cumprir como parte de seu papel tutelar foi no âmbito da educação a ser ministrada aos índios. O papel exercido junto à educação era intervencionista e propulsor da integração, pois, por meio da educação, seria alcançada a integração do índio à sociedade brasileira. O programa de educação implantado para os índios em 1972 era chamado de monitoria bilíngue, e atendeu vários povos indígenas que foram treinados para ensinar seus futuros alunos a língua materna e o português. Mas

algumas aldeias, como as da Terra Indígena Pindaré, não receberam nenhum monitor bilíngue, tendo por muitos anos professores brasileiros trabalhando nas aldeias sem ter o conhecimento da língua guajajara. É com essas duas políticas indigenistas do século XX (SPI e FUNAI) que findam os cinco períodos de relação interétnica entre os Tenetehara e a sociedade envolvente.

Na próxima subseção abordaremos dados específicos dos Guajajara, entre eles a denominação dada a esse povo, dados sobre a localização e a relação numérica desses povos nas Terras Indígenas que são *lócus* de nossa pesquisa.

2.6 Guajajara: os Tenetehara donos do cocar

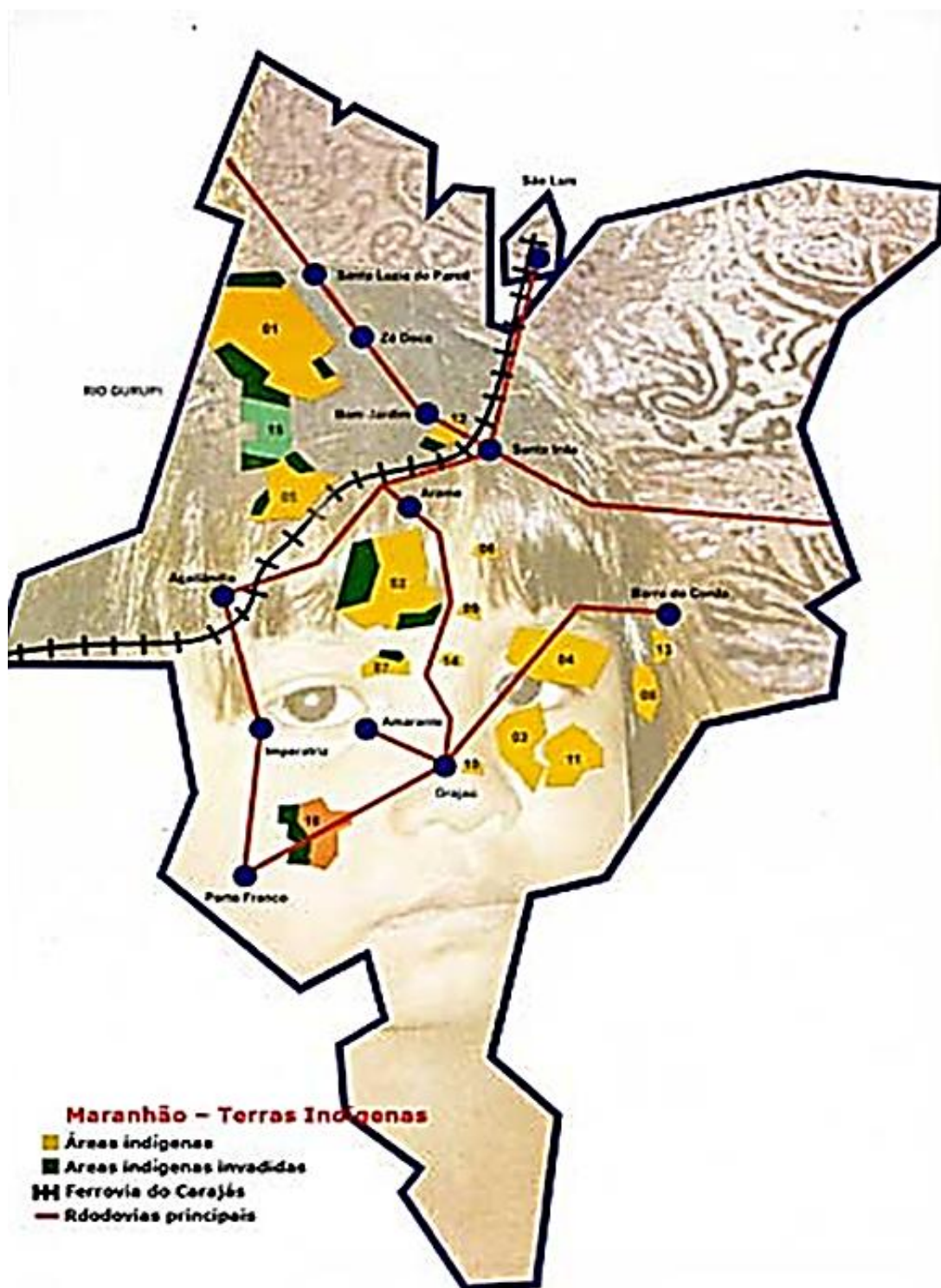
O etnônimo *Guajajara* significa “os donos do *guajá*” (*wazay*= cocar; *zara*= dono) “donos do cocar”, uma espécie de adorno de cabeça feito de penas usado pelos índios. Esse termo foi dado pelos Tupinambá da ilha de São Luís, quando tiveram contato com os Tenetehara, que residiam na Região do Rio Pindaré. Os Guajajara estão localizados geograficamente na Pré-Amazônia maranhense, nas Regiões cortadas pelo Rio Mearim e seus afluentes, Corda e Grajaú, Pindaré e seus afluentes Caru, Zutiwa e Buriticupu. De acordo com dados do último censo, os Guajajara estão estimados em 24.428 pessoas (IBGE, 2010). Atualmente existem as seguintes Terras Indígenas no Maranhão, conforme quadro 01 abaixo e logo em seguida o mapa 02 com as localizações de cada área indígena.

Quadro 01 - Terras Indígenas do Maranhão

ÁREA INDÍGENA	MUNICÍPIO	POVO
1 A. I Alto Turiaçu	Carutapera, Cândido Mendes, Monção, Turiaçu	Urubu-Ka'apór/Timbira/Guajá
2 A-I. Awá	Zé Doca, Bom Jardim, Carutapera	Guajá
3 A. I. Caru	Bom Jardim	Guajajara/Guajá
4 A. I. Pindaré	Bom Jardim	Guajajara
5 A. I. Araribóia	Amarante	Guajajara/Guajá
6 A. I. Governador	Amarante	Gavião Pukobyê
7 A. I. Krikati	Montes Altos, Amarante, Sítio Novo	Krikati
8 A. I. Bacurizinho	Grajaú	Guajajara
9 A.I. Morro Branco	Grajaú	Guajajara
10 A. I. Canabrava/ Guajajara	Barra do Corda, Grajaú	Guajajara
11 A. I. Lagoa Comprida	Grajaú	Guajajara
12 A. I. Urucu/Juruá	Grajaú	Guajajara
13 A.I. Geralda/Toco Preto	Grajaú	Krê'pum'kateyê/Guajajara
14 A. I. Rodeador	Barra do Corda	Guajajara
15 A.I. Kanela-Buriti Velho	Barra do Corda	Canela Rankokamekrá
16 A. I Porquinhos	Barra do Corda	Canela Apanyekrá

Fonte: Zannoni (1999, p. 22)

Mapa 02 - Áreas indígenas do Maranhão



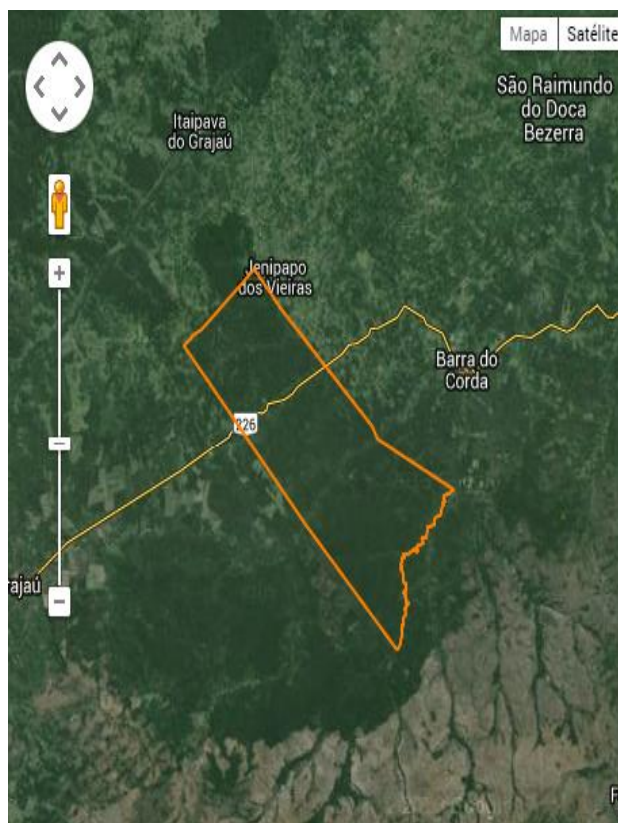
Fonte: www.asscarloubbiali.com.br

O processo de demarcação e homologação das terras para os Guajajara foi marcado por grandes conflitos entre SPI/FUNAI, os nativos e imigrantes. Nessa empreitada os Guajajara perderam muitas terras do Médio e Alto Pindaré, as do baixo Zutiua e as do Rio

Grajaú por falta de intermediação do SPI/FUNAI no processo de demarcação, fato que reafirma o pouco interesse desses dois órgãos junto aos índios Guajajara, cuja população é considerada uma das mais numerosas do Brasil. A cidade de Barra do Corda apresenta a maior concentração de índios Guajajara, 3.432 nativos. (IBGE, 2010). Na sequência vêm as Regiões entre os Rios Zutiua e Buriticupu que pertence às áreas indígenas Araribóia e Governador e por último a Região Pindaré/Caru, todas localizadas na Região Central do Maranhão.

A Terra Indígena Canabrava/Guajajara e a Rodeador são *lócus* de nossa pesquisa e estão situadas na cidade de Barra do Corda. Na Canabrava/Guajajara, que fica entre os rios Mearim e Corda, compreendem as seguintes aldeias: Maré Chico, São Pedro, Coco, Lagoa Grande, Jenipapo, Sardinha, Cachoeira e Colônia, esta última aldeia constitui um dos nossos campos de pesquisa. De acordo com o Instituto Socioambiental, doravante (ISA) essa terra está calculada em 137.329 héctares, com população de 4.510 pessoas.

Mapa 03 - Terra indígena Cana Brava Guajajara



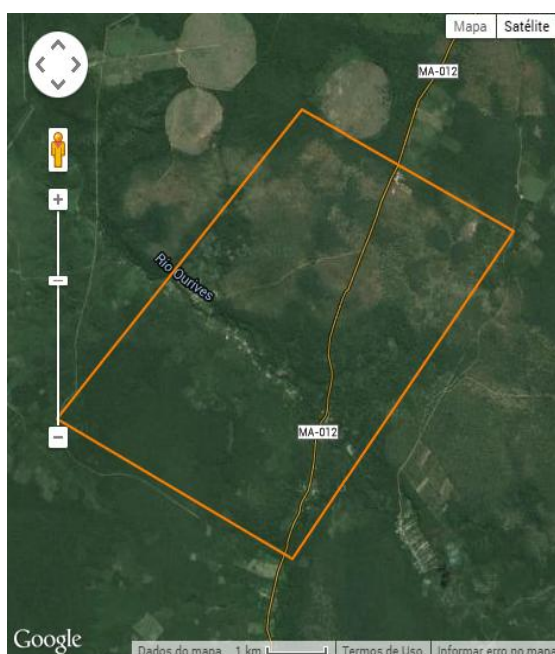
Fonte: <http://ti.socioambiental.org/pt-br/#!/pt-br/terras-indigenas/3657>

A localização da maioria das aldeias de Barra do Corda-MA estão na beira da Rodovia 226 em contato extremamente próximo com o centro urbano. Essa mesma rodovia corta seus

limites por dentro da Terra Indígena Canabrava/Guajajara, conforme se vê no mapa 03, o que concorre para um contato intenso com a sociedade envolvente, onde é possível ver os indígenas vendendo seus artesanatos na beira da estrada, cobrando pedágios dos veículos e em constante deslocamentos para o centro comercial de Barra do Corda.

A Terra Indígena Rodeador, segundo o Instituto Socioambiental (ISA) foi demarcada com superfície de 2.319,00 hectares, sua população está estimada em 126 nativos. Compreende as seguintes aldeias: Rodeador, Mainumy, Patizal, Taboca 1, Jiruti, Jacu. Essas três últimas são *lôcus* de nossa pesquisa.

Mapa 04 - Terra indígena Rodeador



Fonte: <http://ti.socioambiental.org/pt-br/#!/pt-br/terras-indigenas/3657>

É muito válido ressaltarmos que atualmente há dentro dessa terra indígena, a vila Real, que é ocupada por não-índios que estabeleceram suas moradias e lá se firmaram há cerca de 10 anos, segundo relatos de indígenas das aldeias por nós pesquisadas nessa Terra. O Ministério Público já interveio na questão e o caso da invasão à Terra Indígena está na justiça, mas até o momento não há sinais de desocupação da área. Essa realidade tem interferido no relacionamento do branco no mundo do índio e vice-versa, pois os não-indígenas têm-se apossado da matéria prima do índio para a produção de bens de consumo, como fava, borracha etc., além de facilitar o contato interétnico devido a grande proximidade das aldeias. Desse contato com os não-indígenas, muitas adolescentes das aldeias próximas têm

engravidado dos homens brancos, pois com frequência saem da aldeia para participar das festas que acontecem nessa vila Real.

Na próxima subseção vamos nos ater à cultura Guajajara, nos aspectos mitológicos, modo de vida na aldeia e as festas de tradição.

2.7 Cultura Guajajara

A origem do povo Guajajara é conhecida por meio de suas narrativas mitológicas, que se entrelaçam com fatos históricos que sucederam desde a chegada dos portugueses. O mito mais conhecido entre os indígenas é o Mito de *Maíra*, que tem tanto traços fictícios, quanto uma retomada de fatos que surgiram no decorrer dos acontecimentos históricos vivenciados pelos nativos. Pela ótica do mito de *Maíra*, os Guajajara são descendentes dos primeiros homens, seres homens-animais, sem cultura, e só foram transformados em seres culturais, por intermédio das ações transformadoras de *Maíra*, o Divino, o Encantado.

Outro elemento da cultura do povo Guajajara diz respeito à religião. Os nativos têm uma concepção religiosa ligada ao sobrenatural, em que os seres espirituais estão divididos em quatro espécies:

1. Os heróis culturais ou espíritos criadores, que deram origem ao mundo e ensinaram aos Tenetehara como produzir a terra. 2. Os espíritos do dono da floresta (ka'a zar) e do dono das águas (Y'zar). 3. As almas que foram mortos-chamadas Têko-kwêr. 4. Os espíritos dos animais. (ZANNONI, 1999, p. 126)

Esses indígenas têm como deus, o Tupã e todas as ações praticadas pelos nativos são permeadas pelo espiritual e pela relação que têm com a natureza: as atividades de sobrevivência, a caça, a pesca, a agricultura. As fases da vida: nascimento, adolescência e morte. Para esse povo, acontecimentos não bem sucedidos, como doença, parto complicado, colheitas destruídas, têm ligação direta com os maus espíritos, os *Àzàng*. Mas atualmente essa realidade em algumas aldeias está bem diferente. Pudemos observar entre alguns indígenas das aldeias por nós pesquisadas, que a religião evangélica está muito presente entre eles, e agora têm como Deus, o mesmo cultuado pelos não-indígenas e a prática de cultos evangélicos dentro das aldeias já se faz presente.

A sociedade Guajajara é formada com base na família extensa. Geralmente, o chefe da aldeia tem muitos filhos e assim vão se formando núcleos familiares menores. O casamento é realizado entre as filhas do chefe de uma família com parceiros de outras famílias, geralmente

um homem trabalhador que traga avanço econômico para a família do sogro. Essa união visa, portanto, uma organização social que traga produtividade para a comunidade Guajajara.

Uma das atividades que mostram a prática da cultura Guajajara é a confecção de artesanato. Eles fabricam diversos produtos para serem vendidos para os brancos na beira da estrada, uma vez que muitas aldeias ficam bem próximas à BR as mulheres montam barracas para vendê-los. No que concerne às festas tradicionais, os Guajajara têm basicamente duas datas festivas: cerimônias de transição, onde estão inseridas a festa do moqueado e a festa dos rapazes e festas de proteção, dessa última fazendo parte a festa do mel, para proteger as caças, e a festa do milho, para proteger a plantação de milho.

Para a festa do moqueado registramos nessa subseção gravações que fizemos sobre essa festa tradicional, sendo a única que ainda acontece entre os nativos das aldeias pesquisadas por nós. Essa festa é celebrada para marcar a passagem dos jovens da aldeia para a fase adulta. No passado, era voltada para ambos os sexos que estavam na fase de transição. Atualmente ela está restrita somente às meninas que tiveram a primeira menstruação, sendo realizada uma única vez ao ano. Uma das razões é a escassez de caça nas matas mais próximas, além do custo financeiro que requer o gasto com pólvora e armas usadas na caçada.

Pudemos perceber nesta subseção que o povo Guajajara é rico em aspectos culturais de sua tradição e modo de vida. As festas sempre remetem à cosmologia e fatos da história que marcaram a vida desses nativos. No entanto, observamos em nossa pesquisa de campo, pelos relatos dos nativos, que muito da tradição tem-se perdido, as festas não mais acontecem com frequência e nem com a mesma tradição de outrora. A que ainda ocorre é a do moqueado, e mesmo assim agora é realizada com a presença de não-índios e músicas da cultura do branco, pois após o ritual bandas da cidade tocam na festa.

Nessa seção pudemos conhecer a história dos Tenetehara/Gujajajara, que esteve o tempo todo vinculada aos principais acontecimentos históricos tanto no nível local (Maranhão), quanto no âmbito nacional, mostrando que essa etnia percorreu ao longo do tempo grandes lutas e perdas e se reestabeleceram sem que seus aspectos linguísticos e culturais sofressem ameaça de perda total, apesar dos contatos estabelecidos com a sociedade não-indígena.

A seção seguinte vai mostrar a qual filiação linguística pertence o dialeto guajajara, bem como as demais línguas que compartilham com ela da mesma relação genética. Descreveremos também de forma concisa aspectos linguísticos do guajajara. Com base em dados do último censo IBGE (2010), expomos como se configura este dialeto na atualidade em termos de números de falantes.

3 DESCRIÇÃO SUMÁRIA DA LÍNGUA GUAJAJARA

Nesta seção apresentaremos de forma bastante concisa alguns aspectos linguísticos do guajajara, como a descrição fonética e fonológica, que serão fundamentais para a análise dos empréstimos do português adaptados ao guajajara.

3.1 Afiliação genética guajajara

Segundo Rodrigues (1994), as línguas indígenas do Brasil são bastante diversificadas, o que permitiu classificá-las segundo critérios genéticos obedecendo a graus de semelhanças entre as línguas. No Brasil, temos dois grandes troncos, o Tupi e o Macro-jê. O Tupi é um dos maiores troncos linguísticos do país, composto por dez famílias linguísticas. As famílias do tronco Tupi estão situadas nos limites do território brasileiro, ao sul do Rio Amazonas, entre as quais a família Tupi-Guarani. Conforme tabela de Moore (2011).

Quadro 02 - Tronco Tupi

Família Tupi Guarani	Dialetos grupos	No. Falantes	População	Transmissão	Estudos	Urgente
Akwáwa	Parakanã	Maioria	900	Alta	1	
	Suruí do Tocantins	Maioria	264	alta?	1	
	Asurini do Tocantins	Maioria	384	boa?	2	
Kokáma	Kokáma	5?	[786] 9000	baixa?	2	!
	Omágua (Kambéba)	poucos?	347 [240]	baixa?	0	!
Língua Geral Amazônica (Nheengatú)	= Tupi-Guarani alterado por contato	>6000?		Med	1	
Tapirapé			564	Alta	2	
Tenetehára	Guajajara	12.000-18.000	19.471		2	
	Tembé	60-100	1425	Baixa	2	
Wayampi (Waiãpi, Oiampi)		maioria?	905	Alta	2	
Xetá		3-8?	86		1	!
Zo'é (Puturú)		Todos	177	Alta	1	

Fonte: Moore (2011, p. 230-232)

A tabela adaptada de Moore (2011, p. 230-232) apresenta de forma atualizada e abrangente, o tronco Tupi e suas famílias. De acordo com o pesquisador, a língua tenetehara é pertencente à família Tupi-Guarani e está dentro do grupo Tenetehara, o qual compreende dois dialetos (guajajara e tembé). Embora Moore (2011) mostre o dialeto guajajara com um número razoável de falantes, esta carece ainda de muitos estudos, tendo em vista poucas pesquisas voltadas para essa variedade.

Dietrich (2010, p. 13), diferentemente de Moore (Op. Cit.), classificou o guajajara como pertencente ao grupo ASSURINI-TENETEHARA-TAPIRAPÉ, que se subdivide ainda em três grupos:

- 1) Grupo Tocantins-Maranhão:
 - a) Assuriní do Tocantins/do Trocará/akwawa
 - b) Parakanã
 - c) Suruí
- 2) Grupo Tenetehara:
 - a) Tembê
 - b) Guajajara
- 3) Grupo Parque do Xingu:
 - a) Avá-canoeiro
 - b) Tapirapé

A proximidade entre os dois Estados, Maranhão e Tocantins, além do Estado do Pará, onde são faladas as línguas desse grupo (citado acima), revelam semelhanças linguísticas entre si, no que concerne aos aspectos fonológicos e lexicais. A afiliação linguística da língua Tenetehara, juntamente com suas duas variedades (tembé e guajajara), foi classificada por Rodrigues (1994) como pertencente ao sub-ramo IV da família linguística Tupi-Guarani. No Estado do Maranhão, as línguas faladas da família Tupi-Guarani são as seguintes: guajá, urubu-ka'apor e o dialeto guajajara que possui 8.269 falantes (IBGE, 2010), e é objeto de nosso estudo.

3.2 Da Fonética e fonologia guajajara

Nesta subseção serão apresentados os estudos da Fonética e Fonologia guajajara, nos aspectos fonológicos apresentamos fonemas consonantais e vocálicos dessa língua. No plano

fonético são apresentados os fones consonantais e vocálicos, bem como a realização de cada um em diferentes ambientes e como eles são produzidos na descrição de dados de pesquisadores anteriores que estudaram essa língua. Abaixo apresentamos a descrição dos fones consonantais e vocálicos em Bendor-Samuel (1972).

Quadro 03 - Segmento fonético consonantal

Fonema	Fone e alofones
/p/ oclusivo bilabial	
/t/ oclusivo alveolar	[tʰ] quando seguido por uma consoante que está em sílaba tônica. [t] nos demais ambientes.
/k/ oclusivo velar	[kʰ] quando seguido por uma consoante que está em sílaba tônica. [k] nos demais ambientes.
/kw/ oclusivo velar labializado	[kw] representa simultaneamente o arredondamento do lábio e uma velar fechada. A posição da língua varia um pouco de acordo com a vogal seguinte.
/ʔ/ oclusivo glotal	[ʔ] fechamento parcial da glote em sílaba tônica. [ʔ] fechamento completo da glote em todos os ambientes.
/c/ africada alveolar	[tʃ] antes de vogal anterior fechada. [ts] nos demais ambientes.
/m nasal bilabial	[mʰ] quando seguido por uma consoante. [m] nos demais ambientes.
/n nasal alveolar	[nʰ] quando seguido por uma consoante. [n] ocorre nos demais ambientes;
/ŋ nasal velar sonora	[ŋʰ] quando seguido por uma consoante. [ŋ]: ocorre nos demais ambientes.
/ŋʷ/: nasal velar	[ŋʷ] representa simultaneamente o arredondamento do lábio e uma velar fechada.)
/r/ flepe alveolar	[rʰ] quando seguido por uma consoante. [r] ocorre nos demais ambientes.
/z/ fricativa alveolar	[j] antes de uma consoante ou pausa. [z] ocorre nos demais ambientes.
/h/ fricativa glotal	[h] o som aparece com voz leve e breve em sílaba tônica. [h] sem som nos demais ambientes.
/w/ aproximante bilabial	[wʰ] quando seguido por uma consoante de uma sílaba tônica. [u] ou numa coda. [w] ocorre nos demais ambientes.

Fonte: Bendor-Samuel (1972, p. 75-76)

Quadro 04 - Segmento fonético vocálico em Bendor-Samuel (1972)

Fonema	Fone e alofones
/i/ alta anterior não arredondada	[i] antes de /ŋ/ como coda. [i] nos demais ambientes.
/e/ meia-aberta anterior não arredondada	[ɛ] antes de /r/ como coda. [ɛ] nos demais ambientes.
/a/ aberta anterior não arredondada	[a] não tem nenhuma variação perceptível correlacionada com algum som (fonema) próximo.
/y/ fechada central não arredondada	[i +] seguido de /t/ e /n/ e antes de /z/ em coda. [i] em outros ambientes.
/ə/ média central não arredondada	[ɐ] antes de /ŋ/ como coda. [ə] em outros ambientes.
/u/ fechada posterior arredondada	[u] não tem nenhuma variação perceptível correlacionada com algum som (fonema) próximo.
/o/ aberta posterior arredondada	[ɔ] não tem nenhuma variação perceptível correlacionada com algum som (fonema) próximo.

Fonte: Bendor-Samuel (1972, p. 75)

Na fonética guajajara, Silva (2010) apresenta os fones vocálicos em suas várias realizações (cf. Quadro 05).

Quadro 05 - Segmento fonético vocálico em Silva (2010)

		Anterior	Central	Posterior
Alta	Fechada	[i]	[i+] [iʔ]	[u] [uʔ] [ɯ]
	Aberta	[ɪ] [ɪ̃] [ɪ̃̃] [i ^h]	[i] [i] [iʔ]	[ʊ]
	Fechada	[e] [ɛ]	[ə] [əʔ] [ɤ]	[oʔ] [o]
Média				
	Aberta	[ɛ ⁺] [ɛ ⁺ ʔ]	[ʌ] [ʌ̃]	[ɔ ⁺ t] [ɔ ⁺] [ɔ ⁺ ʔ]
		[ɛ ⁺ ʔ]		
Baixa		[ɛ] [ɛʔ]	[a] [aʔ] [a̠]	[ɔ] [ɔʔ]
		Não-arredondada	Arredondada	

Fonte: Silva (2010, p. 90)

Apresentamos agora aspectos da fonologia guajajara baseados em Bendor-Samuel (1972), um dos primeiros linguistas a estudar essa língua. O autor descreve a língua guajajara sendo constituída por 14 fonemas consonantais.

Quadro 06 - Segmento fonológico consonantal

	Bilabial	Dental/Alveolar	Velar	Labializada	Glotal ³
Plosiva	p	t	k	Kw	ʔ
Africada		c			
Nasais	m	n	ŋ	ŋw	
Flap		r			
Fricativa		z			h
Continuantes	w				

Fonte: (Bendor-Samuel (1972, p. 6)

De acordo com Bendor-Samuel (1972), o guajajara possui 7 fonemas vocálicos, sendo todos orais.

Quadro 07 - Segmento fonológico vocálico

	Anterior	Central	Posterior
Alta	/i/	/y/	/u/
Média		/ə/	
	/e/		/o/
Baixa	/a/		

Fonte: Bendor-Samuel (1972, p. 8)

Dos fones e fonemas consonantais listados em Bendor-Samuel (1972, p. 75-76) foram encontrados em nossa coleta de dados os seguintes: /p/ [p]; /t/ [t]; /kw/ [kw]; /k/ [k]; /ʔ/ [ʔ]; /s/ [s] [ʃ]; /z/ [z] [j] [dʒ]; /h/ [h]; /m/ [m]; /n/ [n]; /ŋ/ [ŋ]; /r/ [r]; /w/ [w], conforme podemos verificar no quadro abaixo (cf. quadro 08) que traz exemplos de realização de cada fone. O estudo sobre os aspectos fonético/fonológicos do guajajara, tratado nessa subseção, servirá de base para a nossa pesquisa, pois poderemos analisar e comparar dados anteriores com os que temos obtido em nossa atual pesquisa, tendo em vista que a língua segue seu curso natural de modificações no tempo e no espaço.

³ oclusiva glotal tem este símbolo /ʔ/ e graficamente (na escrita) é com o puso <'>.

Quadro 08 - Grafemas, fonemas, fones e alofones em guajajara

Grafemas	Fonemas	Fones e alofones	Exemplo Fonético	Tradução
<ʔ>	/ʔ/	[ʔ]	[iʔihuni]	‘preto’
<g>	/ŋ/	[ŋ]	[uzeʔŋara]	‘cantar’
<h>	/h/	[h]	[ʔpeho]	‘vocês vão’
<w>	/w/	[w]	[iʔmuəte haw]	‘endurecer’
<z>	/z/	[z] ~ [i] - [dʒ]	[ʔizapɔ], [aʔŋui], [ʔudʒimumuki aʔe]	‘começar’, ‘agulha’, ‘triste’
<x>	[s] /ʃ/	[s], [ʃ]	[se], [iʔʃiɾo ahəu maɛ]	‘aqui’, ‘aquele que faz rir’
<t>	/t/	[t]	[ʔt-uʔɛ]	‘ele’
<n>	/n/	[n]	[iʔdʒiənɔ]	‘parente’
<m>	/m/	[m]	[ʔmukui]	‘dois’
<k>	/k/	[k]	[ʔkuzə]	‘mulher’
<kw>	/kw/	[kw]	[ʔkwaw]	‘não’ (negação)
<p>	/p/	[p]	[ʔipira]	‘peixe’
<r>	/r/	[r]	[kuahareʔra]	‘menino’

Fonte: Pesquisa de campo 2013-2015

Abaixo listamos os fones e fonemas vocálicos encontrados em nossa coleta de dados e que serão utilizados para a transcrição fonética de dados em nossa pesquisa. Considerando alguns dos fonemas encontrados em dados de Bendor-Samuel (1972), (1963) e Silva (2010), comparando com os que identifiquei em pesquisa de campo.

Quadro 09 - Grafemas, fonemas e fones vocálicos em guajajara

Grafemas	Fonemas	Fone e alofones	Exemplo fonético	Tradução
<a>	/a/	[a] ~ [ə]	[kaʔraiu], [ʔkuzə]	‘não-índio’, ‘mulher’
<e>	/e/	[ɛ] ~ [e]	[ʔzanɛ], [uʔmeʔekari]	‘nós’, ‘comprar’
<i>	/i/	[i]	[ʔikatu]	‘bom’
<y>	/i/	[i] ~ [u]	[ʔiʔuturi], [ʔɔ]	‘flor’, ‘água’
<o>	/o/	[ɔ] ~ [o]	[kaɾɔʔməhə], [amoʔə]	‘ontem’, ‘ninguém’
<u>	/u/	[u] ~ [ʊ]	[kuʔri], [umukaʔmʊ]	‘agora’, ‘amamentar’

Fonte: Pesquisa de campo 2013-2015

Dos fonemas que encontramos em nossa coleta, alguns diferem em dados de outros pesquisadores que estudaram o guajajara. Por isso listamos abaixo cada um deles para compará-los com os já publicados. Primeiramente listaremos os nossos dados, em seguida os dos demais pesquisadores linguistas.

/s/ em nossos dados tem como fones [s] e [ʃ].

[s] em posição intervocálica e em início de palavra. Ex: [se] ‘aqui’

[ʃ] antes de [i]. Ex: [ʃiŋ] ‘branco’

Em Bendor-Samuel (1963, p. 3) há o fonema /c/ com realização de outros fones. Enquanto em nossos dados ocorre o fonema [s].

/c/ [tš] Alveolar parado com alveo-palatal atravessado por uma fricativa. Ocorre antes de /i/ e em variação livre com [ts], depois /i/ ou próximo de /e/.

[itší] /ici/ ‘seu nariz’, [etšé] ou [etsé] ‘entrar’.

[ts]. Alveolar parada com fricativa livre. Ocorre em outros ambientes [tsú] /cu/ ‘espinho’.

Silva (2010) apresenta fones semelhantes para o fonema [s] encontrado em nossos dados. Como os fones [s] e [ʃ]. Silva registra também o fone [ts] encontrado em Bendor-Samuel (1963). No entanto em Bendor-Samuel (1963) aparece uma africada /c/ para o que Silva e nossos dados apresentam como fonema /s/. Conforme os exemplos abaixo de Silva (2010, p. 97).

/s/ fricativo alveolar surdo

[s] e [ts] em variação livre.

Ex: [sɛ] ~ [tsɛ] ‘aqui’

[s] e [ʃ] em variação livre antes de /a/.

Ex: [aɛ'sak] ~ [aɛ'ʃak] ‘eu vejo’.

O fonema /t/ ocorre geralmente em início de palavra e em posição intervocálica.

Ex: [t'ɛkɔhau] ‘casa’ [i'katu] ‘bom’.

Encontramos também em nossos dados a realização de [ʃ] para o fonema /t/, que ocorre precedido ou seguido de /i/ alto. Sendo essa ocorrência registrada apenas entre falantes mais jovens (2ª geração), sexo masculino. Como na palavra: *pitiqua* [ʔi'ʃikwaw] ‘de jeito nenhum’.

Em Silva (2010, p. 92) também se apresenta a realização de [tʃ] pra o fonema /t/, que é precedido ou seguido de vocóide anterior alto.

Ex: [i'ʃi] ‘nariz dele’ [awa'ʃi] ‘milho’

[t]: nos demais ambientes

Ex: [ta'ta] ‘fogo’ [tu'kɔn] ‘tucano’

Nos dados de Bendor-Samuel (1963) não já registro desse fone [ʃ] para o fonema /t/. Outra distinção encontrada entre meus dados e dos demais pesquisadores do guajajara foi em relação ao fonema /z/.

[z] ocorre em início de palavra e em posição intervocálica.

Ex: ['zə'ənəu] 'celular' ['kuzə] 'mulher'

[ɪ] quando ocorre em posição final de palavra tem o som de /ɪ/

Ex: moz [mɔz] 'cobra'

[dʒ] ocorre antes de /i/ anterior alto e antes de /a/

Ex: [u'dʒimumukɪ a'ɛ] 'entristecer' [ɪ'dʒaraɪɣahɪ] 'palhaçada'

Em Bendor-Samuel (1972) ocorre o fone [j] antes de uma consoante ou pausa e [z] ocorre nos demais ambientes. Em Silva (2010, p. 96-97) ocorrem os seguintes alofones para o fonema /z/:

[z] e [d]: em variação livre

Ex: [za'hɪ] ~ [da'hɪ] 'lua'

[zew'ir] ~ [dew'ir] 'voltar'

[j]: em final de sílaba, antes de silêncio ou precedendo consoante nasal.

Ex: [tapij'ɨwɛr] 'ex-casa'

[majnu'mwi] 'beija-flor'

[z] e [dʒ]: nos demais ambientes.

Ex: [azu'ru] ~ [adʒu'ru] 'papagaio'

Na próxima seção será fundamentado o aporte teórico sobre a área de estudos *Linguística de Contato*, a qual permitirá sistematizar um melhor entendimento sobre os efeitos advindos de línguas em contato.

4 APORTE TEÓRICO SOBRE CONTATO DE LÍNGUAS

O estudo de línguas em contato pode ser abordado em diferentes pontos de vistas teóricos. Na psicolinguística, o foco concentra-se, sobretudo, nos aspectos cognitivos que o contato linguístico pode desencadear na mente humana a partir do momento que o falante opera com os dois sistemas linguísticos. Na Linguística Aplicada, o interesse é pelo estudo da aquisição de linguagem. No variar das diferentes abordagens teóricas, o que de comum acontece em qualquer uma delas é que o falante em contato com dois sistemas linguísticos diferentes acabará transferindo traços de uma língua para outra.

Nossa pesquisa fundamenta-se nos estudos da *Linguística de Contato*, uma área de estudos nova que até o momento não é tida como disciplina científica, ela insere-se dentro da Sociolinguística e tem como precursores principais, Weinreich (1953), Appel e Muysken (1987), Thomason (2001), Matras e Sakel (2007) entre outros. O conhecimento de que a língua guajajara em contato com a língua portuguesa está apresentando influência do português, nos levou a não estudar o português falado pelos guajajara, mas sim estudar a situação linguística do guajajara em contato com o português. Sendo assim, pretende-se verificar quais os efeitos linguísticos que o português tem causado na língua dos Guajajara, quais os traços dessa língua têm-se incorporado na língua dos nativos. As influências são de que ordem? Lexical? Fonológica? Semântica? Qual o real grau de interferência da língua de contato (português) no guajajara? Quais os efeitos sociolinguísticos podem ser desencadeados a partir dessa interferência? Dentro do parâmetro desse campo de estudos, faz-se necessário focarmos sobre alguns fenômenos linguísticos decorrentes do contato de línguas, os tipos de bilinguismo, os tipos de empréstimos e a mudança linguística induzida pelo contato.

A subseção a seguir vai fazer um apanhado sobre os pontos de vistas em diferentes autores que tratam sobre contato de línguas. Nesses estudos ficam evidentes diferentes posicionamentos: para uns, o que existe é contato linguístico; para outros, o contato entre línguas, por si só, pressupõe conflito linguístico.

4.1 Contato ou conflito linguístico?

A história do Brasil é permeada por contatos linguísticos. Ao longo do descobrimento até a atualidade, têm convivido no mesmo espaço populações ameríndias, europeias, africanas e asiáticas. Nas últimas décadas o contato tem se fortalecido com os efeitos da sociedade pós-industrial e das comunicações. O contato entre comunidades diferentes propicia a

consolidação de determinada língua ou, ao contrário, sua extinção. De acordo com Mello; Altenhofen; Raso (2011) no nosso continente americano tem-se a estimativa de quase 170 línguas extintas, dessas, trinta pertencem ao Brasil. Embora nosso país seja visto por muitos como monolíngue, tendo em vista que a maior parte da população fala o português, o país tem aproximadamente 200 línguas e é considerado o país com maior diversidade linguística do mundo. Essa realidade, muitas vezes, é camuflada em virtude da concepção de prestígio que é dado à língua majoritária – o português – em relação às línguas indígenas, cerca de 190, como línguas minoritárias, sem prestígio na sociedade, pois vê na língua portuguesa uma língua de status, sendo esta usada nas relações comerciais e no âmbito escolar.

Nos séculos que se passaram, o contato entre europeus e ameríndios gerou a morte de centenas de línguas: em muitos casos, as línguas morreram porque desapareceram todos os falantes, pelas doenças ou pelas armas dos brancos; em muitos outros, e é geralmente o que continua acontecendo hoje, as línguas desapareceram pela aculturação dos ameríndios em contato com a sociedade ocidental: a língua ameríndia acaba perdendo aos poucos domínios sociolinguísticos, ou não tendo acesso aos novos domínios gerados pela complexificação social, até não ser usada mais ou não ser transmitida para as novas gerações. (MELLO; ALTENHOFEN; RASO, 2011, p. 19)

Por essas razões históricas que assolam a relação entre os diferentes povos e consequentemente entre diferentes línguas, além do cenário atual no Brasil, em que diversas culturas coexistem nas mesmas regiões, falando línguas diferentes que nem sempre têm uma aceitação harmoniosa por parte dos falantes da língua dominante, fica aparente mais conflito linguístico do que contato.

Na perspectiva da *Linguística de Contato*, o Brasil se configura na atualidade em uma nação multilíngue, em decorrência do contato de povos e línguas diferentes circulando no mesmo espaço. É o caso de alguns estados da região sul do país, onde há grande número de imigrantes da Alemanha, Itália e outros países que estabeleceram suas moradias no Brasil e preservaram sua língua de origem, mas falam também o português. Nessa perspectiva, do ponto de vista teórico, o Brasil é um país monolíngue por ter como língua oficial o português, porém, muitos habitantes falam também outra(s) língua(s). Outro exemplo são as línguas indígenas e o português, que historicamente, o contato entre essas duas línguas tem-se constituído desde o período colonial até a atualidade sob conflito, pois ao colonizar as terras brasileiras, a metrópole portuguesa impôs somente o uso do português em nosso território. Para D'Angelis e Vasconcelos (2011, p. 9) “se há conflito linguístico é porque há línguas que representam interesses diferentes ou são mobilizadas para favorecer diferentes projetos de

sociedade”. A ideia de conflito linguístico abordada por grande parte dos estudiosos da Linguística de Contato diverge do conceito elaborado por Weinreich (1953), que concebia o contato entre línguas como “harmonioso”, ocultando uma situação linguística totalmente diferente, que é a imposição, a substituição das línguas minoritárias.

Em nossa concepção, o contato entre línguas, sejam elas minoritárias ou majoritárias reflete além do contato entre dois sistemas diferentes, um conflito linguístico tanto de ordem estrutural, que corresponde à aprendizagem da língua de contato pelo falante, que ao estudar uma nova língua pode desenvolver certo conflito linguístico entre as normas diferentes dos dois sistemas, como também um conflito linguístico de ordem não estrutural, que pode ser as atitudes dos falantes de uma comunidade de fala em relação à interferência da língua de contato, além do prestígio que é dado as duas línguas, geralmente uma ocupa um patamar de prestígio pelo posto de dominante que sustenta em virtude da política de língua que exerce na sociedade. No que tange sobre o contato entre o guajajara e o português configura-se num conflito entre os dois povos e também num contato entre as duas línguas que tem influenciado nos aspectos linguísticos do português na língua guajajara. O contato entre os dois sistemas diferentes tem apresentado certo conflito linguístico entre os falantes das três gerações pesquisadas, pois ao passo que o português avança entre os mais jovens, a língua guajajara vai deixando de ser falada e escrita por essa geração.

O inter-relacionamento linguístico se estabelece entre diferentes culturas que ocupam status econômico, social e político diferentes. Normalmente, o que se vê é a língua detentora de prestígio sendo a mais forte economicamente e a de prestígio inferior com baixo poder financeiro. Nesse sentido, a linguagem passa a ser uma atividade de dominação. A língua de prestígio, a dominante, exerce maior poder sobre a menos forte economicamente. Os sinais dessa dominação podem ser vistos no número de termos relacionados a diversas terminologias, como por exemplo, da área da economia, meios de comunicação modernos, determinadas áreas profissionais, etc. que são advindos da língua de prestígio e adotadas pela língua dominada. Em comparação aos termos advindos da língua dominada incorporados na língua dominante, são vistos em menor número e frequência. A existência de duas ou mais línguas numa mesma comunidade de fala pode resultar na relação de poder entre as línguas – língua dominante X língua dominada e conseqüentemente incorporar a essas línguas uma carga de valor com diferentes prestígios sociais, resultando em situações de diglossia.

Para Ferguson (1959, p. 234) conceito de diglossia é a coexistência em uma mesma comunidade de duas formas linguísticas, que são “batizadas de “variedade alta” (*high*) ou simplesmente H e as variedades dialetais que batizou de “variedade baixa” (*low*) ou

coletivamente L”. A variedade alta é detentora de um poder político que a coloca num alto patamar de prestígio em diversos setores da sociedade: igreja, no ensino formal, nos discursos cerimoniais, além de ter dois instrumentos linguísticos oficiais: gramática e dicionários. Em contrapartida, a variedade baixa não goza dos mesmos espaços de difusão da língua, seu uso fica restrito a contextos de fala informal e é taxada como uma variante que se distancia muito do padrão de língua.

Após a concepção de Ferguson, o conceito de diglossia é retomado por Joshua Fishman (1967). Primeiramente o autor distingue bilinguismo de diglossia. O primeiro seria um fato individual e é campo de estudo da psicolinguística e a última seria um fenômeno social. O autor amplia seu conceito acrescentando que pode haver diglossia entre mais de dois códigos. O quadro abaixo mostra a estrutura de quatro situações que dividem diglossia e bilinguismo.

		Diglossia	
		+	-
Bilinguismo	+	1. bilinguismo e diglossia	2. bilinguismo sem diglossia
	-	3. diglossia sem bilinguismo	4. nem diglossia nem bilinguismo

Fonte: Fishman (1967, p. 30)

1. Bilinguismo e diglossia: todos os membros da comunidade conhecem a forma alta e a forma baixa. Como o Paraguai que fala o espanhol e o guarani.
2. Bilinguismo sem diglossia: quando há falantes bilíngues em uma comunidade, mas não são utilizadas formas linguísticas para usos específicos.
3. Diglossia sem bilinguismo: numa comunidade social o uso entre duas línguas é dividido, um grupo fala a forma alta e o outro a forma baixa.
4. Nem diglossia nem bilinguismo: só há uma língua. Essa ocorrência só é possível em uma comunidade muito pequena.

No que tange especificamente ao contato entre as línguas indígena e portuguesa, fica claro, por todo o contexto histórico conhecido, que esse contato se deu sob conflito entre povos distintos e, por conseguinte, línguas e culturas também distintas. Portanto, a situação de diglossia entre as línguas indígenas e a portuguesa, configura-se como diglossia conflituosa entre os dois códigos. Diante dessa realidade, cabe aos estudos da sociolinguística não

somente o papel de descrever a língua, mas também de intervir no fortalecimento e revitalização das línguas minoritárias que se encontram em ameaça de morte, porque somente estudos de descrição e análise de línguas não são suficientes para a criação de políticas de línguas voltadas para essas comunidades – é preciso a inserção dos estudos de línguas em atividades educacionais das comunidades indígenas.

A próxima subseção traz um pouco sobre o contato dos indígenas Guajajara com diferentes povos que esses nativos estabeleceram contato no decorrer de seu percurso histórico.

4.1.1 O contato entre os Guajajara, outras etnias e negros

No percurso de expansão dos Guajajara, eles tiveram que enfrentar e se defender da inimizade de diversos povos indígenas, principalmente dos Timbira. Entre essas duas etnias havia grandes diferenças, entre elas, a forma de organização social. As etnias Timbira costumam se organizar dentro de suas comunidades com comportamento agressivo contra estranhos de forma mais intensa que os Guajajara. Os Guajajara tradicionalmente viviam em aldeias pequenas, comportando em torno de 200 habitantes no máximo, e se organizavam por grupos familiares extensos relativamente estruturados, sem ideologia de alianças formais que pudessem tentar um ataque tão forte como a das aldeias Timbira, que tinham como tradição chegar a um número superior a mil habitantes. Porém, no início do século XIX, os Guajajara viviam em estado de alerta e passaram a organizar suas aldeias com estruturas que facilitassem se defender contra os possíveis ataques dos Timbira.

O resultado das relações agressivas entre os Guajajara e Timbira deixou uma desconfiança mútua que perdura até os dias atuais. Provavelmente homens Guajajara tenham sido usados nas últimas batalhas que os fazendeiros travaram contra os índios Gaviões e Krikati, por volta da década de 1870. O último confronto entre eles aconteceu entre os Canela Ramkokamekra e os Guajajara do alto Mearim, em 1901, sendo provocado por brasileiros. Na cidade de Barra do Corda, onde estão localizadas as aldeias de nossa pesquisa, é possível ouvir relatos de índios Guajajara que dizem não se dar bem com os Timbira e que estes sempre procuram dificultar as coisas para eles.

Os Guajajara tiveram dificuldade de relacionamento não apenas com os Timbira e outras etnias que viviam nas regiões dos Rios Pindaré e Gurupi, mas também com os negros que fugiam da escravidão e se fixavam entre os Rios Pindaré e Maracaçumé desde o início do século XIX, fixando-se no território dos indígenas. O relacionamento entre índios Guajajara e

negros resultou em casamentos mistos. Atualmente o contato entre os Guajajara e outras etnias indígenas tem se estabelecido através de casamentos com diferentes comunidades indígenas, entre eles os Timbira e até mesmo casamento entre índias Guajajara e homens brancos observamos em nossa pesquisa de campo. Já o contrário, casamento entre homens Guajajara e mulheres brancas não observamos, pois entre eles já pode haver a prática da mulher Guajajara se relacionar com homem branco, como forma de trazer fortalecimento econômico e político para a comunidade.

O contato entre os Guajajara e outros povos mostra um relacionamento desde tempos anteriores com muitos conflitos, o que coloca ainda hoje na história os Guajajara como índios rebeldes e violentos. O conflito entre os diferentes povos e os indígenas Guajajara irão se refletir também num conflito linguístico, como poderá ser visto na seção cinco, onde faremos a análise dos dados da pesquisa.

Na sequência serão explorados os diferentes tipos de bilinguismo e o que de fato é levado em consideração para determinar se um indivíduo é bilíngue ou não.

4.2 As diferentes denominações e tipos de bilinguismo

Na obra *Language contact and bilingualism*, Appel & Muysken (1987) afirmam que o contato entre línguas inevitavelmente leva ao bilinguismo. Geralmente, dois tipos de bilinguismo são distinguidos: bilinguismo social e individual. Bilinguismo social ocorre quando em uma sociedade duas ou mais línguas são faladas. Neste sentido todas as sociedades são bilíngues. Mas eles diferem em relação ao grau e tipos de bilinguismo. O bilinguismo social envolve diferentes grupos numa sociedade bilíngue. Um primeiro grupo é subdividido em dois grupos e cada um fala uma língua. Alguns indivíduos bilíngues cuidam da comunicação intergrupar necessária. Essa forma de bilinguismo societal muitas vezes ocorreu nos ex-países coloniais, onde o colonizador falava Inglês, e as pessoas nativas a língua local.

Num segundo grupo todas as pessoas são bilíngues. Entre os países onde há bilinguismo social estão os países africanos e a Índia, pois as pessoas falam mais de uma língua.

O terceiro e último grupo inserido no bilinguismo social tem um grupo monolíngue e o outro bilíngue. Na maioria dos casos, este último grupo irá formar uma minoria, talvez não numérica ou estatística, mas no sentido social: é um não-dominante ou grupo oprimido.

Os três grupos correspondem a tipos teóricos que não existem de forma pura no mundo em que vivemos: diferentes misturas são muito mais comuns. A situação linguística da maioria dos países é muito mais complexa, com mais de dois grupos e mais de dois idiomas

envolvidos na comunidade de fala. É útil, no entanto, para analisar situações sociolinguísticas dos falantes quando se estudam sociedades bilíngues complexas.

No que diz respeito ao bilinguismo individual, Appel & Muysken (1987) destacam que não é nada fácil determinar se uma pessoa é bilíngue ou não. E exemplificam essa complexidade mostrando o caso de pessoas na Grã-Bretanha que têm aprendido um pouco de francês na escola e praticado em suas férias anuais. Os autores supracitados comparam e questionam se essas pessoas são bilíngues, da mesma forma que os jovens porto-riquenhos em Nova York, que usam tanto o espanhol e inglês com a mesma facilidade.

O contato entre línguas desencadeia a tomada de empréstimos. Este fenômeno linguístico parece inerente, e na maioria das sociedades⁴, inevitável, haja vista que a maioria das línguas toma palavras emprestadas de outros idiomas, da mesma forma que também doa parte de seu vocabulário para outras línguas. Um dos fatores que propiciam o uso de empréstimos são os aspectos sociais adjacentes ao contato linguístico, entre eles, as relações sociais, que envolvem tanto as relações pessoais quanto as econômicas.

Nas relações pessoais temos o contato diário entre indivíduos falantes de línguas diferentes que na convivência desenvolvem um contato entre línguas. Essa prática ocorre desde o Brasil colonial, onde os senhores trabalhavam ao lado de seus escravos e dessa relação social e econômica desmembrava-se também em alguns casos para uma relação onde o senhor adotava a mulher negra como sua amante. Mello (2011, p. 179) observa que “tais fatos levariam a uma troca linguística relevante entre escravos e senhores”. Outro fator social que propicia o uso de empréstimos é a imigração populacional, esta possibilita o contato de diferentes grupos étnicos coexistirem no mesmo espaço.

Enfim, acreditamos que os empréstimos são tomados para atender a necessidades comunicativas dos falantes, muitas vezes para preencher lacunas lexicais de uma das línguas usadas por um falante bilíngue ou não-bilíngue.

Haspelmath (2008) faz uma abordagem no nível da importação consciente e inconsciente para explicar porque ocorrem os empréstimos nas línguas. Para isso, a autora faz distinção entre empréstimo típico e típica interferência induzida pela mudança.

O empréstimo típico é criado por falantes nativos que conscientemente importam uma palavra de outra língua, enquanto típica interferência induzida pela mudança é criada por falantes não-nativos que inconscientemente importam características de sua língua nativa para a língua destinatário. (HASPELMATH, 2008, p. 46)

⁴ Embora, muitas sociedades não aceitem empréstimos vindos de outras línguas. É o caso do francês, que por uma questão política e de resistência não aceita palavras oriundas de outras línguas.

A autora ainda esclarece que pode acontecer imposição com falantes nativos, especialmente quando sua língua materna não é a língua dominante. Esses falantes podem transferir elementos sintáticos de uma língua dominante para sua língua nativa. Essa ocorrência reflete a imposição cultural por meio da língua. No que tange à importação de palavras podem ser advindas de uma língua falada por um grupo diferente para a língua nativa do falante. O contrário também pode acontecer, dos falantes importarem palavras de sua língua para a língua majoritária, a dominante. Nesse caso poderia desenvolver uma nova variedade de língua majoritária, mostrando a influência do contato com o grupo minoritário.

Na próxima subseção listaremos alguns fenômenos linguísticos advindos do contato entre línguas, tais como: interferência, empréstimos, estrangeirismos, simplificação, generalização, transferência e outros.

4.3 Alguns fenômenos linguísticos induzidos pelo contato de línguas

Quando se trata dos estudos de fenômenos linguísticos em línguas em situação de contato, faz-se necessário, acima de tudo, o conhecimento dos aspectos socioculturais do contato entre línguas nos estudos linguísticos. Pois entendemos que a língua está em contato direto com o mundo exterior e os fatores extralinguísticos nos dão uma visão social, cultural e histórica que envolve a situação sociolinguística dos falantes, ao considerar que o determinante principal do resultado do contato de línguas, não é somente a estrutura da língua, mas a convivência do falante entre duas línguas, o grau de contato entre elas, entre outros fatores. Entre os colaboradores de nossa pesquisa, observamos que os fatores externos que mais concorrem para a ocorrência de fenômenos linguísticos no guajajara são: a proximidade das aldeias com o centro urbano, a influência cultural que leva os indígenas usarem com frequência termos do português, pois determinadas palavras da língua indígena vão deixando de ser usadas com o tempo e são substituídas por palavras do português e o contato com a sociedade envolvente que perdura há muito tempo, além do contato com outras etnias.

A área de estudos de contato de línguas envolve várias abordagens sobre os fenômenos linguísticos que ocorrem nas línguas em situação de contato. Weinreich (1953), um dos pioneiros no estudo do contato de línguas, percebeu dois fenômenos: o empréstimo e a interferência, que segundo ele são tipos diferentes. O empréstimo é um fenômeno coletivo recorrente em uma comunidade de fala. A interferência é vista como um fenômeno individual e depende do grau de interlíngua do aprendiz. Em outro ponto, Weinreich (1953) faz distinção

entre interferência na fala e interferência na língua: na fala, a interferência é como a areia transportada por um riacho, na língua, é a areia sedimentada depositada no fundo de um lago. Nesse sentido, a interferência na língua se configura num processo permanente e fixo na língua de contato, enquanto a interferência na fala ocorre como resultado do conhecimento pessoal de outra língua pelo falante.

O conceito tradicional de interferência adotado primeiramente por Weinreich (1953) tem passado ultimamente por reformulação em outros estudiosos como Silva-Corvalán (1995, p. 5) que enumera alguns processos e fenômenos característicos de falantes bilíngues em situação de contato linguístico: “simplificação, generalização, transferência, *code-switching*, análises, e convergência gramatical, atestado através de diferentes situações do contato entre línguas (pidginização e aquisição de primeira e segunda língua)”. A intensidade e duração do contato entre os dois idiomas propicia ainda mais a interferência na estrutura das duas línguas, levando em alguns casos a substituição de determinadas formas linguísticas de uma língua pela outra.

Thomason (2001, p. 70) mostra uma escala que envolve diversas classes de palavras tomadas de empréstimos em diferentes graus de contato linguístico:

No contato casual, falantes que adotam empréstimos não precisam ser fluentes na língua fonte, e/ou alguns bilíngues. Os léxicos emprestados são geralmente palavras de conteúdo, na maioria das vezes, substantivos, verbos, mas também adjetivos e advérbios.

No contato um pouco mais intenso, falantes que adotam empréstimos devem ser razoavelmente fluentes bilíngues, mas eles são, provavelmente, uma minoria entre os falantes de empréstimos. O léxico mais emprestado, nesse caso são as palavras de função, como conjunções e partículas adverbiais como “então”. Nessa fase, o empréstimo estrutural é considerado ainda menor. Características fonológicas, como novos fonemas realizados por novos fones, mas apenas em estrangeirismos; recursos sintáticos como novas funções ou restrições funcionais para estruturas sintáticas anteriormente existente ou o aumento do uso de ordens de palavras anteriormente raras também são verificadas no contato um pouco mais intenso.

No contato mais intenso, onde há mais bilíngues, o léxico mais emprestado são de palavras funcionais, que tendem estar presentes em todas as línguas podem também ser emprestados nesta fase, incluindo itens de classe fechada como pronomes e algarismos menores, bem como substantivos, verbos e adjetivos; afixos derivacionais podem ser emprestados também.

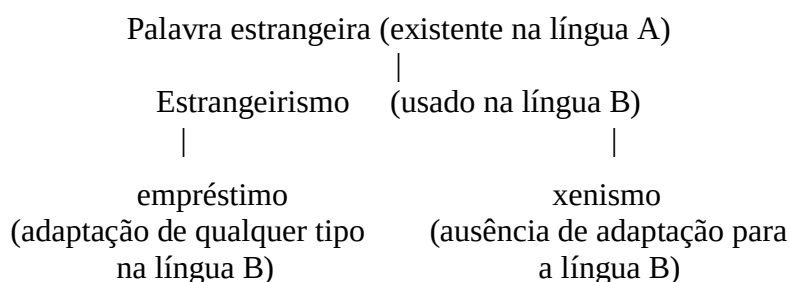
Por fim, no contato intenso o sistema gramatical da língua de contato (receptora) é mais propenso a receber empréstimos de uma língua que tenha uma estrutura tipológica congruente do que em estruturas divergentes, sendo que um contato mais intenso é necessário para empréstimos de estrutura de línguas com tipologia diferente. Geralmente as línguas em contato que têm suas tipologias bastante semelhantes não fazem empréstimos em todos os aspectos linguísticos.

Gomes Molina (2000) observou o fenômeno empréstimo em diferentes modalidades, que se estabelece a partir de diferentes graus de integração linguística – fonológica e gramatical e de integração social. O esquema utilizado pelo autor para a análise descritiva responde ao *continuum*:

interferência →→ empréstimo em vias de integração →→ empréstimo consolidado

O empréstimo ocasional é classificado como integração linguística parcial ou total, mas é resultado de atos idioletais como interferência lexical. Por outro lado, empréstimo em vias de integração é aquele que apresenta integração linguística parcial ou nula e já conta com certo grau de integração social. Em contrapartida o empréstimo consolidado ou estável é a unidade léxica cuja integração linguística é total – fonológica, morfológica e sintática - e mostra grau elevado de integração social.

Carvalho (1989, p. 43) propõe os limites entre estrangeirismos e empréstimos. Um termo estrangeiro que advém de uma língua e entra noutra tem uma determinada origem e ao se instalar na língua receptora passará por processos e fases, como ilustra o esquema utilizado pela autora.



De acordo com as quatro fases postas por Carvalho (1989), os limites entre estrangeirismos e empréstimos estão situados no nível individual e social. Um termo estrangeiro se torna um estrangeirismo quando usado em outra língua (língua B) mais especificamente restrito à fala individual. O empréstimo por sua vez, se constitui como consolidado, introduzido na língua B, portanto, tem caráter social por fazer parte da língua de

um povo que passa a usar o novo termo com frequência. O empréstimo adotado passa por fases de instalação e adaptação do termo tanto nos aspectos fonético/fonológicos ou de ordem escrita. Caso o novo termo permaneça escrito como na sua forma de origem, ele será tido como um termo estrangeiro no sistema linguístico da língua que o adotou (língua B), embora no nível da pronúncia se adapte à fonologia da língua. A permanência do padrão escrito original do termo estrangeiro na outra língua é denominada xenismo, isto é, o termo não sofre adaptação alguma mesmo sendo usado com frequência na língua importadora. Carvalho (1989, p. 47) esclarece que “deve ficar bem clara a distinção entre empréstimo e estrangeirismo (...). O empréstimo é o estrangeirismo adaptado de várias formas. O estrangeirismo pode ter as mais variadas origens [...]”. Nessa perspectiva, entendemos que uma nova palavra ou conceito que entra em outra língua, só pode ser considerado empréstimo quando é adaptado à língua que o adota. Nesse sentido, nem todo estrangeirismo pode ser considerado um empréstimo, mas todo empréstimo advém de um estrangeirismo.

De acordo com nossas leituras e pesquisa em *lócus* conceituamos que um termo vindo de outra língua pode ser considerado empréstimo, quando seu uso adentra em outra comunidade linguística e estende seu uso contínuo à maioria dos falantes independente de passar ou não por adaptações linguísticas da língua importadora.

Das concepções dos diferentes fenômenos linguísticos induzidos pelo contato entre línguas utilizaremos os conceitos de empréstimos porque, ao serem adotados pela língua receptora podem sofrer diferentes adaptações. Em guajajara pudemos observar adaptações de ordem fonológica e morfológica entre falantes da geração mais velha, sexo feminino. Vamos operar também com os estrangeirismos nos dados de falantes da geração mais nova, que usa diferentes campos lexicais do português mantendo a forma original de escrita e pronúncia da língua de contato.

Na próxima subseção vamos abordar sobre os diferentes tipos de empréstimos e os fatores que influenciam a tomada de empréstimos nas línguas em situação de contato.

4.4 Tipos de empréstimos

Quando uma língua adota um termo de outra língua, na maioria das vezes esse termo não mantém sua acepção inicial, a ele pode ser acrescentado tanto aspectos de ordem linguística fonético/fonológicos, morfemas ou aspectos extralinguísticos que pode se relacionar a um novo significado para o termo para se adequar a realidade da comunidade, procurando estabelecer ligação entre o funcionamento do novo código linguístico e a estrutura

social do falante e da comunidade que passa a usá-lo. Dessa forma, o fenômeno empréstimo surge como resultado do contato entre línguas e se desenvolve dentro de uma tipologia variada, conforme veremos a seguir.

4.4.1 Empréstimos quanto à origem

Dentro da esfera dos empréstimos, Bloomfield (1935) faz distinção entre empréstimos culturais, íntimos e dialetais.

Nos empréstimos culturais os recursos emprestados vêm de uma língua diferente. Cada comunidade de fala aprende uma língua a partir do contato com outras comunidades. A língua dessa comunidade se caracteriza dentro de diversas terminologias: práticas bélicas, ritos religiosos, ou moda. No campo gramatical, a forma emprestada é submetida para o sistema da língua emprestada tanto para a sintaxe como para as flexões e composição. O empréstimo cultural resulta da influência de uma cultura sobre a outra, é reflexo das relações, políticas, sociais e comerciais superiores da língua de prestígio.

O empréstimo íntimo ocorre quando duas línguas são faladas dentro do mesmo domínio geográfico e político de uma única comunidade. Bloomfield (1935) faz distinção da língua superior ou dominante, falada pelos conquistadores ou grupo dominante da língua inferior, falada pelas pessoas dominadas. O empréstimo vai predominantemente da língua superior para a língua inferior. Em muitas situações de contato íntimo, a língua inferior é indígena e a superior é introduzida pelos conquistadores dos territórios. Se os falantes da língua inferior estiverem em contato íntimo com falantes da língua dominante, essa língua mudará menos rapidamente.

O empréstimo dialetal se constitui no ambiente familiar, desde a infância, quando a criança passa pelos estágios de aquisição de hábitos de linguagem através de pessoas que fazem parte de seu convívio, geralmente a mãe. Mais tarde as crianças adquirem hábitos de discursos de outras várias pessoas, porque as crianças especialmente têm o hábito de imitar logo no primeiro contato fora de seu círculo familiar. Ao longo de sua vida, o falante continua adotando hábitos de discursos das pessoas que fazem parte de seu meio, assim como em algum momento sua linguagem será modificada pelo contato com outros grupos fora do meio familiar. O empréstimo dialetal surge também quando o falante está em contato com alguém que ele admira, pois acaba imitando a linguagem dessa pessoa. Outro ambiente que propicia o empréstimo dialetal nasce dentro de um espaço onde os recursos emprestados vêm da fala de uma mesma área geográfica que se expande e em um ponto se localiza, tem o seu centro e

noutro as demais localidades adjacentes. Nessa relação de contato com pessoas dos diferentes cantos da localidade, a linguagem do centro da cidade é a que predomina mais entre os falantes.

4.4.1.2 Empréstimos lexicais

Todo campo lexical de uma língua está aberto a mecanismos de ampliação do léxico, fruto tanto do contato com outras línguas, como também do relacionamento dos falantes com o mundo exterior, que os motiva a inovar seu repertório linguístico e propagá-lo. Um dos campos semânticos mais propensos a empréstimos, atualmente, são dos itens referentes à tecnologia da informação, esporte, alimentos, e outros.

Haspelmath (2008, p. 51) faz uma relação interessante dos campos semânticos herdados de empréstimos de línguas dos colonizadores e colonizados. “Por exemplo, os invasores (vitoriosos) tomam emprestados nomes de lugares, nomes de espécies de plantas e animais locais, e a língua dos povos governados por invasores estrangeiros, normalmente adotam termos militares”.

O empréstimo lexical se origina a partir de objetos e conceitos que tem uma nomeação em língua estrangeira passam a ser usados em outra língua. O falante que importa os nomes de objetos ou conceitos por ter um inventário fonético, fonológico, morfológico e sintático, já formado, geralmente terá dificuldades para importar o novo empréstimo. Diante desse impasse, Carvalho (1989, p. 43) aponta que o processo mais utilizado é o calque ou tradução literal. Esse tipo de processo sinaliza para o falante que o termo novo não é nativo, pois não tem nenhum traço de aspectos linguísticos da língua que importou o termo, conforme exemplos abaixo.

haute couture - alta-costura

fiberglass - fibra de vidro

skyscraper - arranha-céu

Haugen (1950) traz uma tipologia de empréstimos que compreende a substituição morfológica em: nenhuma, parcial ou completa.

(1) *Loanwords*: importação morfológica sem substituição. Qualquer importação morfológica pode ser classificada de acordo com o grau de substituição fonológica: nenhuma, parcial ou completa.

(2) *Loanblends*: substituição morfológica bem como importação. Toda substituição envolve um certo grau de análise pelo próprio falante do modelo de língua que ele está imitando; Apenas os híbridos, como envolvem um modelo estrangeiro, detectável estão incluídos aqui.

(3) *Loanshifts*: importação morfológica sem substituição. Estes incluem o que geralmente chamamos traduções de empréstimo e empréstimos semânticos; a mudança do termo é sugerido, porque eles aparecem na língua como empréstimo apenas como mudanças funcionais dos morfemas nativos. Mas as formas que representam o significado são da língua nativa.

(HAUGEN, 1950, p. 214-215)

Na tipologia de Carvalho (1989) temos praticamente a mesma tipologia de Haugen (1950). Em 1) temos os estrangeirismos que passam a ser incorporados em outra língua com a mesma estrutura escrita e fonológica. Em 2) o contato entre as línguas possibilitou a mistura de formas linguísticas dos dois idiomas numa palavra, isso mostra o alto grau de contato e influência de uma língua na outra. Somente em 3) que as formas de significação da palavra são da língua nativa (receptora).

4.4.1.3 Empréstimos gramaticais

O contato entre línguas possibilita que o sistema linguístico de uma língua interfira sobre o outro ocasionando a inserção de elementos da outra língua (fonte) no interior da estrutura da língua (receptora), resultando na reorganização dos padrões linguísticos provenientes da inserção de elementos estrangeiros na língua.

Carvalho (1989) classifica esse tipo de empréstimo como não-lexicais, pois abrange os fonemas, morfemas gramaticais, estrutura sintática, ou seja, são empréstimos de elementos estruturais da língua de contato. Estes são tidos como menos recorrentes no nível dos empréstimos, tendo em vista que o campo mais aberto é o léxico e a ocorrência de empréstimos no campo estrutural apareceria somente em contextos de bilinguismo. Entre os empréstimos gramaticais é mais comum o empréstimo de fonemas.

De acordo com Appel & Muysken (1987) há pelo menos cinco maneiras pelas quais empréstimos gramaticais podem potencialmente acontecer:

através da convergência
através da influência cultural e empréstimo lexical
através da aprendizagem de segunda língua
através da substituição
através da imitação dos padrões de prestígio
(APPEL & MUYSKEN, 1987, p. 154)

O empréstimo de categorias gramaticais é tido como um dos mais raros, tendo em vista que a estrutura gramatical de uma língua é fechada com todos os seus padrões e regras e o empréstimo gramatical de uma língua em outra tipologicamente diferente seria praticamente impossível, a não ser que elas compartilhem da mesma afiliação linguística, como é o caso das línguas neolatinas, que pela proximidade genética compartilham de algumas semelhanças. A incorporação de termos gramaticais de uma língua em outra é um fator que pode vir a causar mudança linguística futuramente no sistema das línguas receptoras.

A próxima subseção vai listar as categorias mais tomadas de empréstimo no contato de línguas e as possibilidades dessas categorias em outras línguas induzirem mudanças no sistema linguístico das línguas receptoras.

4.5 Hierarquias de empréstimos no contato de línguas

Nesta subseção tomamos como base os pressupostos teóricos de Matras e Sakel (2007) em sua obra *gramatical borrowability*, que traz dentro de uma hierarquia as categorias mais tomadas de empréstimos no contato de línguas. Por *gramatical borrowability* entende-se a probabilidade de qualquer categoria estrutural sofrer mudanças induzidas pelo contato. No entanto, o empréstimo de algumas categorias requer mais contato intenso, do que o de outras. Quanto mais línguas mostrarem empréstimos afetando uma determinada categoria, maior será a frequência de empréstimo para essa categoria específica. Pode-se dizer que esta classe é “mais provável” de ser emprestada em comparação a outras categorias.

Fonologia

Os empréstimos de fonemas são adotados para se ajustar à articulação da língua de contato. Quando um fonema de uma língua é incorporado em outra língua cujo inventário fonológico é muito distante da língua que adota o empréstimo, entendemos que essa língua pode aos poucos ir se distanciando de sua estrutura fonológica, modificando consideravelmente o campo lexical.

Numerais

Matras e Sakel (2007) afirmam que são tidos como uma das categorias menos tomadas de empréstimos. No entanto vários tipos de empréstimos envolvendo números podem ser

identificados como através da replicação padrão, que aparece em algumas línguas. Como a combinação de números e lexemas simples. Em alguns casos, a replicação numeral está sujeita a restrições sociolinguísticas com línguas em contato. Os numerais são usados preferencialmente para formalidades, como citar datas, endereços e realizar tarefas matemáticas como a contagem.

A afirmação de Matras e Sakel (2007) sobre os numerais não serem muito emprestados, não corresponde à realidade dos falantes guajajara, pois na língua desses indígenas o sistema de numeração só tem do numeral um ao quatro. Em situações que necessitam de valores numéricos acima do número quatro, recorrem ao sistema numérico português. Matras e Sakel (2007) observam que referente ao sistema de numerais indígenas, estes são vistos prestes a um declínio, e a geração mais jovem mostra mais preferência por números emprestados. Geralmente os números tomados de empréstimos são aqueles mais elevados.

Conectivos/conjunções

Cada língua tem sua estrutura padrão e nem todas têm em sua formação uma relação de conectores ou conjunções, de modo que para formar orações que expressem ideias de condição, causa, e outras, usam determinadas classes de palavras que correspondam a tais significados. Algumas línguas indígenas se encaixam nessa estrutura de língua sem conectores ou conjunções e talvez pelo contato com línguas não-indígenas se veem motivadas a fazerem uso de conectores ou conjunções no interior de suas línguas nativas.

Segundo Matras (2007, p. 54) “a categoria mais suscetível a empréstimos é a de conectores”. É comum todas as línguas emprestarem conectores. Uma das tendências mais registradas são as conjunções emprestadas para introduzir orações adverbiais. Para a autora, as conjunções geralmente mais tomadas de empréstimos são: *mas* > *ou* > e outro registro frequente de empréstimos são também os subordinadores condicionais, ao passo que os subordinadores temporais são geralmente associados a conjunções expressando propósito e causa. Entre os Guajajara pudemos observar o empréstimo de conjunções adversativas e alternativas, esta última funciona como subordinada condicional, que poderemos analisar com mais detalhes na seção cinco. (cf. subseção: 5.4.1).

Ordem e sintaxe constituinte

Não é muito comum contato linguístico que induz mudança na ordem das palavras. Os casos encontrados foram em construções possessivas, pois a alteração da posição do possuidor e objeto possuído não afetam a posição do verbo e por isso deixa a organização do predicado intacta. Com isso Matras (2007) propôs a seguinte hierarquia baseada na probabilidade de ordem das palavras pelo contato que induz mudança. Nessa hierarquia os predicados nominais constituídos por possuidor e adjetivo parecem mais vulneráveis a alterações do que a posição de verbos lexicais. Matras (2007) observa que os casos onde foram detectadas mudanças na tipologia sintática tendem a serem línguas que têm um contato longo em situação de multilinguismo estável. Em nossa pesquisa não tratamos da ordem dos constituintes em guajajara, mas pretendemos abordar em trabalhos futuros esse e outros aspectos sintáticos desse dialeto para verificar se o contato com o português tem influenciado na mudança tipológica da ordem dos constituintes.

A última subseção traz os resultados do contato linguístico que influenciam mudanças tanto nos aspectos linguísticos, quanto nos aspectos sociais que envolvem os falantes.

4.6 Resultado e mudança linguística advindos do contato

Os estudos de Thomason (2001) em sua obra *Language contact* faz uma abordagem mais profunda dos resultados do contato entre línguas que levam a mudança linguística. O resultado de línguas em contato traz um conjunto hierárquico de tipologias, conforme esclarecem as subseções a seguir.

4.6.1 Contato que induz mudança na língua

Quando se trata de duas línguas em contato, diferentes fatores concorrem para a mudança na língua, o primeiro deles é o social⁵, que envolve entre tantos aspectos, o sexo do falante, a escolaridade e faixa etária, entre outros. Não basta ter conhecimento apenas dos fatores linguísticos recorrentes no contato entre línguas, os fatores sociais (culturais e históricos) são fundamentais para entender o grau e a intensidade do contato linguístico dos

⁵ O estudo dos fatores sociais no campo da linguagem é objeto de estudo também de outras ciências, como a Sociologia e a Antropologia. A primeira estuda os fenômenos sociais e sua relação com os indivíduos. A segunda estuda o homem e sua diversidade cultural, que envolve também a língua.

falantes, tendo em vista que a língua está em contato direto com o mundo exterior e sem um claro conhecimento da dinâmica social de contato linguístico de uma comunidade, não há meios para explicar a real situação sociolinguística dos falantes.

Outro aspecto que causa mudança na língua são “os fatores linguísticos”, como o grau em que os recursos são integrados no sistema linguístico e a distância tipológica entre as línguas de origem e receptora. Quanto mais elementos da língua fonte se integrarem na língua receptora e essas duas línguas tiverem uma estrutura tipológica totalmente diferente, a mudança na língua se mostra iminente. À medida que elementos da língua-fonte se incorporam na língua receptora, esta passa sofrer os efeitos em sua estrutura, tais como a perda de recursos, adição de recursos, substituição de recursos. Sobre a perda de recursos, começa a ser perceptível na perda de alguns fonemas nativos, adição de novos fonemas mesmo no vocabulário nativo, recursos prosódicos como a colocação de acento, perda ou adição de estrutura silábica restrita.

4.6.1.1 Mistura de línguas extremas: uma tipologia das línguas de contato

Incluem-se os pidgins, crioulos. Nessa tipologia, as estruturas das duas línguas passam a ser misturadas tornando-se uma variedade nova (pidgin) que visa atender a comunicação de diferentes povos em comunidades que tem pessoas que falam diferentes línguas. O uso contínuo de um pidgin, pode se desenvolver e tornar-se uma língua crioula caso as gerações futuras aprendam o pidgin como língua nativa e assim adquira status de língua.

4.6.1.1.1 A tipologia das rotas para a morte de língua

Uma língua começa a dar sinais de morte quando geralmente a perda de material linguístico vem aliada a substituição gramatical da língua nativa pela estrutura gramatical da língua de contato. Em sintaxe, recursos como ordem de palavras, começam a substituir a tipologia SVO SOV (ou vice-versa). Na morfologia, afixos flexionais emprestados e outras categorias podem ser adicionados às palavras nativas, especialmente se eles se encaixam bem tipologicamente com padrões previamente existentes. Além dos efeitos diretos, que são os linguísticos, os efeitos indiretos do contato pode levar à morte de uma língua, entre eles o desgaste dos falantes da língua desprestigiada, que não goza do mesmo poder da língua dominante.

Essa seção nos deu todo o suporte teórico e metodológico para tratarmos sobre o fenômeno “contato de línguas”. A seguir, a próxima seção vai tratar sobre a língua guajajara em contato com a língua portuguesa e os fenômenos linguísticos na língua indígena que são induzidos por esse contato. Os dados obtidos na pesquisa de campo serão analisados à luz dos fundamentos da *Linguística de Contato* abordados nessa seção, como os fenômenos linguísticos advindos do contato de línguas em Carvalho (1989), empréstimos gramaticais encontrados em Appel & Muysken (1987), as hierarquias de empréstimos de categorias lexicais em Matras (2007) e, por fim, a conceituação de mudança linguística de Thomason (2001).

5 FENÔMENOS LINGÜÍSTICOS EM GUAJAJARA INDUZIDOS PELO CONTATO COM O PORTUGUÊS

A pesquisa teve a contribuição de seis colaboradores que estão estratificados em três gerações de ambos os sexos. Ressaltamos que estratificamos a última geração na faixa-etária entre (8 e 15) anos, pelo fato de que nessa fase já têm um “domínio” da escrita, ou estão se alfabetizando. Ter colaboradores na pesquisa com certo “domínio” da escrita é importante para nosso estudo porque pretendemos analisar se a interferência do português na língua guajajara tem atingido também na escrita da língua. A pesquisa ora realizada foi feita por meio de sentenças elicitadas com vários paradigmas, entre os quais, paradigmas de derivação verbal e nominal. Os questionários com esses paradigmas e listas de palavras previamente elaboradas foram respondidos por escrito e também gravados. Fizemos também gravações de eventos de fala, que constituíram narrativas de festas tradicionais do povo Guajajara e outras conversas espontâneas. Essa lista de perguntas no questionário será importante para verificar se a influência do português no guajajara tem atingido os níveis da estrutura gramatical na língua indígena com a adoção de morfemas do português, além da influência no nível lexical que é a mais comum no contato entre línguas.

A tabela abaixo (cf. tabela 01) mostra a estratificação em paralelo ao nível de proficiência dos falantes tanto no guajajara quanto no português. As variáveis extralingüísticas utilizadas em nossa pesquisa foram: faixa etária, sexo e escolaridade. As razões de estratificá-los assim se dão em virtude de buscarmos respostas para nossas hipóteses e/ou questionamentos: se a língua portuguesa em contato com o guajajara tem interferido no campo lexical e/ou gramatical na língua dos indígenas em todas as gerações, e ainda, em quais dessas gerações se faz mais perceptíveis tais interferências. Sobre a variável sexo buscamos analisar se há graus diferenciados de influência do português entre homens e mulheres. A escolaridade é uma variável importante para verificar se entre os colaboradores na pesquisa o nível de escolaridade tem sido um fator influenciador para a interferência da língua de contato.

Para analisar a influência do português no guajajara trabalharemos com algumas variáveis linguísticas, cujas características são de ordem fonológica e sintática da língua de contato e que foram encontradas entre falantes do guajajara. No campo fonológico, palavras do português têm sido emprestadas pelos Guajajara ora com adaptação fonológica da língua indígena, ora sem adaptação alguma. É o caso da palavra cavalo: que entre a geração mais velha, sexo feminino é pronunciado com adaptação à língua indígena, em que a falante usa o

fonema [u] alto para adaptar ao guajajara: [kawa'ru]. Ao passo que a geração mais nova, sexo masculino aproxima a pronúncia à língua de contato: [ka'varu]. Notamos também a adição do fonema [ʃ] do português entre falantes da geração mais nova, sexo masculino (cf. 5.1.) A monotongação dos ditongos [ej] e [ia]. Com isso, percebe-se marcas do português regional entre os falantes de todas as gerações de ambos os sexos.

No campo sintático, os falantes guajajara têm adotado conjunções do português no interior das orações em guajajara. Essas e outras variáveis linguísticas serão descritas na análise de nossos dados na presente seção.

Tabela 01 - Extratificação dos colaboradores da pesquisa

Gerações	Idade	Uso das línguas
1ª geração	45-70	+ guajajara - português
2ª geração	20-35	+ português - guajajara
3ª geração	8-15	+ português -guajajara

Fonte: Pesquisa de campo 2013-2015

Outra razão que nos motivou a estratificar os informantes dentro dessas faixas etárias foram as informações postas no censo IBGE (2010), em que se fez o levantamento de dados sobre a situação linguística dos indígenas em relação à condição de fala da língua nativa em Terras Indígenas, conforme a tabela abaixo, adaptada do IBGE.

Tabela 02 - Língua guajajara falada no domicílio indígena

Total	Pessoas indígenas de 5 anos ou mais de idade, residentes em terras indígenas						
	Sexo		Grupo de idade				
	Homens	Mulheres	5 a 9 anos	10 a 14 anos	15 a 24 anos	25 a 49 anos	50 anos ou mais
8 269	4 257	4 012	1 815	1 349	1 986	2 252	867

Fonte: IBGE (2010, p. 145)

Na atualidade, os Guajajara são considerados bilíngues, pois falam tanto a língua indígena, quanto a língua portuguesa, sendo esta mais usada nas relações estabelecidas com os não-índios quando estão na cidade para resolver questões com os brancos. No censo IBGE (2010) buscou-se saber se os Guajajara estão falando também a língua portuguesa em seus domicílios. Observemos a tabela abaixo (adaptada do IBGE), que mostra os dados referentes tanto ao uso da língua indígena, quanto ao uso da língua portuguesa no domicílio por pessoas indígenas acima de cinco anos de idade:

Tabela 03 - Pessoas indígenas que falam português no domicílio indígena

Pessoas indígenas acima de 5 anos de idade								
Total (1)(2)(3)	Condição de falar português no domicílio		Condição de falar língua indígena no domicílio					
			Falavam			Não falavam		
			Total (3)	Condição de falar português no domicílio		Total	Condição de falar português no domicílio	
	Falavam	Não falavam		Falavam	Não falavam		Falavam	Não Falavam
20 152	15 139	5 013	17 413	12 515	4 898	2 739	2 624	115

Fonte: IBGE (2010, p. 163)

Os dados nos revelam números expressivos de indígenas Guajajara que falam a língua portuguesa em ambiente indígena. As causas para a interferência de uma língua na outra podem ser de ordem diversa; entre os Guajajara ocorre devido o contato muito próximo com a sociedade envolvente, porque muitas aldeias estão instaladas ao lado das rodovias, o que facilita o contato diário com a cidade mais próxima, Barra do Corda. É para essa cidade que os índios se deslocam com frequência para comprar alimentos, resolver questões na FUNAI, e no banco, e muitos jovens vão para a cidade para continuar os estudos. São justamente essas atividades na cidade que têm motivado os indígenas fazerem uso da língua portuguesa para serem entendidos na sociedade envolvente pelos não-índios. A prática de uso da língua portuguesa na cidade tem se estendido para dentro das aldeias em contextos de fala informal e formal. Nessa perspectiva, as duas línguas coexistem no mesmo espaço com graus diferenciados de uso entre os mais velhos e mais jovens. Estes aprendem na escola da aldeia a língua portuguesa a partir da 2ª série e em muitas situações fora da sala de aula continuam usando o português. As crianças em brincadeiras infantis, os jovens rapazes no futebol. Já os mais velhos falam mais em guajajara, principalmente as mulheres que em relação aos homens têm menos acesso à cidade, pois a elas cabe a tarefa de permanecer mais na aldeia para cuidar da casa e dos filhos, mesmo assim elas falam o português, mas sem muita fluência.

A próxima subseção descreve de forma sumária as distinções tipológicas entre as duas línguas que estão em situação de contato em nosso estudo. O português, língua da sociedade envolvente, com aspectos linguísticos herdados de uma herança europeia, bastante diferentes da língua guajajara, uma língua indígena falada pelos nativos, primeiros habitantes do Brasil.

5.1 Distinções tipológicas entre o português e o guajajara

A língua portuguesa e a guajajara apresentam inúmeras distinções tipológicas em diferentes aspectos linguísticos. As subseções a seguir traçam essas diferenças e servirão de

base para analisar a influência do português na língua indígena guajajara, apesar de serem duas línguas tão distantes tipologicamente.

5.1.1 Nomes

Segundo Carl e Carole Harrison (1970) a classe dos substantivos, posposições, além dos verbos transitivos, intransitivos e descritivos ocorrem em duas classes principais, denominadas como: classe I e classe H, essas duas classes recebem essa nomeação, por conta do prefixo que é indicativo de terceira pessoa, sujeito, objeto ou possuidor.

No que se refere aos nomes em guajajara, eles pertencem a subclasse T que faz parte da classe H. Denomina-se subclasse T para fazer referência ao prefixo “t” presente nos termos relacionados a nomes de parentesco. Conforme exemplos a seguir: *tu* ‘pai’, *ta'yr* ‘filho’, *tazyr* ‘filha’, *tyky'yr* ‘irmão mais velho’, *tàmuz* ‘avô’, etc. (CARL; CAROLE HARRISON, 1970, p. 5).

Os nomes possuídos em guajajara se referem geralmente a termos de parentescos, os quais se flexionam para a categoria de gênero para marcar a diferença entre a fala do homem e a fala da mulher. Os demais nomes possuídos se referem a objetos e partes do corpo humano. Os não-possuídos se referem a homem, mulher e animais: Zezinho, mulher, veado, tatu.

Quadro 10 - Nomes possuídos em guajajara

Substantivos possuídos	Glossa
-'yr	'filho' (homem falando) II
-azyr	'filha' (homem falando) II
Memyr	'filho/a' (mulher falando)

Fonte: Carl; Carole Harrison (1970. p. 05)

Na língua portuguesa, os critérios para marcação de posse são bem diferentes, se realizam por meio do uso de pronomes que indicam pessoa e número e ao mesmo tempo estabelece a relação entre o possuidor e a coisa possuída (pessoa ou coisa de quem se fala). Diferente da língua guajajara que restringe a marca de posse a determinados nomes.

Quadro 11 - Pronomes possessivos em português

Número	1ª pessoa	2ª pessoa	3ª pessoa
Singular	meu, minha, meus, minhas	teu, tua, teus, tuas	seu, sua, seus, suas
Plural	nosso, nossa, nossos, nossas	vosso, vossa, vossos, vossas	seu, sua, seus, suas

5.1.1.2 Verbos

Os três tipos de verbos recorrentes em guajajara são: transitivos, intransitivos, estativos (ou descritivos). Estes verbos são compostos por duas partes, um radical e um prefixo pronominal que marca o ator e/ou o sujeito. Os verbos transitivos necessitam de um complemento na oração ou no contexto, ou seja, um objeto. Em contrapartida, os verbos intransitivos fazem menção às ações não dirigidas a objetos, e por isso não pedem complemento, por exemplo, dormir, etc. Os verbos Estativos caracterizam um estado, como estar sujo, estar cansado, e outros. Os exemplos abaixo retirados de Bendor-Samuel (1969, p. 4) mostram os três tipos de verbos.

<i>a-zuka</i>	'eu mato (alguma coisa)'	Transitivo
<i>a-ker</i>	'eu durmo '	Intransitivo
<i>he-kene'o</i>	'eu estou cansado'	Estativo

De acordo com Bendor-Samuel (1972) os verbos recebem essa classificação de: transitivo, intransitivo ou estativo porque eles se dividem em três subclasses, que são mutuamente exclusivas em associação, e por conta da ocorrência com o conjunto de prefixos pronominais. Além disso, estruturas transitivas têm a prerrogativa de possuir o elemento objeto enquanto que com um intransitivo e estativo não há essa possibilidade.

Carl e Carole Harrison (1970) – trata dos prefixos relacionais – indicadores de classe (I e H) dos verbos transitivos, intransitivos e estativos. Os verbos transitivos, intransitivos e estativos ocorrem em duas classes principais: Classe I e classe H, onde a forma dos prefixos indicam 3ª pessoa, sujeito, objeto ou possuidor. Carl e Carole Harrison (1970, p. 4) apresentam alguns exemplos da classe I (ocorrências sublinhadas):

Vt: <i>u-pytywà</i> ,	<i><u>i</u>-pytywà mehe</i>	'ajuda, quando é ajudado'
Vi: <i>u-ker</i> ,	<i><u>i</u>-ker mehe</i>	'dorme, quando dorme'
Vd: <i><u>i</u>-kene'o</i> ,	<i><u>i</u>-kene'o mehe</i>	'está cansado, quando cansado'

Exemplos das palavras da classe H (ocorrências sublinhadas):

Vt: <i>w-exak</i> ,	<i><u>h</u>-exak mehe</i>	'ver'
Vi: <i>w-iko</i> ,	<i><u>h</u>-eko mehe</i>	'ser'
Vd: <i><u>h</u>-urywete</i> ,	<i><u>h</u>-urywete mehe</i>	'alegre'

(CARL; CAROLE HARRISON, 1970, p. 05)

Na língua portuguesa, os verbos são compostos pelo radical, parte invariável, mais morfemas flexionais que vêm junto ao radical. Eles se flexionam em número, pessoa e tempo por meio de morfemas sufixais. Ao passo que na língua guajajara, a marcação de pessoa, bem como a classificação dos tipos de verbos: transitivos, intransitivos e estativos (ou descritivos) se dão pela ocorrência de um conjunto de prefixos pronominais. Em guajajara para identificar o tempo em que ocorrem os fatos, usam-se advérbios, ao passo que na língua portuguesa ocorre a flexão do verbo para indicar que o fato ocorreu no presente, passado ou futuro. Diferente também da língua guajajara, em português não se usa prefixos para identificar se o verbo é transitivo, intransitivo ou estativo. Essa determinação fica clara ao fazer a pergunta ao verbo, ou seja, se ele necessita de complemento é um verbo transitivo, se não, é um intransitivo e para saber se é um verbo estativo, ele mostra um estado para o sujeito do discurso.

5.1.1.3 Advérbios

Na *Gramática da Língua Guajajara: um esboço*, Bendor-Samuel (1969) afirma que os advérbios são aquelas palavras que podem aparecer sozinhas nas orações, funcionando como um adjunto. O advérbio nessa língua indica tempo, lugar ou modo. Na língua portuguesa, além desses três tipos de advérbios, há um inventário ainda maior para expressar outras circunstâncias, tais como os advérbios de: afirmação, negação, dúvida, intensidade, exclusão, inclusão e ordem. Na língua guajajara, contextos que envolvem essas ideias são expressas por meio de partículas ou reduplicação de alguma palavra da oração, no caso de intensidade, conforme mostra no segundo exemplo abaixo, funciona tanto como advérbio de lugar, quanto como intensidade, pelo fato de reduplicar por repetição total o verbo *oho* (ir) que indica que o sujeito foi muito longe. Outra diferença entre os advérbios do guajajara e do português é que o advérbio de modo nessa última língua também pode ser constituído a partir do acréscimo do morfema (-mente) junto a um adjetivo. Em guajajara não há essa possibilidade.

oho Zezin karumehe
'Zezin foi ontem'

oho oho Zezin moite
'Zezin foi bem longe'

(BENDOR-SAMUEL, 1969, p. 4)

5.1.1.4 Partículas

Em guajajara há um grande número de palavras que ocorrem nas orações e que não estão obrigatoriamente ligadas a outros termos da oração, é a classe das partículas, muito recorrente em guajajara e ocupa posições variadas dentro das sentenças, de modo que dependendo da posição ocupada, seu significado no contexto da oração vai mudando. As que ocorrem no começo ou no meio da oração geralmente indicam o tempo, ou nuances tais como frustração, incerteza. As que ocorrem no fim da oração geralmente servem para relacionar a oração ao seu contexto indicando a mudança de ator, ou ação, mas às vezes, partículas no fim podem também indicar tempo.

Partícula no início da oração indicando incerteza

aipo oho ko pe
Pt ir roça LOC
'talvez ele foi à roça'

Partícula no meio da oração indicando frustração

oho zepe ko pe
Ir Pt roça LOC
'ele foi à roça (mas não conseguiu o que queria)'

Partícula no fim da oração indicando tempo ou ator ou ação diferente

oho ko pe kury
ir roça LOC Pt
'depois ele foi à roça'

oho ko pe no
ir roça LOC Pt
'ele foi à roça (ator ou ação diferente)'

(BENDOR-SAMUEL 1969, p. 6)

Em nossos dados encontramos além dessas partículas citadas por Bendor-Samuel (1969), uma partícula para indicar a negação, mesmo havendo em guajajara morfes de negação que acompanham verbos e nomes. É o caso da partícula '*kwaw*' que pode ocorrer no meio ou no fim da oração, mas nunca no início. Conforme exemplos retirados de nossos dados.

n-uru-ma'ereko kwaw zeqari y'm
NEG-1p.pl-trabalho NEG cantar NEG
'não trabalhamos sem cantar'

karumehe n-ere-pirazuka kwaw
 ADV NEG-2ªp.s-pescar NEG
 ‘ontem você não pescou’

Na língua portuguesa não há uma classe de partículas, a classe que podemos considerar como equivalente a das partículas seriam as conjunções e advérbios. Pois apresentam aspectos semânticos semelhantes às partículas em guajajara.

5.1.1.5 Preposição e posposição

Nas orações em guajajara a preposição vem depois do substantivo e por isso é considerada uma posposição.

oho Zezin ko pe
 ir SUJ. roça POSP.para
 ‘Zezin vai para a roça’

oho Zezin Mané rupi
 ir SUJ. OBJ POSP.com
 ‘Zezin vai com Manuel’

(BENDOR-SAMUEL 1969, p. 4)

Essa construção posposicional em guajajara não é comum em português, pois nesta se constrói com o uso de preposição, e diferente do guajajara não vem no fim da oração, aparece no meio ligando dois ou mais termos.

Ex: Ela esperou **com entusiasmo** aquele breve passeio.

Após as distinções tipológicas descritas acima entre o guajajara e o português vamos analisar os dados obtidos em nossa pesquisa nas próximas subseções, que mostram a adoção de termos do português adaptados ao guajajara e outros que são adotados sem nenhuma forma de adaptação. Para os termos adaptados ao guajajara consideramos serem empréstimos, tendo como base os postulados de Carvalho (1989) que afirma ser empréstimo um termo estrangeiro que sofre adaptações de diversas ordens, fonético/fonológicas ou morfológica na língua que importa o termo de outra língua. Aqueles que não sofrem esse tipo de adaptação, denominaremos em nossos dados como estrangeirismos (os xenismos) que preservam a forma escrita original do termo mesmo fazendo parte do repertório linguístico dos falantes da língua receptora.

5.2 Empréstimos fonético-fonológicos

Alguns empréstimos do português na língua guajajara mostram uma adaptação fonético-fonológica à língua indígena, os quais podem ser observados em processos como:

a) Simplificação da estrutura silábica do português (adaptado ao padrão silábico guajajara)

(1) lápis: ['lapi]

(2) papel: ['pape]

(3) açúcar: ['sukə]

(4) canoa: ['kanu]

Em ['lapi] ocorre a perda da consoante em coda silábica no final da palavra. O mesmo ocorre para a palavra papel, que perde a consoante final <l>, uma vez que, em guajajara, não há registro dessa consoante.

Referente à palavra ‘açúcar’ temos o enfraquecimento e o apagamento da vogal baixa oral [a] no início de palavra e também da vibrante [r] em final de palavra. Essas diferenças fonéticas mostram a adaptação dos empréstimos da língua portuguesa na língua guajajara.

Em ‘canoa’ a palavra emprestada do português foi adaptada ao padrão fonológico guajajara com a pronúncia do [u] alto muito comum em guajajara.

Nos dados de Silva (2010, p. 1111), ela também encontrou esse mesmo registro para ‘canoa’ (**kanu**). Segundo Silva, este empréstimo “substitui completamente a palavra **jar**, que é a palavra usada ainda hoje em tembé com cognatos em outras línguas da família”. Porém, os Guajajara das aldeias pesquisadas por Silva desconhecem essa palavra. Isso pode ser um indicativo de que o termo **kanu** foi adquirido pelos Guajajara em contato com a língua do não índio, tendo em vista que esta mostra forte relação com o sistema linguístico do português.

(5) *a-pirapoz apik tenə kanu ø-pupe*
 1-pescar 1-sentar sentado canoa R¹-dentro.de
 ‘eu estou pescando sentado na canoa’

(SILVA, 2010, p. 1111)

b) Acomodação por recombinação do padrão silábico (com adição de sílabas do português)

(6) goiaba: [ʔg^waiabə] ~ [ʔgoiabɪ]

Se no exemplo para “canoa” em (4) o falante guajajara faz adaptação do termo ao padrão silábico guajajara, aqui acontece o contrário. A falante da 2ª geração, sexo feminino acrescenta o modelo de tipologia silábica do português no interior da palavra “goiaba”, que na língua indígena é registrado como *goiaw*. Ocorre ainda a adição da sílaba final do português “ba” que sofre flutuação de pronúncia: bə ~ bɪ.

c) Acomodação silábica com adição da vogal [i] do guajajara em ambientes nasais

(7) moto: [imɔ'tən]

Essa pronúncia foi registrada entre os falantes mais velhos do sexo feminino. O ajustamento fonológico com fonemas da língua indígena adaptou a palavra do português à língua guajajara.

d) Acomodação do padrão fonológico (por substituição de fonemas do português)

(8) arroz: [a'ʔɔɪ]

(9) açúcar: [a'su^k]

(10) macaxeira: [maka'sɛɾɔ] ~ [maka'ʃerə]

(11) camisa: [ka'miɾə]

(12) moto: [ʔmɔtə]

(13) colher: [ʔkuzɛ]

(14) mesa: [ʔmeɪ]

(15) gelo: [ʔʒelɪ]

(16) banheiro: [ba'neiri]

(17) cavalo: [kawa'ru] ~ [ka'varu]

Em [a'rɔ̃] o fonema [z] em coda silábica no fim de palavra tem som de [ɪ] em posição final de palavra. A falante da 1ª geração, sexo feminino, também faz uso do fonema [ʀ] vibrante no lugar da fricativa glotal desvozeada [h] do português na pronúncia de “arroz”. Observa-se também o uso do fonema [ɔ] aberto, quando em português tem-se o som fechado [o]. Aqui a falante da geração mais velha usa a palavra na língua portuguesa, mas a forma de pronúncia é nativa.

Em ‘açúcar’ temos a troca da pronúncia final com o fonema [ɑ] por [k] com leve acréscimo de [i] que apresenta uma sútil vocalização.

Para “macaxeira” [maka'sɛrɑ] ~ [maka'ʃerɑ] a geração mais velha usa o [ɛ] aberto e a geração mais nova, já faz uso de uma pronúncia semelhante à da língua portuguesa, ou seja, som fechado [e], além da pronúncia da fricativa alveolopalatal desvozeada [ʃ] ao invés de [s], fricativo alveolar desvozeado.

Em ‘camisa’, o que evidencia a adaptação à fonologia do guajajara é a substituição do fonema [z] por [ɾ]. Essa constatação revela que como o fonema [z] em guajajara não tem o mesmo som correspondente em português (fricativa alveolar vozeada) quando ocupa posição inicial ou no meio de palavras, esse fonema em guajajara na palavra ‘camisa’ sofreu alteração se adaptando à fonologia guajajara ao usar um fonema correspondente na língua, [ɾ]. Outro fator perceptível é que na pronúncia segue com o acréscimo do fonema [ə] ao final da palavra, vocalizando-a.

Para ‘moto’ temos uma substituição de fonemas também recorrente na variedade do português regional, que é a troca do fonema final [o] por [ə].

Em ‘colher’ temos um empréstimo adaptado à fonologia da língua, uma vez que ocorre o fone [ɛ] e a troca de [ʎ] pelo fonema correspondente em guajajara [z] recorrente na fala de todas as gerações.

Em ‘mesa’, há troca do fonema [ə] pelo fonema [ɪ], tendência em guajajara que registramos em outras palavras nessa seção.

Em ‘gelo’ há troca do fonema oral [ʊ] pelo fonema [ɪ]. O mesmo ocorre em ‘banheiro’, o que se configura num processo fonético em que [ʊ] transforma-se em [ɪ], anteriorizando-se. Em guajajara é muito recorrente a preferência pelo uso da vogal anterior [ɪ] no final de palavras que são do português e os índios estão adaptando-as com o uso da substituição de [ə] por [ɪ] e [ʊ] por [ɪ]. Como foi detectado em gravações de narrativas, um colaborador mais velho, sexo masculino, usa para o verbo ‘continuar’ no presente, a seguinte

adaptação ‘continue’ (ainda continui), para querer dizer na realidade “ainda continua”. Essa ocorrência também foi perceptível entre falantes mais velhos do sexo feminino.

Em ‘cavalo’ existe um empréstimo lexical com troca de fonema e a adaptação à fonologia guajajara tornou a palavra ‘cavalo’, na língua nativa, mais vocálica, pois nesta língua não há o fonema [v]. O que favoreceu o falante guajajara a trocá-lo pelo correspondente na língua, o glide [w], além da ocorrência da vogal alta posterior [ʊ] ao final da palavra. Também não há em guajajara a lateral [l], o qual é substituído em ‘cavalo’ por [r]. No entanto, se observa entre um colaborador da 2ª geração, sexo masculino, o uso da fricativa labiodental vozeada [v] do português, além do uso do fonema [u] posterior fechado, como em ‘cavaru’, que a geração mais velha usa como [ʊ] alto central.

Nas palavras listadas acima temos um tipo de empréstimo classificado por Braggio (2010, p. 95) como “empréstimos que passam pelo filtro da língua”, onde se tem como base a língua guajajara que é ainda a porta de entrada para novas palavras da língua de contato (português). Essa lista de palavras emprestadas do português adaptadas à fonologia guajajara são reflexos dos fatores extralinguísticos que envolvem os falantes indígenas da Região de Barra do Corda-MA, tais como, a perda de algumas palavras nativas em virtude do contato com a sociedade envolvente que fala o português e tem influenciado os indígenas guajajara a usarem frequentemente essa língua tanto na escola quanto nas relações dentro e fora da aldeia. Outro fator são conceitos novos vindos da língua de contato, que os indígenas acabam transferindo para o guajajara, sem criar na maioria das vezes um termo equivalente dentro da língua indígena. Na comunidade Guajajara, a maioria dos indígenas são bilíngues, por isso consideramos que eles podem estar inseridos num bilinguismo social, embora haja graus diferenciados de proficiência na língua de contato pelas mulheres da 1ª geração, em comparação ao português falado pelos homens.

e) Acomodação do padrão fonológico (por troca de fonemas do guajajara)

(18) aquele: ['akɪ]

O pronome demonstrativo do português ‘aquele’ corresponde no guajajara ao termo ‘akwez’ ['akwej]. Mas os falantes da 2ª geração, sexo masculino têm adotado fonemas da língua de contato ainda que seja com a redução de alguns fonemas que compõem essa palavra.

Os empréstimos do português adaptados à fonologia da língua guajajara tem evidenciado que a maioria dos falantes Guajajara, principalmente os mais novos, tem conhecimento ainda que não muito sistemático, da estrutura padrão da língua de contato, o português. Isso ficou claro para nós diante da tentativa do falante em aproximar-se do padrão silábico português acrescentando sílabas à palavra [goiaw] (goiaba) que se transformou em [g^waiabə] ~ [g^woiabi]. Enquanto outros falantes, da geração mais velha, acrescentam fonemas da própria língua em palavras oriundas do português, que não tem nenhum correspondente em guajajara, é o caso da palavra “moto”, que a falante adiciona o fonema [i] diante de ambiente nasal na sílaba inicial, ampliando o novo termo que veio da outra língua e assim modificando também sua pronúncia.

O que percebemos é que os falantes das três gerações pesquisadas têm mesclado no guajajara traços linguísticos das duas línguas nos novos termos do português e até mesmo em palavras nativas. Essas estratégias mostram que o grau de contato linguístico entre o guajajara e o português está envolvendo os falantes usarem parte da estrutura padrão portuguesa no interior de palavras em guajajara, e em palavras vindas do português o acréscimo de fonemas nativos. Thomason (2001) corrobora ao apontar que a perda de recursos fonético/fonológicos começa ser perceptível com a perda ou adição de novos fonemas no vocabulário da língua receptora, perda ou adição de estrutura silábica restrita.

f) Monotongação⁶

(19) geladeira: [ʒɛla'dɛrə]

(20) bacia: [basi:] ~ [basiə]

(21) fogueira: [fo'guerə]

Para ‘geladeira’ e ‘fogueira’ segue-se o mesmo padrão de pronúncia do português, a monotongação do ditongo [ej] em [e], não apresentando nenhuma modificação no padrão de pronúncia. Para “bacia” temos a monotongação de [ia] em [i] com prevalência da pronúncia

⁶ Martins (2003) em seu texto “Variação e mudança no português” traz a monotongação do ditongo [ej] em [e] mostrando as inovações do sul de Portugal como formas dialetais, variando formas como [sefar] ‘ceifar’, [fetu] ‘feito’ nos dialetos do português europeu. Outras formas que adquiriram monotongação foi o ditongo [ow] em [o], como em [oru] ‘ouro’, [ovir] ‘ouvir’, que segundo Martins (2003, p. 3) “passaram de variantes dialetais do sul a variantes normativas que substituíram formas mais antigas”. Portanto, a variação nos traços fonológicos ocorre na língua, já no português de Portugal. Essas variantes são observadas com frequência no português brasileiro. E o português aprendido pelos indígenas Guajajara apresentam essas mesmas variantes.

longa de [i] entre falantes da 1ª geração, sexo feminino. Marcas do português regional se faz presente também em guajajara, mostrando que o contato com falantes da língua doadora (português) tem influenciado o uso das mesmas marcas de variação em guajajara.

A monotongação é um fenômeno linguístico comum no falar maranhense. Santana (2014) estuda a variação de ditongos nasais átonos finais entre falantes da cidade de Imperatriz-MA. Os dados abaixo extraídos da autora mostram a alternância entre três variantes para verbos e nomes:

- a) realização como ditongo nasal: falaram, foram, homem, jovem.
- b) realização como vogal nasal: falarũ, forũ.
- c) realização como vogal oral: falaru, foru, homi, jovi.

(SANTANA, 2014, p. 82)

g) Paroxitonização

(22) óculos: ['ɔkus]

(23) ônibus: ['õmis]

(24) lâmpada: ['lãpa]

A paroxitonização é uma ocorrência que foi muito encontrada entre falantes da geração mais nova, sexo feminino. Esse fenômeno em português consiste em transformar palavras proparoxítonas em paroxítonas, ou seja, ocorre a redução da palavra. Mas em guajajara esse fenômeno tem se apresentado nem sempre com perdas somente de sílabas, como se nota em (22), o que se perde é parte da sílaba final, mantendo o [s] final. Da mesma forma ocorre em (23), o [s] final permanece, mas além da redução silábica há troca do fonema [n] por [m], o que favoreceu a nasalização de [o].

Araújo (2012) estuda a redução das proparoxítonas a partir dos dados do projeto atlas linguístico do Brasil (ALiB). A autora e demais estudiosos da Sociolinguística variacionista analisam a tendência das proparoxítonas sofrerem síncope, ou seja, a redução fônica por meio da perda de um ou mais segmentos em sílaba postônica. Araújo (2012, p. 8) descreve as seguintes proparoxítonas que se transformam em paroxítonas: “lâmpada > lampa e abóbora > aboba, entre outros exemplos”. As mesmas marcas do português regional são perceptíveis entre os Guajajara. O que sinaliza que o contato entre ambas as línguas tem influenciado também na fala dos indígenas o uso de uma variedade urbana.

5.2.1 Empréstimos semânticos

Müller e Viotti (2012, p. 137) dão uma definição bastante consensual para o que é semântica, “uma área da linguística que estuda o significado das línguas naturais. (...) para entendê-la, precisamos definir, antes, o que é significado”. Para esses autores, não é uma missão fácil tal tarefa, pois os estudiosos dessa área têm diferentes concepções acerca do que seja o significado. Nesta subseção trazemos empréstimos criados a partir da relação com palavras do português, em que os nativos têm se apropriado dos significados de termos da língua de contato para nomear novos objetos que entram em seu meio ou que eles passam a ter algum tipo de relação com esses novos significantes. Conforme mostram nossos dados.

(25) televisão:

<i>karaiw</i>	<i>apyterer</i>	<i>hexakaw</i>
[<i>karaiw</i>	<i>aʔuiterera</i>	<i>h-esak-aw</i>]
não-índio	alma	Vt-ver-NOM
		ver, assistir
'assistindo a alma do não-índio (<i>karaiw</i>) na televisão'		

(26) carro: [ˈkəmiəw]

(27) asfalto

[*kəmiəw-¹r-apɛ i-ʔihuni*]
Carro-R-caminho DESC.preto
'estrada de asfalto'
(lit: carro na estrada preta)

Para ‘carro’ temos o termo [ʼkəmiəw] que para o índio representa a mesma coisa de carro. Esse empréstimo mostra uma adaptação fonológica, que faz um apagamento da nasal palatal vozeada [ɲ] do português na palavra “caminhão”, pois em guajajara não há esse fonema. Uma vez que essa língua se caracteriza mais pela desnasalização. Por ter um significante que representa dois significados (carro e caminhão) temos uma transferência semântica, em que para o índio carro é chamado de caminhão.

Para a palavra ‘asfalto’ ocorre um processo de criação semântica, cujo referente é feito a partir de carro [kəmiəw] = carro [rapɛ] = caminho [iʔihuni] = preto, que designa caminho por onde o carro passa na estrada preta (asfalto). Esse termo foi usado por um falante da 2ª geração, sexo masculino, não sendo registrado pelos outros colaboradores da pesquisa.

Alguns itens da cultura não-indígena que têm adentrado nas aldeias têm sido nomeados em guajajara pelos falantes mais velhos, principalmente do sexo feminino que mostram se preocupar com a forte interferência da cultura dominante no ambiente indígena. Não podemos garantir, até o presente momento, se essas nomeações na língua indígena para objetos da cultura do branco serão propagados e usados pelas novas gerações, pois por ora elas estão praticamente no nível individual, sem uso incorporado por toda a comunidade, principalmente entre os mais jovens, que nomeiam os mesmos termos criados para “televisão” e “asfalto” com a nomeação na língua portuguesa.

Podemos analisar diante da entrada de objetos da cultura não-indígena entre os nativos, que a dominação cultural da língua politicamente influente (português) afeta a língua minoritária (guajajara), desprovida de poder político e status a uma constante adoção de novos termos para nomear objetos que nasceram fora de suas fronteiras.

Os itens a seguir fazem parte do universo escolar, os quais foram criados a partir da palavra ‘papel’ do português. O processo de criação semântica acontece de acordo com a terminologia de Haugen (1950, p. 215), denominado como empréstimos do tipo “*Loanblends*: substituição morfêmica bem como importação”. Palavras constituídas por elementos de duas línguas estão incluídos nessa terminologia. Conforme mostram nossos dados.

(28) livraria:

[ʼpape iməʔə-av]

papel vender-NOM

ou:

- (29) [*'pape muŋeta-haw*]
 papel ler-NOM
 ‘lugar onde se lê livros’
- (30) escola:
 [*'pape imuŋeta-hau*]
 papel-ler-NOM
 ‘lugar onde se ler’
- (31) digitar (escrever)
 [*'pape mupinipaw*]
 papel escrever
- (32) lápis/caneta
 [*'pape ikairi-haw*]
 papel-escrever-NOM
- (33) aluno:
 [*kuahare'ra u-zə-mu'-əˆ pape rere*]
 menino(a) 3-REFL-CAUS-NOM papel em.relação.à
 ‘expressar-se’
 (lit: aquele que se expressa a alguém)
- (34) caderno: [*'pape*]
- (35) livro: [*'pape*]

Nos itens que se referem tanto a objetos do mundo escolar (ensino/aprendizagem) quanto a pessoas que pertencem a esse meio, como aluno, seguem uma lógica lexical que faz referência à palavra “papel” em língua portuguesa. Confirmando os postulados de Haugen (1950, p. 214): “O contato entre as línguas possibilitou a mistura de formas linguísticas das duas línguas numa palavra”. Percebemos a formação de novas palavras em guajajara a partir da combinação da palavra do português ‘papel’, que foi adaptada à fonologia guajajara e passou a ser escrita e pronunciada como ‘pape’. Os nativos da 1ª e 2ª geração têm reunido junto dessa palavra termos da língua guajajara para nomear outros objetos, pessoas referentes ao campo semântico de termos escolares para exprimir novos significados. No item livraria, por exemplo, o falante da 1ª geração, sexo feminino acrescenta ao lado de ‘pape’ a palavra na língua nativa [*imə'əŋ-au*], que significa “vender”. Para o falante guajajara esse morfema ao lado de ‘pape’ refere-se ao lugar onde vende livros, onde se faz leitura de livros. Outro falante, da 2ª geração, sexo masculino acrescenta ao lado de ‘pape’ a palavra na língua nativa [*mu'ŋeta-haw*], que significa “ler”, onde se lê livros. Para os termos ‘caderno’ e ‘livro’ é usado a mesma denominação: ‘pape’.

Percebemos nos itens listados de (28 a 33) a formação de palavras na língua guajajara por falantes da 1ª e 2ª geração pelo processo de hibridismo, conforme a tipologia de Haugen (1950) com os empréstimos do tipo *Loanblends*, palavras compostas por elementos de duas línguas distintas. Diferente da formação de hibridismo em outras línguas, geralmente compostas por palavras da mesma classe gramatical ou por uma palavra mais morfemas sufixais ou prefixais. Em guajajara as estratégias têm sido diferentes, os novos termos têm sido formados por classe de palavras bem diferentes: substantivo (do português) mais verbos do guajajara. A palavra do português “papel” funciona como referente para a criação de palavras com terminologia da área escolar. Contudo, falantes mais novos usam para esses mesmos termos a nomeação da língua portuguesa sem adaptação de qualquer ordem.

Os empréstimos semânticos usados para os itens escolares nos mostram um tipo de empréstimo em que os falantes operam com as duas línguas ao mesmo tempo, embora sejam elas tipologicamente diferentes. Quem apresenta essa prerrogativa de uso simultâneo das duas línguas aponta a proficiência tanto na língua indígena quanto na língua portuguesa. Isso reflete o alto grau de contato com a língua da sociedade envolvente e um bilinguismo social, tendo em vista que essas palavras são perfeitamente entendidas pela comunidade indígena.

5.3 Estrangeirismos de campos lexicais (sem adaptação ao guajajara)

A lista de palavras a seguir mostra itens lexicais do português que se incorporaram na língua guajajara sem adaptação fonológica ou morfológica, por isso consideramos esses campos lexicais como xenismos, ou seja, estrangeirismos vindos da língua de contato (português) que não perderam sua forma de escrita original ao adentrar na língua guajajara. Conforme mostram nossos dados.

(36) caneta: [kə'netə]

(37) caderno: [kə'dɛhnu]

(38) livro: ['livru]

Ressaltamos que esses itens escolares foram nomeados dessa forma por um falante da 3ª geração, sexo feminino. Diferentemente dos falantes da 1ª e 2ª geração que usaram empréstimos adaptados à fonologia da língua ou empréstimos semânticos para nomear tais objetos. (cf. subseções: 5.2. e 5.2.1).

pronunciam o fonema [z] em final de sílaba com som de [ɪ] [a'ʔɹɪ], conforme o padrão fonológico guajajara.

(50) ventilador: [vənti'lado]

(51) fogão: ['fugãʊ]

(52) copo: ['kɔpu]

(53) balde: ['bawɖɪ]

(54) forno: ['fohnʊ]

Para os itens (51) a (54) todas têm um correspondente em guajajara, exceto para ventilador que não é ainda um objeto de conhecimento e uso pela maioria dos indígenas. No entanto, mesmo essas palavras tendo nomeações na língua indígena são usadas com frequência na língua portuguesa por todas as gerações. Isso mostra que tais itens e palavras já fazem parte do cotidiano dos indígenas. Outro termo adotado em guajajara pela geração mais nova é ‘chapéu’. Como mostra o exemplo (55), no entanto se percebe entre falantes da 1ª e 2ª geração, que por vezes usa chapéu ~ ichapéu ~ ixapeu, respectivamente, acrescentando o fonema [ɪ] no início da palavra.

(55) chapéu: [ɪʃa'pɛʊ] ~ [ʃa'pɛʊ]

(56) sapato: [sa'pat]

No alfabeto guajajara não consta o fonema [s] usado na escrita para “sapato”, na pronúncia também foi gravado entre a geração mais velha como fonema [s]. Segundo Carl e Carole Harrison (1970. p. 218), essa palavra é registrada como: *Waxapat* ~ *xapat* e chapéu é registrado como [zapew]. A escrita do português é transferida para a língua guajajara, fato que reflete uma transferência do padrão ortográfico da língua de contato (português).

(57) bicicleta: [bisi'klɛta] bike: ['baikɪ]

(58) trem: [třem]

(59) avião: [a'viãʊ]

(60): barco: ['bahku]

(61) moto: ['mɔtu]

Para a palavra bicicleta temos o termo em inglês ‘*bike*’, não mais um estrangeirismo do português, mas sim de outra língua, o inglês e [bisi'klɛta], com pronúncia direta do português. Essas duas formas foram nomeadas pelos mais jovens (2ª e 3ª geração). Os mais velhos não denominaram em guajajara palavra para bicicleta, mostrando assim, tamanho o contato dos nativos com a sociedade envolvente. Isso também é possível pelo fato dos mais jovens na aldeia terem aula também de inglês. Fato que foi relatado pelo cacique, que disse que “a professora branca ensina até inglês pros meninos”. Essa realidade enfatiza o alto grau da presença do não índio no espaço dos nativos. O que pode ser um indicativo do conhecimento não só da língua portuguesa, que está mais próxima aos indígenas, mas também de outras diferentes culturas, como a inglesa.

Os indígenas Guajajara usam a língua de contato, o português, em diferentes circunstâncias tanto no ambiente indígena (aldeia) quanto na cidade. Quando estão na aldeia, a geração mais nova usa na escola mais a língua portuguesa na fala e escrita. A língua guajajara só é ensinada na escola das aldeias nas séries iniciais do fundamental (até a 2ª série), a partir dessa série o ensino básico só é dado em língua portuguesa, sendo que as aulas na escola das aldeias pesquisadas são ministradas por professores não-indígenas na maioria das disciplinas. Nos dias em que estive nas aldeias da Terra Rodeador, visitei uma escola, na oportunidade estava sendo ministrada aula de artes na 8ª série, em que os alunos estavam confeccionando vassouras para ornamentar o local onde seria realizado o batizado de um menino índio da aldeia. Eu aproveitei o momento e pedi para a professora solicitar aos alunos a escrita de um pequeno texto em guajajara sobre o evento que teria na aldeia, mas não foi possível obter os textos em guajajara, pois a professora disse-me que os alunos não estavam conseguindo escrever na língua guajajara; então ela perguntou se eles poderiam escrever em português mesmo. Diante dessa realidade, eu aceitei os textos em português. Esse fato levou-me a constatar que de fato o português se faz presente não somente em eventos de fala espontânea, mas também no ensino formal na escola e mesmo sendo ensinada a língua guajajara nas séries iniciais, a aprendizagem da língua não tem alcançado o nível de escrita para os alunos das séries mais avançadas.

Em outras circunstâncias observa-se mais o uso do português em momentos de lazer na aldeia, como por exemplo, quando os homens mais jovens estão jogando futebol, que geralmente é disputado entre outras aldeias e até mesmo entre não-indígenas que têm relacionamento com os índios. Mas, por vezes, se ouve os indígenas usando termos típicos do futebol em guajajara, que foram falados com alternância de código entre as duas línguas.

O repertório linguístico dos mais jovens apresenta distanciamento da fala dos mais velhos, à medida que a língua portuguesa avança entre os mais jovens, vai afastando-se das nomeações lexicais em língua guajajara, como percebemos na lista de termos lexicais do português nessa seção, em que os falantes fizeram a importação morfológica sem substituição, pois ocorreram de forma direta tanto na fala, quanto na escrita, sem fazer uso de adaptações fonético-fonológicas e morfológicas para a língua guajajara.

De acordo com Carvalho (1989), quando uma palavra ou conceito passa a ser usado em outra língua pode ocorrer adaptação deles dentro de outro aspecto. Comumente as adaptações linguísticas mais notáveis são a fonológica e morfológica. A primeira corresponde à substituição que o falante faz de fonemas de palavras vindas de outra língua por fonemas da sua língua materna na tentativa de aproximá-la do sistema fonológico de sua língua. A segunda corresponde à adaptação na forma escrita da palavra, ou seja, ocorre alteração na grafia, e é com essa alteração que a nova palavra passa a integrar na língua receptora. Contudo, nem sempre os falantes da língua receptora fazem qualquer tipo de adaptação para uma nova palavra ou conceito que se integra na língua materna deles, às vezes por diferentes razões ou é porque a tentativa de adaptação morfológica não corresponde à pronúncia e vice-versa ou porque acomodaram o termo sem nenhuma preocupação de adaptá-lo. Quando não ocorre nenhum tipo de adaptação do novo termo, eles são denominados xenismos, pois se integram na língua que adotou os termos sem se adaptar aos aspectos fonológicos ou morfológicos, mantendo assim a escrita original da língua que exportou a palavra.

Entre os Guajajara observamos que, na maioria das vezes, os empréstimos advindos do português ocorrem para preencher lacunas lexicais, pois há palavras do português que até o momento não tem um correspondente em guajajara, principalmente quando se trata de termos usados pelos falantes mais jovens (2ª e 3ª geração) de ambos os sexos. Outro fator que propicia os empréstimos entre os indígenas é a imposição cultural da língua dominante. Para entender os fatores que mais têm influenciado a adoção de itens lexicais de determinados campos semânticos da língua de contato no guajajara buscamos explicação nos determinantes sociais e culturais, pois o contato com a sociedade envolvente tem propiciado forte influência da língua de contato, o que ficou bem claro pela adoção de itens mais comuns ao mundo dos não-índios, como os meios de comunicação: rádio, celular, computador, etc. e os meios de transportes.

5.4 Adaptação sintática com alguns itens lexicais que compõem classes de palavras do português

Nesta subseção trazemos uma lista de léxicos coletados em nossa pesquisa que fazem parte de classes de palavras do português, e estão sendo usadas em contextos de fala e escrita entre os Guajajara, como numerais, substantivos, pronomes, advérbios e verbos.

Numerais (na contagem dos dias/tempo)

Em guajajara a contagem dos números é feita somente de um a quatro. Nem todos os falantes fazem uso do número quatro, este é mais usado entre os falantes mais velhos. Geralmente o que se observa são os mais jovens usando somente o numeral um e dois.

mitài = um
mokoz = dois
nairuz = três
uzihyrogatu = quatro

Os dados em (62), (65), (66), (71), (73) mostram a adoção de numerais do português, mais recorrentes entre falantes mais jovens, os mais velhos, na maioria das vezes ainda usam os números da língua guajajara quando precisam fazer referências numéricas que envolvam do número um até o número quatro. Conforme mostram os dados distribuídos nas diferentes gerações:

3ª Geração, sexo feminino

(62) *pítai semana*
ʔitəí semana
 ‘uma semana’

1ª Geração, sexo feminino

(63) *ko semana rehe*
 nessa semana

(64) *kwez amo semana rehe*
 ‘na outra semana’

Em guajajara não há números ordinais para os poucos que existem na língua (1- 4). Ao solicitar dos colaboradores na pesquisa sentenças com a contagem das semanas que davam

ideia de sequência ordinal: primeira, segunda, etc. não foi possível. Eles usaram outras estratégias, como o número cardinal um (*mítai*), para indicar primeira semana e advérbios de tempo na língua guajajara para representar as semanas subsequentes. É o caso do advérbio *rehe* em (63) e (64) que em guajajara pode funcionar em alguns contextos como tempo presente, quando na frase vem junto com o termo *ko*, um demonstrativo, que significa “este” usado quando está perto do falante, *rehe* pode também significar tempo futuro quando se apresenta com o demonstrativo *kwez* “aquele”, usado em contextos onde está longe do falante. Os exemplos (63) e (64) não se tratam de estar perto ou longe do falante, no entanto os falantes guajajara foram estratégicos na comunicação para indicar a contagem das semanas sem o uso de numerais ordinais que não tem na língua nativa e nem com a adoção de numerais ordinais da língua de contato. A adoção ocorreu no caso para a palavra “semana”.

2ª Geração, sexo masculino

(65) *kuzàtài ediminiar iwàpytym putar tàpui me uma semana katetewà*
 Moça menstruação fechada dentro casa/aldeia presa
 ‘a moça menstruou e ficou trancada uma semana dentro de casa’

(66) *akwez uma semana ipaxare akwez ma'e*
 naquele depois de passar naquele
 ‘depois de passar uma semana naquele lugar’

(67) *wiro'o pa até karok mehe*
 ‘até pela tarde’

(68) *putar zegar haw akwez hora mehe*
 vai começar a cantoria ADV
 ‘vai começar a cantoria naquela hora’

Algumas das palavras nas frases (65-68) acima, que indicam tempo decorrido, foram registradas nas narrativas de festas tradicionais como a festa do *moqueado*. O índio recorre a determinadas palavras do português (uma semana, hora, até...), na língua dos nativos parece não haver correspondentes para essas palavras, por isso adotam do português. Ao questionar o colaborador da 2ª geração, sexo masculino sobre o uso dessas palavras em português na fala dele, afirmou que muitas palavras na língua nativa se perderam com o tempo e por isso usa muitas palavras do português. Outro colaborador, também da 2ª geração diz que só sabe falar na língua indígena termos para ‘hoje, ontem, amanhã e depois de amanhã’, quando precisa se referir à contagem dos dias. E para saber o mês, se baseia pela lua. No restante, como para contar uma semana, usa mesmo termos do português.

A influência do não-índio é muito presente entre os Guajajara. Ao narrar a festa do moqueado, os indígenas relatam que ela não acontece mais como antigamente, tendo somente a presença dos nativos e músicas da tradição. Passaram a fazer parte também da festa, músicas da cultura não indígena e a entrada de bebidas. Segundo os colaboradores, os brancos, muitos casados com as índias, levam *pen drive* e até mesmo cantores não-índios para tocar no final da festa, logo depois do ritual da menina moça. Essa constatação é um tanto preocupante para a preservação da cultura e da língua desses nativos.

Quem também registra a presença de não-índios entre os Guajajara é o IBGE (2010) que mostra a questão dos nativos se declararem ou não como indígenas. O total da população nas duas Terras (Canabrava/Guajajara e na Rodeador) mostram os seguintes resultados, conforme mostram as tabelas adaptadas do IBGE:

Tabela 04- Terra Indígena Canabrava/Guajajara

Total	Declararam-se indígenas	Não se declararam, mas se consideravam indígenas	Não se declararam e nem se consideravam indígenas
7. 158	6. 970	163	23

Tabela 05 -Terra Indígena Rodeador

Total	Declararam-se indígenas	Não se declararam, mas se consideravam indígenas	Não se declararam e nem se consideravam indígenas
638	598	34	4

Fonte: Censo IBGE Indígena (2010, p. 7-8)

Os números revelam que há presença de não-índios no território dos nativos, o que aponta para uma situação de contato linguístico que pode levar à influência linguística e interferência na cultura.

Fishman (1977, p. 326), ao falar sobre a cultura nas etnias leva em conta três dimensões: “paternidade, patrimônio e fenomenologia”. A primeira, que é considerada a mais importante defende que a etnia seria em parte herdada dos pais e como os pais adquiriram a partir deles, e assim sucessivamente. Nesse sentido, etnia tem forte ligação com a noção de continuidade. A segunda concepção é a de patrimônio, ou seja, o legado deixado no comportamento, opiniões, gostos musicais e outros que são herdados das gerações anteriores. A terceira dimensão é a fenomenologia, que corresponde ao sentido que as pessoas atribuem à sua paternidade e ao legado étnico, a noção de pertencimento das pessoas a um determinado grupo étnico. Diante do relato do índio Guajajara, sobre a influência do não-índio em seu

meio cultural, essa terceira dimensão nos faz refletir que os ideais de tradição cultural, de pertencimento ao povo Guajajara pode estar afetado devido o intenso contato com o mundo do branco e os bens de consumo pertencentes a esse meio que estão adentrando cada vez mais no universo dos nativos.

Outro fator que mostra a forte presença do branco na aldeia são os madeireiros, que travam grandes invasões no ambiente dos indígenas para a derrubada de árvores. Isso tem influenciado também no contato linguístico, pois, segundo o índio, ele usa a língua do invasor, ou seja, a língua portuguesa, para falar que é errado a derrubada de árvores que pertencem à terra indígena. A justificativa do falante guajajara da 2ª geração, sexo masculino, ter conhecimento da língua do outro (invasor que fala português) para defender seu território, um bem que assegura a preservação do meio em que os nativos vivem e consequentemente preservar a cultura que é manifestada no ambiente dos nativos – a língua, as tradições. Diante dos relatos dos indígenas e de nossas observações *in lócus*, analisamos que o contexto social dos falantes guajajara são permeados por conflitos com a sociedade envolvente e ao mesmo tempo, o índio está inserido nela por precisar desse contato para ter acesso aos bens de consumo, à educação, à saúde e outros benefícios. Mas o conflito se instala no momento em que a sociedade não indígena tenta se apossar e violar dos direitos indígenas e ocupação de seu território.

Em vista disso, a língua que tem ocupado mais espaço nessa situação conflituosa é a língua portuguesa, a língua que detém o poder político, econômico e social. E é com o saber e uso da língua dominante que os Guajajara têm encontrado um meio de acesso aos seus direitos, indo com frequência à cidade mais próxima que os assiste, Barra do Corda, nos polos de saúde, na FUNAI e até mesmo em Brasília para lutar por seus direitos. O conflito entre os diferentes povos indígenas e brancos tem se estendido para o conflito linguístico nas aldeias, pois o uso do português não se delimitou somente à cidade, mas tem atingido em grande escala todas as gerações nas aldeias que em graus diferenciados de uso da língua de contato entre as três gerações de nossa pesquisa mostram o avanço do português entre os mais jovens e a resistência dos mais velhos em falar mais em guajajara e tentar transmitir para seus netos.

Continuando a análise de nossos dados temos exemplos de falas elicitadas em que ocorre a adoção de numerais da língua portuguesa para citar datas, na contagem do tempo decorrido e para contagem em tarefas que exigem raciocínio matemático.

Em (69) temos uma sentença que apresenta um número mais elevado “30” para referir-se a contagem dos dias. Veja que ao mencionar a data do mês, a falante da geração mais

velha, recorre ao numeral em português, porém o que se mostra interessante é o uso de [a'ε] (pronome 3ªp.pl) para indicar que são muitos dias.

1ª Geração, sexo feminino

(69) *kutàri trinta a'ε*
hoje dia trinta 3ªp.pl
‘hoje é dia trinta (do mês de agosto)’

(70) **Dezenove** de abril *tenetehar i'ar*
índio dia
‘o dia do índio é dezenove de abril’

(71) *a-puta duas horas* banco *pe*
1ªP.S-fiquei LOC
‘eu fiquei duas horas no banco’

Em (72) a falante da 1ª geração faz uso do numeral dois [*mukuz*] em guajajara. Em contrapartida em (73) o falante da 2ª geração faz uso do mesmo numeral em português adaptando a pronúncia na língua indígena. Mas ao mesmo tempo, que a falante da geração mais velha usa os numerais na língua nativa, ora ela usa na língua portuguesa, sem menor sinal de variação na fala e escrita para se adaptar ao guajajara, como podemos observar em (71) para a contagem do tempo decorrido no banco.

(72) *ànàm umè'ekar mîtài moto mukuz ìmotà kury*
əŋan u-me'ekar(i) mîtài mɔtu mukur imotə kuri
parente V.t- comprar uma moto duas moto agora
‘o parente comprou mais uma moto, agora ele tem duas’

2ª Geração, sexo masculino

(73) *idianane ume'ecari mytáy mota a'e reta doi moto curí*
idʒiəñã u-me'ekari mîtài mɔtə a'ε hɛta doi mɔtu kuri
parente V.t-comprar uma moto 3ªP.S. tem duas moto agora
‘o parente comprou mais uma moto, gora ele tem duas’

Os numerais em guajajara são uma das classes de palavras mais adotadas da língua portuguesa, tendo em vista que na língua dos nativos só tem do número um até o quatro. Mesmo tendo em seu inventário essa pequena quantidade numérica, percebemos entre os falantes da 2ª geração, sexo masculino, o uso dos números um e dois como é registrado na língua portuguesa, conforme dados em (65), (66) e (73), isso denota a substituição numérica

da língua indígena pelo inventário numérico da língua portuguesa. Aos poucos, entre os mais jovens, nota-se a perda de muitas palavras da língua guajajara. O preocupante em relação aos numerais, é que estes já são poucos e ainda assim são usados na maioria das vezes em português. Matras (2007) vem reafirmar sobre a realidade dos falantes guajajara referente ao sistema de numerais indígenas que é visto prestes a um declínio, e a geração mais jovem mostra mais preferência por números emprestados.

Substantivos

Alguns substantivos da língua portuguesa identificados na língua guajajara foram usados em relatos de festas tradicionais dentro da cultura Guajajara, conforme mostram os dados (74) a (76).

2ª Geração, sexo masculino

(74) *kwehe mehe na heta kwaw akwez karaiw nazewe kwez **interferência** zane **cultura***
 ‘antigamente não tinha a interferência do branco, não era assim nossa cultura’

1ª Geração, sexo masculino

(75) *uiko heremimino se wàty aitchak putar **batizado***
está neto aqui ver
 ‘estou aqui pra ver o batizado do meu neto’

2ª Geração, sexo masculino

(76) *na reta pítich pape numetaral cutarí no uzurí qual **professora** queí*
na-heta ?i?ik papε muηeta-haw kutarí nu zuri kwaw profesô kwei
 NEG-teve NEG papel ler-NOM hoje NEG teve NEG professor RLZ
 ‘não teve aula porque a professora não veio’

O uso dos dois substantivos do português em (74) em guajajara mostra grande domínio do falante da 2ª geração que já tem formação superior. Nesse caso houve empréstimo de significantes do português, mas o significado é da língua indígena. Seu uso pelo falante aponta que o nível de conhecimento da língua de contato tem influenciado a aquisição de um repertório linguístico mais rebuscado.

Em (75) temos um contexto em que se tem na língua indígena uma nomeação mais próxima para o substantivo “batizado” do português, que é o verbo em guajajara “werog” registrado em Carl e Carole Harrison (1970, p. 212). Aqui o falante do sexo masculino, 1ª geração, que tem constante acesso à cidade não usa o verbo na língua guajajara para representar o nome, e recorre mesmo ao padrão português.

A sentença (76) foi elicitada, diferente das outras duas acima. Aqui o falante da 2ª geração, cujo nível de escolarização é o ensino médio usa um substantivo do português que tem na língua guajajara e é denominado como [*purumu'e ma'e*] “professora”, no entanto, usa para essa palavra o significante da língua de contato por não recordar no momento de sua fala a nomeação para esse termo em guajajara.

Pronomes demonstrativos

Os pronomes demonstrativos do português em guajajara têm sido adotados pelos falantes mais jovens com traços de redução vocabular e de adaptação à fonologia guajajara. A interferência revela-se ainda de forma não totalmente direta com grafia e pronúncia tal como da língua de contato.

2ª geração, sexo masculino

- (77) **aque** *awá ne remequal*
akí awa nɛ he-menu-kwaw
 DEM ARG.homem NEG POSS-marido-NEG
 ‘aquele homem não é meu marido’

- (78) **aqui** *cúza diaropyty qual*
akí kuzə dʒiaha-ʔitʃi kwaw
 DEM mulher alta-NEG NEG
 ‘aquela mulher não é alta’

Advérbios

O único advérbio encontrado foi “então”, classificado como advérbio de tempo. Foi usado no contexto da narrativa da festa do moqueado para dar sequência na fala e encadeamento das partes da narrativa. Esse tipo de classe de palavra funcionando na língua portuguesa é muito comum e estratégico em fala espontânea e também em eventos de fala como o que o falante guajajara estava fazendo no momento em que usou o advérbio. O

indígena, que tem nível de escolarização superior, diferente dos demais colaboradores na pesquisa, se apropria do recurso linguístico e da estrutura de narrativa da língua de contato.

2ª Geração, sexo masculino

- (79) **então** *uweru akwez ikatu haw ym karadi, e'u imytir ramo*
 ‘então trouxe aquilo que não é bom, cachaça, bebida dentro do nosso meio’

Verbos

A literatura coloca os verbos como uma das classes de palavras menos prováveis de serem adotadas em outra língua. Em guajajara percebe-se um número considerável de verbos que têm nomeação na língua dos falantes, no entanto, estão usando alguns verbos do português. Como se mostra em (80), não houve nenhuma adaptação de ordem escrita e/ou fonológica e flexional à estrutura da língua dos nativos. A adoção de verbos ocorreu de forma direta, mantendo a grafia e pronúncia do português.

1ª Geração, sexo feminino

- (80) *idimarai tape heremimino acompanhar ihá*
 brincadeira aldeia neto dele eu
 ‘eu vim acompanhar a brincadeira do neto dele na aldeia’

- (81) *a'e rupi katete a gostar tayra hewà*
 eu mesmo jeito filho dele
 ‘eu gosto do mesmo jeito do filho dele’

- (82) *a'e rupi katete u gostar hemymyr*
 ‘ele gosta do mesmo jeito do meu filho’

1ª Geração, sexo masculino

- (83) *se aitchak batizar heremimino kwei pe ype*
 aqui ver meu neto lá no rio
 ‘eu estou aqui pra ver batizar meu neto lá no rio’

Em (81) e (82) a falante adota o verbo do português, mas não o flexiona, mantendo a forma verbal (nominal) do infinitivo em português. Embora ela adote o verbo da língua de contato, não faz flexão de tempo, modo e pessoa. A interferência do verbo “gostar” da língua

de contato, ocorreu apenas no nível da forma nominal. A falante da 1ª geração, sexo feminino com um português não muito fluente, traz as marcas linguísticas da língua indígena junto ao verbo adotado, conforme os dados (81) e (82), onde coloca ao lado do verbo “gostar” os prefixos pronominais {-a} e {-u} que ocorrem com verbos transitivos. Eles se referem ao mesmo tempo ao ator e o objetivo ou objeto da ação.

Com esses dados analisamos que a adoção de verbos do português é feita de forma parcial entre falantes da 1ª geração, sexo feminino, pois da língua de contato toma-se apenas a forma nominal do infinitivo, as flexões são feitas com morfemas da língua indígena. A falante opera com os dois sistemas linguísticos ao mesmo tempo, isso dá indícios para nós de que, embora o grau de proficiência na língua de contato entre as mulheres mais velhas não seja até o momento tão fluente em relação ao português falado pelos homens, temos resultados de que os dois sistemas com estruturas tão distintas co-ocorrem no mesmo enunciado. Em comparação com a ocorrência do verbo em (83) do falante da mesma geração, porém do sexo masculino, que não mistura os morfemas flexionais das duas línguas.

3ª Geração, sexo feminino

(84) *nəni vendo ipirá*
 não peixe
 ‘não vendo peixe’

(85) *ma'a a'ε nəni foi?*
 INT 3ªP.S NEG
 ‘por que ele não foi?’

Entre a geração mais nova verbos do português são adotados em sua totalidade, forma nominal com flexão de tempo, modo e pessoa, exatamente como prescreve as normas de flexão verbal da língua portuguesa, conforme dados em (84) e (85). A geração mais nova tem deixado com frequência a aldeia para estudar, fazer cursos e os resultados do saber mais formal está aprimorando cada vez mais o domínio estrutural da língua de contato estendendo essa aprendizagem para a língua guajajara, que tem recebido no interior das orações elementos do português bastante sistematizado.

Em relação ao empréstimo de verbos notamos também que os verbos flexionais recebem mais empréstimos do português entre os falantes da geração mais velha, sexo masculino e entre os da geração mais nova, sexo feminino. Para os verbos descritivos, não observamos empréstimos da língua de contato. Estes foram realizados somente em guajajara.

Referente às classes de palavras mais emprestadas do português em guajajara entre as diferentes gerações pesquisadas por nós, observamos:

1º A categorias de nomes: referentes a meios de comunicação, meios de transportes e objetos. Essa classe foi emprestada em grande número por todas as gerações.

2º Numerais: o inventário numérico guajajara corresponde somente do numeral (1 a 4), o que favorece a tomada de empréstimos de números mais elevados do português. E mesmo tendo uma lista numérica pequena, os números (1-4) em guajajara em sua maioria são substituídos pelo inventário numérico (1- 4) do português, principalmente pelos falantes da 2ª e 3ª geração de ambos os sexos.

3º Verbos: ocorrem os empréstimos de verbos de forma direta (forma nominal e flexão do português) entre os falantes mais jovens, sexo feminino e entre os homens da geração mais velha. Somente entre as mulheres da geração mais velha que é tomada apenas a forma nominal do português (infinitivo), mas a flexão é feita com morfemas da língua indígena.

4º Conjunções: encontramos o uso das conjunções “e” e “ou”, estas funcionam em guajajara respectivamente como orações adversativas e orações alternativas e/ou subordinada condicional. Esse uso foi registrado entre falantes da 1ª geração, sexo feminino e 2ª geração, sexo masculino.

5º Pronomes: foi recorrente o uso de pronomes demonstrativos (aquele, aquela) em contextos em que a pessoa de quem se fala estava distante do falante. Registramos o uso desse pronome do português, somente entre falantes da 2ª geração, sexo masculino.

5.4.1 Adaptação sintática de conjunções do português em guajajara

Nesta subseção tratamos sobre algumas conjunções do português usadas pelos falantes guajajara em sentenças elicitadas e em gravações de eventos de fala.

Conjunção - “e”

1ª Geração, sexo feminino

(86) *a-ha kwez y'pe na-zuka e ipira*
 1ªp. s-fui RLZ rio-LOC NEG-pesquei e peixe
 ‘eu fui ao rio, mas não pesquei nenhum peixe’

1ª Geração, sexo feminino

- (87) *a-ha kwez y'pe na-zuka kwez ipira*
 1ªp.s-fui RLZ rio-LOC NEG-pesquei RLZ peixe
 matei
 peguei
 ‘eu fui ao rio, (mas) não pesquei nenhum peixe’

Na sentença colocada para a falante guajajara da 1ª geração, sexo feminino, ela nos deu duas opções de construção para orações dependentes com sentido adversativo. Na sentença (86) temos a ocorrência da conjunção aditiva do português “e” funcionando como conjunção adversativa. Esta realça o sentido contrário da primeira oração. O falante guajajara já faz a interferência de elementos gramaticais do português em sua língua. Isso nos mostra que o grau de contato entre ambas as línguas está além do nível lexical. O falante tem organizado a estrutura da frase da língua nativa adotando itens gramaticais do português (conjunção). Ao passo que a partícula na língua “zepe” que indica sentido adversativo, restringiu o uso somente a um falante.

Em (87) o que da ideia de que a atividade de pesca não teve êxito é o uso do morfema de negação {-na} junto ao verbo pescar. Assim como na sentença (88) que além do morfema de negação junto ao verbo, o falante da 2ª geração enfatiza com o uso da partícula de negação {kwaw}.

2ª Geração, sexo masculino

- (88) *aha kwez y'pe na-zuka kwaw ipira*
 1ªp.s RLZ RIO-loc NEG-pesquei Pt.NEG peixe
 ‘eu fui ao rio, (mas) não pesquei nenhum peixe’

Ou:

- (89) *a-ha zepe kwez y'pe na-zuka kwaw ruku pira*
 1ª p.s-fui porém RLZ rio-LOC NEG pesquei nenhum peixe
 ‘eu fui ao rio, porém não pesquei nenhum peixe’

Somente na sentença (89) que o falante da 2ª geração depois de mostrar a construção (88) nos apresenta uma opção com o uso de “zepe”, uma partícula que na língua indica “infelizmente, porém”. Conota a falta de êxito em determinada atividade, às vezes frustração consigo mesmo, tal como o contexto da sentença (90) e (91) em Carl e Carole Harrison (1970).

(90) *A pe ka'a pyte pe, a'e pe uruiko zepe.*
Lá no meio da mata, lá estivemos (infelizmente).

(91) *Uzemi'i kar zepe.*
Ele foi caçar sem matar nada.

(CARL; CAROLE HARRISON, 1970, p. 236)

Conjunção - “ou”

Para a conjunção “ou” constata-se aproximação com o português, tanto na escrita, quanto na pronúncia entre os falantes mais velhos, como mostram os exemplos (92) e (93).

1ª Geração, sexo feminino

(92) *kamiaw pupe ereho ow ônibus pupe ereho*
kamiəw pupe ɛɛ-hɔ ow ônibus pupe ɛɛ-hɔ
carro ADV.dentro 2ªP.S-ir ou ônibus ADV.dentro 2ªP.S-ir
'ou você vai dentro do carro ou vai dentro do ônibus'

2ª Geração, sexo masculino

(93) *né erro iwira mawá ó iwirá mawá rupé*
nɛ-hɔ iwíra mawa ô iwíra mawa-(u)hupe
2ªP.S-ir carro ou carro-grande
'ou você vai de carro ou vai de ônibus (carro grande)'

Em (95) e (96) temos na fala da 2ª geração a adoção direta para a conjunção alternativa “ou”.

1ª geração, sexo feminino

(94) *he-puru kwaw wer hehe peho putar*
1ªP.S-DESTRN saber DESID 3-a.respeito.de 2ªp.pl-ir querer
'quero saber se vocês vão ou não'

2ª geração, sexo masculino

(95) *purucuawerí penehe perotorí ou nane*
puru-kua-wɛrí pe-nɛhɛ pe-ru-turi ou nani
DESTRN-saber-DESID.quero LOC-FUT 2ªp.pl-vão ou NEG
'quero saber se vocês vão ou não'

- (96) *uer-eko putar ou ihy ru'u ra'a tu akwez ou ipaze*
pode-estar com mãe pai ou pajé
 ‘pode estar com a menina, a mãe ou pai da menina, ou pajé’

Construções que dão ideia de impor condição ao destinatário no enunciado foram todas registradas nas sentenças elicitadas com o uso da conjunção alternativa “ou” do português, que parece funcionar em guajajara mais com o sentido de subordinada condicional. O que se nota é a adaptação fonológica e escrita ainda entre a geração mais velha, sexo feminino, em contrapartida, a geração mais nova adota essa conjunção no interior das orações em guajajara mantendo a mesma forma de escrita e pronúncia da língua de contato. Outro ponto observado, é que as conjunções emprestadas do português, não ocorreram no guajajara como partículas separadas, elas ocorreram em orações dependentes interligando termos da oração.

Sobre os empréstimos de conjunções, Matras e Sakel (2007), no estudo da *Gramatical borrowability* afirmam que a categoria mais suscetível a empréstimos é a de conectores. O contato entre línguas possibilita que o sistema linguístico de uma língua interfira sobre o outro ocasionando a inserção de elementos da outra língua (fonte) no interior da estrutura da língua (receptora). Resultando na reorganização dos padrões linguísticos provenientes da inserção de elementos estrangeiros na língua. No caso apontado entre os Guajajara, o que ocorre é a inserção tanto de elementos lexicais quanto de elementos gramaticais da língua de contato (português) na língua receptora (guajajara).

Em relação à ocorrência de elementos gramaticais de uma língua em outra, Thomason (2001), Appel & Muysken (1987) observam que é um tipo especial de mudança linguística que leva a língua que adota a estrutura gramatical de outra língua se distanciar consideravelmente do padrão linguístico da sua língua de origem. Appel & Muysken (1987) traçam pelo menos cinco maneiras pelas quais empréstimos gramaticais podem potencialmente acontecer:

através da convergência
 através da influência cultural e empréstimo lexical
 através da aprendizagem de segunda língua
 através de substituição
 através da imitação dos padrões de prestígio
 (APPEL & MUYSKEN, 1987, p. 154)

Entre os colaboradores de nossa pesquisa aponta-se como um dos fatores que mais contribuem para a adaptação sintática de algumas categorias gramaticais do português, a

influência cultural, que tem desencadeado na interferência de elementos lexicais e gramaticais em razão da intensa situação de contato com a sociedade envolvente que fala a língua portuguesa. Além da aprendizagem formal do português pelos falantes da 1ª e 2ª geração, em que um já foi monitor bilíngue e outros da 2ª e 3ª geração estão cursando faculdade, fazendo cursos e trabalhando na cidade em contato frequente com a sociedade não indígena. Todos esses fatores podem estar influenciando a tomada de recursos gramaticais da língua de contato.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O contato linguístico entre o guajajara e o português nos mostrou nessa pesquisa diferentes graus de interferência da língua de contato (português) entre os falantes das três gerações. Essas diferenças foram refletidas na influência do português em vários níveis. No nível lexical, palavras de diferentes campos semânticos da língua de contato foram adotadas por todas as gerações pesquisadas, principalmente entre os mais jovens que têm transferido de forma direta terminologias da tecnologia, como meios de comunicação para seu repertório linguístico, sem fazer nenhuma adaptação de ordem escrita ou fonológica para o guajajara. É possível ver, ainda, a perda de alguns fonemas do guajajara sendo substituídos por fonemas da língua de contato. No entanto, entre os mais velhos é realizado o acréscimo de fonemas da própria língua em palavras oriundas do português que não têm nenhum correspondente na língua guajajara, fazendo com isso o ajustamento de fonemas da língua guajajara em palavras da língua de contato.

No nível semântico, ocorreram empréstimos criados por falantes da 1ª e 2ª geração. As criações semânticas foram feitas a partir da relação com palavras do português e outros com processo de criação dentro da própria língua indígena, mas adotando o significado da língua de contato. Nos empréstimos semânticos em guajajara, os falantes operam com as duas línguas ao mesmo tempo, embora sejam elas tipologicamente diferentes, o que aponta a proficiência dos nativos tanto na língua indígena quanto na língua portuguesa.

No geral, diferentes léxicos que compõem classes de palavras do português, como numerais, substantivos, pronomes demonstrativos, advérbios e verbos, são adotados em contextos de fala e escrita na língua guajajara por todas as gerações de ambos os sexos, sendo que entre os mais jovens, essa ocorrência é mais notável. Pois entre os mais velhos, os empréstimos das classes de palavras geralmente sofrem algum tipo de adaptação para o guajajara, seja de ordem fonológica ou escrita. Ao passo que entre as gerações mais novas ocorrem de forma direta, em sua maioria. Os verbos que são considerados por muitos estudiosos; Matras e Sakel (2007), Carvalho (1989) e outros avaliam que essa é uma classe de palavra menos suscetível de ser emprestada, por ser uma classe fechada e dotada de flexão. Em guajajara foi muito recorrente a adoção de verbos do português em contextos de fala e escrita, alguns de forma direta com forma e flexão do português pelos mais jovens e outros, usados pelos mais velhos, sexo feminino com forma nominal do português e flexão da língua guajajara.

Além de alguns léxicos que compõem classes de palavras do português, elementos gramaticais também são recorrentes na estrutura de orações em guajajara, como as conjunções. O grau de contato entre ambas as línguas está além do nível lexical. O falante tem organizado a estrutura da frase da língua guajajara adotando itens gramaticais do português. Em relação à interferência de elementos gramaticais do português, como conjunções pode implicar mudanças na estrutura da língua guajajara, sendo observada essa interferência em uma falante da geração mais velha, sexo feminino que já foi monitora bilíngue nas aldeias e entre os mais jovens (2ª geração).

A quantidade de fenômenos linguísticos em guajajara induzidos pelo contato com a língua portuguesa pode tornar essa língua indígena cada vez mais diferenciada de si mesma, de suas raízes, de sua estrutura lexical e gramatical. Um dos fatores que têm contribuído para tal são os fatores externos à língua guajajara, que estão atuando na atual configuração dessa língua. O contexto social dos falantes guajajara são permeados por conflitos com a sociedade envolvente e ao mesmo tempo, o índio está inserido nela por precisar desse contato para ter acesso aos bens de consumo, à educação, à saúde e outros benefícios. O conflito entre os diferentes povos indígenas e brancos tem se estendido para o conflito linguístico nas aldeias, pois o uso do português não se delimitou somente à cidade, mas tem atingido em grande escala todas as gerações nas aldeias que em graus diferenciados de uso da língua de contato entre as três gerações de nossa pesquisa, mostram o avanço do português entre os mais jovens e a resistência dos mais velhos em falar mais em guajajara.

Apontamos aqui de forma ainda preliminar os efeitos indiretos do contato linguístico entre a língua guajajara e a língua portuguesa, que na nossa observação em campo nos mostrou que a influência do português na língua guajajara é causada entre tantos motivos pelas pressões internas dentro da língua, como é o caso justificado entre alguns colaboradores da pesquisa, que afirmaram usar palavras do português na língua guajajara por não ter um correspondente na língua nativa quando se trata de novos itens da cultura não-indígena que adentram no meio dos indígenas ou que passam a ter acesso quando estão na cidade; entre esses itens estão nomes de alguns alimentos (bolo, pão, massa, etc.), meios de transportes, meios de comunicação, etc. Mas apesar do intenso contato com a língua portuguesa e a sociedade envolvente, pudemos observar certo grau de resistência da língua guajajara entre os mais velhos do sexo feminino que usam com mais frequência a língua guajajara e têm criado conceitos na língua nativa para a entrada de novos objetos e ensinado a língua nativa no dia a dia para seus netos.

O estudo sobre o contato linguístico entre o guajajara e o português nos suscitou no presente trabalho, o interesse pela investigação de demais aspectos linguísticos que são induzidos pelo contato linguístico, como a ordem dos constituintes em guajajara, além de um estudo mais detalhado sobre os empréstimos gramaticais do português (as conjunções), entre outros aspectos sintáticos, que pretendemos estudar em trabalhos futuros, visando esclarecer melhor a questão sobre possível mudança linguística induzida por contato íntimo das línguas.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Maria Youssef. **Fatores Linguísticos e Extralinguísticos no Estudo da Interferência**. Universidade Estadual de Maringá – UEM Maringá-PR, 9, 10 e 11 de junho de 2010 – ANAIS.
- ALBUQUERQUE, Francisco Edviges. O tratamento dos empréstimos na língua apinayé. In: BRAGGIO, Silvia Lucia Bigonjal; SOUSA FILHO, Sinval (Orgs). **Línguas e culturas macro-jê**. Goiânia. Editora Vieira, 2009.
- APPEL, René; MUYSKEN, Pieter. **Language contact and bilingualism**. London. Amsterdam Academic Archive, 1987.
- ANDERSON, Stephen R. Language typology and syntactic description. In: **Grammatical categories and the lexicon**. Vol III. New York. Cambridge University Press, 1985.
- ARAÚJO, Aluiza A. de. **A redução das proparoxítonas a partir dos dados do projeto atlas linguístico do Brasil**. Revista (CON)TEXTOS Linguísticos, Vitória, v. 6, n. 7, p. 7-19. 2012. Disponível em: <http://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/4615/3579>. Acesso em: 28, Abr. 2015.
- BASÍLIO, M. **Formação de classe de palavras no português do Brasil**. 3ª Ed. São Paulo: Contexto, 2013.
- BENDOR-SAMUEL, David. **A Phonemic Analysis of Guajajara**. Arquivo No. 028 of the Arquivo Linguístico (Summer Institute of Linguistics). 1963 In: www.sil.org. Acesso em: 06 de maio de 2014.
- _____. **Hierarchical Structures in Guajajara**. Arquivo Linguístico (Summer Institute of Linguistics). 1972. In: www.sil.org. Acesso em: 01 de maio de 2014.
- _____. **Gramática Pedagógica da Língua Guajajara: um esboço**. Nº 029 do Arquivo Linguístico (Summer Institute of Linguistics). Brasília, DF. 1969.
- BLOOMFIELD, Leonard. **Language**. London. Motilal Banarsidass, 1935. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=GfrdOn5iFwC&printsec=frontcover&dq=language&hl=ptBR&sa=X&ei=S4r7VISYD4uuggTk9YGQBA&redir_esc=y#v=onepage&q=language&f=false. Acesso em 2 de março de 2015.
- BRAGA, Alzerinda et al. **Línguas entrelaçadas: uma situação sui generis de línguas em contato**. *PAPIA* 21(2), pp. 221-230, 2011.
- BRAGGIO, Silva Lucia Bigonjal. **Reflexões sobre os empréstimos do tipo loanblend e direto na língua xerente akwén**. *Rev. Est. Ling.*, Belo Horizonte, v. 18, n. 1, p. 87-100, jan./jun. 2010.
- CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. Tradução: Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola editora, 2002.
- CARDOSO, Valéria Faria. **Aspectos morfossintáticos da língua Kaiowa (Guarani)**. 2008. Tese de doutorado. Instituto de Estudos da Linguagem – IEL da Universidade de Campinas.

Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000431965>. Acesso em 5, Dez, 2013.

CÂMARA Jr., Mattoso. **Estrutura da Língua Portuguesa**. 7ª Ed. Petrópolis: Vozes, 1976.

CARREIRA, Genne Eunice da Silva. **Parâmetros e macroparâmetros: um olhar sobre as línguas indígenas tembé e guajajara (tupi)**. 2008. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

CARVALHO, Márcia Goretti Pereira de. **Sinais de morte ou vitalidade? Mudanças estruturais na língua tembé**: contribuição ao estudo dos efeitos de contato linguístico na Amazônia Oriental. 2001. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Pará.

CARVALHO, Nelly. **Empréstimos linguísticos**. São Paulo. Editora Ática, 1989.

CARVALHO, José Porfírio Fontenele de. **Terra dos Guajajara**. 1987. (arquivo não publicado).

CASTRO, Ricardo Campos. **Interface morfologia e sintaxe em Tenetehára**. 2007. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais.

DIETRICH, Wolf. O tronco tupi e as suas famílias de línguas. Classificação e esboço tipológico. In: NOLL, Volker; DIETRICH, Wolf (orgs). **O português e o tupi no Brasil**. São Paulo: contexto, 2010.

DIXON, R. M. W. **Ergativity**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

_____. Noun Classes and Noun Classification in Typological Perspective. In: CRAIG, C. (Ed.). **Noun Classes and Categorization**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1986.

DUARTE, Fábio Bonfim. **Codificação de argumentos e ergatividade (cindida) em Tenetehára**. LIAMES 5 - pp. 111-142, Primavera 2005.

DUBOIS, Jean et al. **Dicionário de linguística**. São Paulo: Cultrix, 1973.

FERGUSON, Charles A. **Diglossia**. Word, vol. 15, 1959, pp. 232-251. Disponível em: <http://www.mapageweb.umontreal.ca/tuitekj/cours/2611pdf/Ferguson-Diglossia.pdf>. Acesso em: 7 de março de 2015.

FERREIRA, Marília. **Descrição de aspectos da variante étnica usada pelos parkatêjê**. Revista Delta. pp. 1-21, ago, 2004.

FISHMAN, Joshua A. **Bilingualism With and Without Diglossia; Diglossia With and Without Bilingualism**. Journal of Social. Vol. XXIII, nº 2, pp. 29-38. 1967. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/132791231/Joshua-Fishman-Bilingualism-with-and-withoutdiglossia-diglossia-with-and-without-bilingualism#scribd>. Acesso em 20 de março de 2015.

_____. Language and ethnicity. In: GILES, Howard. **Language, Ethnicity and Intergroup relations**. London: Academic Press. 1977, pp. 306-348. Disponível em http://www.tpsycho.uqam.ca/NUN/d_pages_Profs/D_Bourhis/Reprints/GilesBourhisTaylor1977.pdf. Acesso em 20 de Março de 2015.

FRANCESCHINI, Dulce do Carmo. Línguas indígenas e português: contato ou conflito de línguas? Reflexões acerca da situação dos Mawé. In: SILVA, Sidney de Souza. **Línguas em**

contato: cenários de bilinguismo no Brasil. Coleção: Linguagem e sociedade. vol. 2. Campinas: Pontes Editores, 2011.

GOMES, Mércio Pereira. **O índio na história: a saga do povo tenetehára em busca da liberdade.** Petrópolis: Vozes, 2002.

GÓMEZ MOLINA, José R. **Transferencia y Cambio de código en una comunidad bilingüe área metropolitana de Valencia (I y II).** Contextos XVII – XVIII/ 33-36, 1999 – 2.

GROSJEAN, F. **Life with two Languages: an introduction to bilingualism.** Cambridge: Harvard University Press, 1982.

HAUGEN, Einar. **The analysis of linguistic borrowing.** Vol. 26, nº 2 abril/junho de 1950, pp. 210-231. Disponível em: <http://www.jstor.org/discover/10.2307/410058?sid=21105564461121&uid=60&uid=2134&uid=2&uid=70&uid=389767971&uid=389767981&uid=3&uid=3737664>. Acesso em 7 de março de 2015.

HARRISON, Carl e Carole. **Dicionário Guajajara-Português.** 1970. Anápolis, GO: SIL. Disponível em: <http://www-01.sil.org/americas/brasil/publcns/dictgram/gjptdic.pdf>. Acesso em: 1º de maio de 2014.

HARRISON, Carl H. Verb prominence, verb initialness, ergativity and typological disharmony in Guajajara. In: DERBYSHIRE D.; PULLUM, G. K. (eds.). **Handbook of Amazonian Languages.** Berlim: Mouton de Gruyter, 1986, pp. 407-439.

HASPELMATH, Martin. Loanword typology: steps toward a systematic Cross-Linguistic. In: STOLZ, Thomas; BAKKER, Dik; PALOMO, Rosa Salas. **Aspects of language contact: New theoretical methodological and empirical findings with special focus on Romancisation Processes.** New York. Mouton de Gruyter, 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA ESTATÍSTICA (IBGE). *O Brasil Indígena: Línguas.* Disponível em: indigenas.ibge.gov.br/estudos-especiais-3/o-brasil-indigena/linguas. Acesso em 20 de outubro de 2013.

ISA-Instituto Socioambiental. Disponível em: <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/guajajara>. Acesso em 20, Out. 2013.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos.** Marcos Bagno; Maria Marta P. Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso (Trad.). São Paulo: Ed. Parábola, 2008.

LEITE, Yonne; CALLOU, Dinah; MORAES, João. Processos de mudança no português do Brasil: variáveis sociais. In: CASTRO, I. & DUARTE, I. **Razões e Emoção.** Miscelânea de estudos em homenagem a Maria Helena Mira Mateus. Vol. 1. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda: 87-114. 1998-2000.

LIMA, Lilian Castelo Branco de. **Os guajajara adolescentes e a literatura: Um resgate da tradição através das narrativas indígenas.** Disponível em: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/IIICILLIJ/Trabalhos/Trabalhos/S7/lilianlima.pdf>. Acesso em 4 de dezembro de 2013.

MARIANI, Betânia. **Colonização Linguística.** Campinas: Pontes, 2004.

MARTINS, Ana Maria. **Variação e mudança no português**. A Língua Portuguesa: Actas dos IX Cursos Internacionais de Verão de Cascais. Cascais: Câmara Municipal de Cascais e Instituto de Estudos Sociais. 2003.

MATRAS, Yaron. The borrowability of structural categories. In: MATRAS, Yaron; SAKEL, Jeanette. **Grammatical Borrowing in Cross – Linguistic Perspective**. Mouton de Gruyter. New York, 2007.

MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo; RASO, Tomaso. Os contatos linguísticos e o Brasil: dinâmicas pré-históricas, históricas e sociopolíticas. In: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo; RASO, Tomaso (orgs). **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

MELLO, Heliana; RASO, Tomaso. O contato intraindivíduo: aquisição de L2 e erosão de L1 no Brasil. In: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo; RASO, Tomaso (orgs). **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

MOLLICA, Maria Cecilia; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. 4ª Ed. São Paulo: Contexto, 2010.

MOORE, Deny. Línguas indígenas. In: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo; RASO, Tomaso (orgs). **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

MÜLLER, Ana Lúcia de P; VIOTTI, Evani de C. Semântica formal. In: FIORIN, José Luiz (org.) **Introdução à Linguística II: Princípios de análise**. 5 Ed. São Paulo: Contexto, 2012.

NEGRÃO, Fernandes Heber. **Música na mitologia Tenetehara**. Dissertação de Mestrado- Universidade Federal de Minas Gerais. 2008.

NOLL, Volker; DIETRICH, Wolf (orgs) **O português e o tupi no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2010.

OLIVEIRA, Gracinéa I.; MARANHÃO, Samantha M. **Arabismos do Campo Semântico do Vestuário na Língua Portuguesa das Minas Setecentistas**. Revista Eletrônica de Linguística. Volume 5, nº 2 – 2º Semestre 2011 -ISSN1980-5799. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/viewFile/13736/8165>. Acesso em: 12 de março de 2015.

PETTER, Margarida Maria Taddoni. Morfologia. In: FIORIN, José Luiz (org.) **Introdução à Linguística II: Princípios de análise**. 5 Ed. São Paulo: Contexto, 2012.

_____. A influência das línguas africanas no português brasileiro. In: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo; RASO, Tomaso (orgs). **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

PORTO, Renata Sobrino. **Os estudos sociolinguísticos sobre o code-switching: uma revisão bibliográfica**. Revista virtual de Estudos da Linguagem- ReVEL. Vol.5, n.9, agosto de 2007. ISSN 16788931. In: www.revel.inf.br. Acesso em 27 de agosto de 2014.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. **Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas**. São Paulo: Edições Loyola, 1994.

_____. **A composição em Tupi**. Revista Brasileira de linguística Antropológica, Brasília, v. 3, n.1, p. 23-29, jul. 2011a.

_____. **Análise morfológica de um texto Tupi.** Revista Brasileira de linguística Antropológica, Brasília, v. 3, n.1, p. 45-62, jul. 2011b.

_____. **Morfologia do verbo Tupi.** Revista Brasileira de linguística Antropológica, Brasília, v. 3, n.1, p. 63-86, jul. 2011c.

ROSA, Maria C. **Introdução à Morfologia.** 3ª Ed. São Paulo: Editora Contexto, 2003.

SAKEL, Jeanette. Types of loan: matter and pattern. In: MATRAS, Yaron; SAKEL, Jeanette. **Grammatical Borrowing in Cross – Linguistic Perspective.** New York: Mouton de Gruyter, 2007.

SANTANA, Orleane E. de. **Contato dialetal e o estabelecimento de uma variedade urbana em Imperatriz- Maranhão.** 2014. 151f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ. Disponível em: <http://www.letas.ufrj.br/pos-linguistica/wp-content/uploads/2014/10/SantanaOE.pdf>. Acesso em: 6, Abr. 2015.

SANTOS, Alessandra de Souza. **Léxico da língua wapichana: um olhar sobre os empréstimos da língua portuguesa.** Revista Prolíngua, vol. 2, n. 1 – Jan./Jun de 2009.

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DO MARANHÃO (SEDUC-MA). **Dicionário da língua Tentehar.** Coleção livros didáticos indígenas e indigenistas. 2010.

SILVA-CORVALÁN, Carmen. **Spanish in Four Continents: studies in language contact and bilingualism.** Washington: Georgetown University Press, 1995. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=XL5Z5E6O0Q4C&pg=PA13&lpg=PA13&dq=silva-corval%C3%A1n,+1994&source=bl&ots=e8rIFsVGed&sig=jgnYLxUilwEMZ5tBwIoEbl4xyo&hl=ptBR&sa=X&ei=iaf9VN3ZAoGcgwSF44KQCA&ved=0CGAQ6AEwBw#v=onepage&q=silva-corval%C3%A1n%2C%201994&f=false>. Acesso em 1 de março de 2015.

SILVA, Sidney de Souza. **Línguas em contato: cenários de bilinguismo no Brasil.** Coleção: Linguagem e sociedade vol.2. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

SILVA, Tabita Fernandes. **História da língua tenetehára: contribuição aos estudos histórico-comparativos sobre a diversificação da família tupi-guarani do tronco tupi.** 2010. 1145f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Letras da Universidade de Brasília. Disponível em: repositorio.unb.br/bitstream/10482/..2010_TabitaFernandesdaSilva. Acesso em: 23, Abr. 2013.

SILVA, Thais Cristófar. **Fonética e Fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios.** 10 ed. São Paulo: Contexto, 2013.

STOLZ, Thomas; BAKKER, Dik; PALOMO, Rosa Salas. **Aspects of language contact: New theoretical methodological and empirical findings with special focus on Romancisation Processes.** New York. Mouton de Gruyter, 2008.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística.** 8ª Ed. São Paulo: Ática, 2007.

THOMASON, Sarah. G. **Language Contact.** Washington, D.C.: Georgetown University Press, 2001.

VIEIRA, Marcia Maria Damaso. A negação sentencial em línguas da família Tupi-Guarani. In: CABRAL, Ana Suely Arruda Câmara; RODRIGUES, Aryon Dall' Igna (Orgs). **Línguas e Culturas Tupi**. Vol 1. Campinas-SP. Ed. Curt Nimuendajú, 2007.

WEINREICH, Uriel, LABOV, William, HERZOG, Marvin L. (Tradução Marcos Bagno). **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo. Parábola editora, 2006.

WEINREICH, U. **Languages in contact: Finding and problems**. New York: Linguistic Circle of New York, 1953.

WILMAR R, D'Angelis; VASCONCELOS. Eduardo A (Orgs). **Conflito linguístico e direitos das minorias indígenas**. Campinas, SP: Curt Nimuendajú, 2011.

WOHLGEMUTH, Jan. **A typology of verbal borrowings**. New York. Mouton de Gruyter, 2009.

ZANNONI, Claudio. **Conflito e coesão: o dinamismo Tenetehara**. Brasília: CIMI (Conselho Indigenista Missionário), 1999.

ANEXOS

Documentos comprobatórios dos colaboradores da pesquisa



ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CEP – COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário, em uma pesquisa. Abaixo estão todas as informações sobre a pesquisa, após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, em que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra do pesquisador responsável.

Em caso de recusa você não será penalizado(a) de forma alguma. Em caso de dúvida você pode procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da Unemat pelo telefone: (65) 3221 0000 ou pelo e-mail: cep@unemat.br

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA

Título do projeto: BILINGUÍSMO NA ETNIA GUAJAJÁRA: INCORPORAÇÃO LINGUÍSTICA DO PORTUGUÊS NA LÍNGUA

Responsável pela pesquisa: Tereza Maracaipe Barboza

Endereço e telefone para contato: Rua: Dona Albertina, 448 – apto 06 – Bairro Cavallhada. Cáceres – MT – CEP: 78200-000

Telefone: (65) 8163-5404

Equipe de pesquisa: Tereza Maracaipe Barboza

2-Instituição envolvida: UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO (UNEMAT) - MESTRADO EM LINGUÍSTICA

Endereço: Av. Santos Dumont s/n - Bloco II Centro de Pesquisa e Pós-graduação em Linguagem, Cidade Universitária - Bairro: DNER, CEP: 78.200-000 – Cáceres – MT.

2.1 -Responsável pela pesquisa: Tereza Maracaipe Barboza

Orientadora: Prof^a Dr^a Valéria Faria Cardoso-Carvalho

3- Objetivo da pesquisa: O objetivo deste trabalho consiste em fazer uma análise da situação de bilinguismo social vivenciada pelos Guajajára, considerando o contato entre a língua guajajára e o português, sobretudo, no que se refere aos aspectos lexicais. No intuito de saber quais os fatores linguísticos e extralinguísticos que têm influenciado os processos de empréstimos lexicais em guajajára. Pretendemos também com esse estudo elaborar um

glossário guajajára/português incluindo os neologismos incididos ou não pela situação de contato com línguas europeias, visando com isso constituir material para estudos futuros dentro da comunidade indígena. Esperamos que com este trabalho as novas gerações possam preservar suas raízes e cultura, por meio do registro da língua guajajára.

3.1 - Metodologia: Este trabalho busca detectar e analisar a influência lexical do português na língua dos indígenas guajajára moradores das aldeias Colônia, Jiruti, Taboca 1, e Jacu. Sendo a primeira pertencente à Terra Indígena Guajajára/Canabrava e as três últimas à Terra Indígena Rodeador. A coleta de dados será feita por meio de questionários com paradigmas verbais e nominais e listas de palavras, onde serão respondidos por escrito e também gravados. Pretende-se fazer também gravações de eventos de fala, que constituem narrativas de festas tradicionais do povo Guajajara.

3.2- Duração: De janeiro de 2014 até o mês de março de 2015.

3.3- Possíveis benefícios: Para a comunidade Guajajára o estudo a ser realizado será de grande importância, pois há poucas pesquisas sobre a língua desses índios, principalmente quando se trata de descrever a situação linguística advinda dos efeitos de contato com a sociedade não indígena. Os materiais produzidos na pesquisa pretendida, como a constituição de um vocabulário da língua guajajara incluindo os neologismos incididos ou não pela situação de contato com línguas europeias poderão subsidiar os recursos pedagógicos para a educação bilíngue dos indígenas em atividades de sala de aula. A pesquisa pretendida também poderá contribuir para o conhecimento da realidade sociolinguística dos indígenas Guajajara e para a implementação de políticas linguísticas para a educação bilíngue e políticas de fortalecimento e revitalização das línguas indígenas que em sua maioria encontram-se ameaçadas de extinção.

Esclarecemos que no período de participação e após o término da pesquisa, garantimos o sigilo, e direito de retirar o Consentimento a qualquer tempo. Garantimos também, qualquer tipo de dano sofrido pelo sujeito, advindo da pesquisa, respaldando sua total segurança pela pesquisadora.

Local e data Barra do Corda - MA 21/10/2014

Nome Jose Andre Pompeu dos Santos

Endereço Aldeia Jacu - Terra Indígena
Rodeador

RG/ ou CPF RG: 134999120007

Assinatura do sujeito ou responsável: Jose Andre Pompeu dos Santos

Responsável pela pesquisa Tereza Maracupe Barbosa

UNEMAT

Universidade do Estado de Mato Grosso

- PRPPG | Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação -

Av. Tancredo Neves - 1095 - Cavallhada
CEP 78.200-000, Cáceres/MT

Tel: (65) 3221 0080 -

E-mail: cep@unemat.br



COMITÉ DE ÉTICA EM PESQUISA
CEP - UNEMAT

Local e data Barragem do Corda - MT 22/10/2014

Nome Abiezer Pereira Olímpio

Endereço Aldeia Gtônia - Terra Indígena
Guajajara / Canabrala

RG/ ou CPF RG: 20626492002 - 5

Assinatura do sujeito ou responsável: x Abiezer Pereira Olímpio

Responsável pela pesquisa Tereza Mpracaque Barbosa

Local e data Barra do corda - MT 23/10/2014

Nome Maria de Lurdes Pompeu de Araujo

Endereço Akleia Jiruti - Terra Rodeador

RG/ ou CPF RG: 027499512004-8

Assinatura do sujeito ou responsável: *Maria de Lurdes Araujo

Responsável pela pesquisa Tereza Maracupe Barboza

Local e data Barrão do Corda - MA 20/10/2014

Nome Maria de Jesus Pompeu dos Santos

Endereço Taboca 1 Área Rorleador

RG/ ou CPF 045265352012-8 (RG)

Assinatura do sujeito ou responsável: Maria de Jesus Pompeu dos Santos

Responsável pela pesquisa Tereza Maracajá Barbosa

Local e data Barragem do Corda - MA 25/10/2014

Nome Deante Oliveira Fortino Guajajara

Endereço Aldeia Jiruti - Terra Rodeador

RG/ ou CPF ☒ Deante guajajara

Assinatura do sujeito ou responsável: ☒

Responsável pela pesquisa Tereza Maracupe Barbiza

Local e data Barra do Corda - MA 25/10/2014

Nome Michel Yanya Almeida Pompeu

Endereço Aldeia Jiruti - Terra Redonda

RG/ ou CPF _____

Assinatura do sujeito ou responsável: x Michel Yanya Almeida Pompeu

Responsável pela pesquisa Tereza Maracipe Barboza

Parecer favorável do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico)

Projeto de pesquisa: “BILINGUISMO NA ETNIA GUAJAJARA: INCORPORAÇÃO LINGUÍSTICA DO PORTUGUÊS NA LÍNGUA” de TEREZA MARACAIPE BARBOZA (UNEMAT/Cáceres)

PARECER 1:

O objetivo do projeto de mestrado é o de estudar a situação de contato linguístico do povo indígena Guajajara, no Maranhão, procurando avaliar a intrusão de itens lexicais do português no uso daquela língua indígena. Um dos produtos previstos da pesquisa é a constituição de um banco de dados lexicais contendo os neologismos e analisando, na sua formação, a influência do português. A metodologia é, fundamentalmente baseada em trabalho de campo de natureza etnográfica tradicional, utilizando a elicitación de dados através de questionários.

Estando o projeto bem fundamentado, sob orientação de pesquisador com experiência no tema, e tendo, ainda, em vista a necessidade de se desenvolver o estudo das línguas indígenas brasileiras, minha opinião é a de que o projeto merece ser implementado, através de viagens de pesquisa à área indígena. Faço apenas três ressalvas: (1) sente-se falta no projeto do uso de ferramentas computacionais – por exemplo, o banco de dados pretendido poderia ser melhor constituído com base em programas como o Lexique Pro (<http://www.lexiquepro.com/>); (2) sente-se falta no projeto de inserção da pesquisa em atividades educacionais da etnia – a reflexão conduzida a respeito das interferências da língua majoritária na língua indígena poderia ser conduzida com participação mais ativa dos membros da comunidade e os materiais produzidos poderiam impactar os recursos pedagógicos disponíveis para a educação bilíngue; (3) sente-se falta no projeto do uso de metodologia experimental e de discussão da questão mais recente da transferência/ erosão/ inovação entre línguas, de base cognitiva ou psicolinguística (cf. <https://experimentalfieldlinguistics.wordpress.com/tag/fieldwork/>). De qualquer forma, considero que **o projeto tem mérito e deve beneficiar-se de pesquisa de campo aprovada pela FUNAI.**

PARECER 2:

O estudo proposto pela pesquisadora é interessante e de grande valia para o conhecimento da situação da língua Guajajara. O projeto está bem organizado e textualmente bem escrito. A autora, no entanto, não definiu bem seu plano de estudo, ou seja, o tema e o título não estão de acordo com os objetivos propostos. O título aponta para um estudo mais sociolinguístico dos Guajajara. Já os objetivos para um estudo mais lexical. Ambos os estudos são importantes e podem ser feitos juntos, conforme a estudante propõe na reformulação do projeto. Considerando o interesse da estudante pela pesquisa com os Guajajara e por ter atendido ao solicitado no parecer anterior, **sou de parecer favorável à entrada da pesquisadora nas comunidades Guajajara.**

Aprovação da FUNAI para ingresso em Terras indígenas



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
PRESIDÊNCIA

Setor Bancário Sul, quadra 02, lote 14 – Edifício Cleto Meireles, 13º andar
CEP: 70070-120 Brasília/DF
Telefone: (61) 3247.6013/6014 – E-mail: presidencia@funai.gov.br



Ofício nº 52 /2015/GAB/PRES/FUNAI-MJ

Brasília, 04 de fevereiro de 2015.

À Sua Senhoria a Senhora
TEREZA MARACAIPE BARBOSA
Rua Dom Pedro I, nº 1431, Bairro Bacuri
65916-040 - Imperatriz/MA

Assunto: **Ingresso em terra indígena/ Proc. 08620056391/2013-54.**

Senhora Tereza Barbosa,

1. Cumprimentando-a cordialmente, encaminhamos anexa a Autorização para Ingresso em Terra Indígena nº 17/AAEP/PRES/2015, que concede à senhora o ingresso nas Terras Indígenas Rodeador, Aldeias Taboca I, Juriti, Jacu, e Terra Indígena Canabrava/Guajajara, Aldeia Colônia, povo Guajajara, com o objetivo de desenvolver o projeto de pesquisa intitulado “Bilinguismo na Etnia Guajajara: incorporação linguística do Português na língua Guajajara”.

2. Colocamo-nos à disposição para eventuais esclarecimentos pelos telefones (61) 3247 - 6039 e e-mail aaep@funai.gov.br.

Atenciosamente,


LUCIANA NOGUEIRA NÓBREGA
Chefe de Gabinete



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO

AUTORIZAÇÃO PARA INGRESSO EM TERRA INDÍGENA



Nº 17/AAEP/PRES/2015

IDENTIFICAÇÃO

Nome: Tereza Maracaípe Barbosa

Processo: 08620.056391/2013-54

Nacionalidade: Brasileira

Identidade: 14945762000-9 SSP/MA

Instituição/Entidade: Universidade do Estado do Mato Grosso- UNEMAT

Patrocinador:

OBJETIVO DO INGRESSO

Desenvolver a pesquisa científica intitulada "Bilinguismo na etnia Guajajara: incorporação linguística do Português na língua Guajajara".

EQUIPE DE TRABALHO

Nome	Nacionalidade	Documento
*****	*****	*****
*****	*****	*****
*****	*****	*****

LOCALIZAÇÃO

Terra Indígena: Rodeador – Aldeias Taboca I, Juriti e Jacu	Etnia: Guajajara
Terra Indígena: Canabrava/Guajajara - Aldeia Colônia	
Coordenação Regional: Maranhão	CTL:

VIGÊNCIA DA AUTORIZAÇÃO

Início: 04 de fevereiro de 2015

Término: 07 de março de 2015

OBSERVAÇÕES

*Esta autorização não inclui cessão de uso de imagem e som de voz dos índios, nem acesso ao conhecimento tradicional associado à biodiversidade.

*Remeter a Assessoria de Acompanhamento aos Estudos e Pesquisas - AAEP/Presidência/Funai, duas cópias da monografia, relatórios, artigos, livros, gravações, imagens e outras produções oriundas do trabalho realizado.

Autorizo.

Brasília, 09 de fevereiro de 2015.

FLÁVIO CHIARELLI VICENTE DE AZEVEDO
Presidente da FUNAI - Interino